

Adriano Rodrigues de Melo

***A RECONFIGURAÇÃO DA NOTÍCIA DE JORNAL NOS
MANUAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS***

*Belo Horizonte
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais
2008*

Adriano Rodrigues de Melo

***A RECONFIGURAÇÃO DA NOTÍCIA DE JORNAL NOS
MANUAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS***

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos lingüísticos.

Área de concentração: Lingüística do Discurso

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Wander Emediato de Souza.

Belo Horizonte

2008

Dissertação intitulada *A reconfiguração da notícia de jornal nos manuais didáticos de língua portuguesa: gêneros e tipos textuais*, de autoria do mestrando Adriano Rodrigues de Melo, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Doutor Wander Emediato de Souza
Orientador - UFMG

Profa. Eliana Amarante
(UFMG)

Prof. Malu Matêncio
PUC-MG

FALE / UFMG
Belo Horizonte
2008

**“O sentido nunca é dado antecipadamente. Ele é construído pela ação linguageira do
homem em situação de troca social.”**

(Patrick Charaudeau)

**“O que vemos é determinado pelo modo como vemos e este é determinado pelo lugar
de onde vemos.”**

(Bakhtin)

AGRADECIMENTOS

- Ao professor Doutor Wander Emediato que com competência, serenidade e amizade conduziu-me na pesquisa.
- Aos professores e colegas da pós-graduação da Faculdade de Letras / UFMG cujas conjecturas e pensamentos compartilhados foram essenciais para o amadurecimento e conclusões que resultaram neste trabalho.
- À minha querida mãe Wilma, cujos ensinamentos e valores foram suficientes para uma vida inteira.
- Ao meu irmão Flávio, companheiro de todas as horas, à Caroline, por fazer dos meus dias mais poéticos.
- Aos amigos: Nereu, Sandra, João Nelson e José Marques.
- À Iria da Conceição e à José Rodrigues, verdadeiros mestres na arte de viver.

RESUMO

Com o objetivo de se adequarem às sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais que orientam o ensino da língua portuguesa nas escolas de todo o país, os manuais didáticos vêm incorporando em suas páginas diversos gêneros discursivos. O objetivo é levar aos alunos uma série de gêneros importantes para a inclusão social e ao mesmo tempo promover práticas de leitura e escrita. Quando certos textos são extraídos de sua situação comunicativa original e colocados no manual didático para atender a uma finalidade pedagógica, algumas propriedades do gênero são modificadas na nova prática discursiva em que esses textos passam a ser consumidos e interpretados. É o que ocorre, por exemplo, com os textos de jornal.

Acreditamos, portanto, que a incorporação do gênero *notícia de jornal* ao manual didático traz algumas modificações nas características situacionais que definem o próprio gênero discursivo, já que a mudança situacional trará alterações nas restrições e parâmetros característicos do gênero. Essas “mudanças” nas propriedades características do gênero proporcionam o que chamamos neste trabalho de *reconfigurações*, conceito pertinente pela postura assumida na nova situação de comunicação – a situação sala de aula: de um gênero discursivo ligado a práticas sociais a um tipo de texto usado para simular práticas comunicativas.

RÉSUMÉ

Em vue de s'adapter aux PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) qui guident l'enseignement de la langue portugaise lès écoles au Brésil, les manuels didactiques intègrent de plus en plus dans leurs pages de différents genres textuels. Lè but serait d'apprendre aux étudiantes dès genres considérés importants pour l'inclusion sociale et, en même temps, de promouvoir la pratique de la lecture et de l'écriture à l'école. Néanmoins, quand certains textes sont extraits de sa situation de communication originelle et mis dans un manuel didactique em vue d'une finlité pédagogique, dès propriétés génériques sont modifiées dans cette nouvelle situation. Ces textes sont alors consommés et interprétés différemment. Ce justement ce qui se passe avec les textes de journal lorsqu'ils sont integres aux manuels didactiques.

Nous croyons que l'intégration du genre journalistique dans le manuel à des fins de didactisation fait modifier les caractéristiques situationnelles qui définissent le genre. Ces modofications des paramètres caractéristiques du genre vont déclencher ce que l'on appelle ici une reconfiguration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
PARTE I – PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	17
CAPÍTULO 1 - UMA PROBLEMÁTICA DA LINGUAGEM E DO DISCURSO.....	18
1.1 O contrato de comunicação.....	19
1.2 Os sujeitos da linguagem.....	22
1.3 Visadas discursivas.....	24
CAPÍTULO 2 - UMA PROBLEMÁTICA DOS GÊNEROS TEXTUAIS E DISCURSIVOS.....	26
2.1 Teorias sobre gêneros.....	26
2.1.1 Platão e Aristóteles.....	27
2.1.2 Bakhtin.....	29
2.1.3 Todorov.....	31
2.1.4 Bronckart.....	32
2.1.5 Bazerman.....	34
2.1.6 Marcuschi.....	36
2.1.7 Travaglia.....	37
2.2 A noção de gêneros segundo a teoria Semiolingüística.....	38
2.3 Posicionamento em relação às concepções sobre gênero.....	44
2.4 Gênero textual x gênero discursivo.....	45
2.5 Texto x gênero.....	46
CAPÍTULO 3 - DISCURSO, GÊNEROS DISCURSIVOS: JORNALISMO E ENSINO.....	49
3.1 Discurso de informação.....	49
3.1.1 Gênero notícia de jornal.....	53
3.1.2 Notícia versus reportagem.....	55
3.2 O discurso didático.....	56
3.2.1 O histórico do manual didático.....	57
3.2.2 Manual didático de língua portuguesa.....	60
3.3 Situação de comunicação jornalística.....	63
3.4 Situação de comunicação didática.....	66
PARTE II – A RECONFIGURAÇÃO DA NOTÍCIA DE JORNAL.....	70

CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	71
4.1 Procedimentos de coleta de dados.....	72
4.2 Procedimentos de análise.....	75
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE.....	77
5.1 Notícia de jornal impressa Toneladas de peixes mortos na lagoa.....	77
5.1.1 Análise da notícia na situação de comunicação jornalística.....	77
5.1.1.1 Identidade dos parceiros.....	80
5.1.1.2 Finalidade.....	82
5.1.1.3 Tematização / problematização.....	83
5.1.1.4 Dispositivo.....	84
5.1.1.5 Outros elementos característicos da notícia Toneladas de peixes mortos na lagoa configurados pela situação de comunicação jornalística.....	87
5.1.1.5.1 Enunciação da notícia.....	87
5.1.1.5.2 Título da notícia.....	94
5.1.1.5.3 Fotografia.....	96
5.1.1.5.4 Assinatura da notícia.....	99
5.1.1.5.5 A data.....	100
5.1.2 Análise da notícia na situação de comunicação didática	101
5.1.2.1 Identidade dos parceiros	105
5.1.2.2 Finalidade.....	108
5.1.2.3 Tematização / problematização.....	109
5.1.2.4 Dispositivo.....	110
5.1.2.5 Outros elementos característicos da notícia Toneladas de peixes mortos na lagoa reconfigurados pela situação de escolar.....	113
5.1.2.5.1 Enunciação da notícia.....	113
5.1.2.5.2 Título da notícia.....	114
5.1.2.5.3 Fotografia.....	116
5.1.2.5.4 Assinatura da notícia.....	118
5.1.2.5.5 A data.....	119
5.1.2.6 Atividades propostas para a notícia de jornal no manual didático.....	120
5.2 Notícia de jornal on-line Só a roupa do corpo.....	125
5.2.1 Análise da notícia na situação de comunicação jornalística.....	125
5.2.1.1 Identidade dos parceiros.....	128
5.2.1.2 Finalidade.....	129
5.2.1.3 Tematização / problematização	131
5.2.1.4 Dispositivo.....	131
5.2.1.5 Outros elementos característicos da notícia Só a roupa do corpo configurados pela situação de comunicação jornalística.....	132
5.2.1.5.1 Enunciação da notícia.....	133
5.2.1.5.2 Título da notícia.....	135
5.2.1.5.3 A data.....	135
5.2.2 Análise da notícia na situação de comunicação didática.....	136

5.2.2.1 Identidade dos parceiros.....	137
5.2.2.2 Finalidade.....	139
5.2.2.3 Tematização / problematização.....	140
5.2.2.4 Dispositivo.....	140
5.2.2.5 Outros elementos característicos da notícia Só a roupa do corpo configurados pela situação didática.....	143
5.2.2.5.1 Enunciação da notícia.....	143
5.2.2.5.2 Título da notícia.....	144
5.2.2.5.3 A data.....	145
 CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 148
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 156
 ANEXO 1	 158
 ANEXO 2	 159

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E SIGLAS

QUADROS

QUADRO 1 – Quadro enunciativo de Charaudeau.....	23
QUADRO 2 – Processo de categorização em rede.....	43
QUADRO 3 – Lista de escolas e os livros utilizados por elas na 6º série do ensino fundamental.....	72
QUADRO 4 – Os sujeitos da notícia de jornal impressa Toneladas de peixes mortos na lagoa no quadro enunciativo.....	81
QUADRO 5 – Enunciados implícitos subentendidos.....	91
QUADRO 6 – Planos argumentativos.....	92
QUADRO 7 – Contrato de Comunicação para a notícia de jornal na situação de comunicação didática.....	108
QUADRO 8 – planos de enunciação da notícia TPML na situação S2.....	114
QUADRO 9 – Notícia de jornal on-line Só a roupa do corpo	127
QUADRO 10 – Os sujeitos da notícia no quadro enunciativo.....	129
QUADRO 11 – Quadro de caracterização do discurso relatado e descrição das siglas.....	133
QUADRO 12 – Planos de enunciação da notícia.....	134
QUADRO 13 – Quadro enunciativo da notícia SRC intercalada ao manual didático....	138
QUADRO 14 – Planos de enunciação da notícia SRC na situação escolar.....	144

FIGURAS

FIGURA 1 – Página de jornal com a notícia Toneladas de peixes mortos na lagoa.....	79
FIGURA 2 – Notícia de jornal inserida no manual didático.....	103
FIGURA 3 – Fotografia da notícia Toneladas de peixes mortos na lagoa no jornal impresso.....	117
FIGURA 4 – Fotografia da notícia Toneladas de peixes mortos na lagoa no manual didático.....	117
FIGURA 5 – Página do manual didático – livro do professor. Atividades sobre a notícia Toneladas de peixes mortos na lagoa.....	122
FIGURA 6 – Página do manual didático – livro do professor. Atividades sobre a notícia Toneladas de peixes mortos na lagoa.....	123
FIGURA 7 – Notícia de jornal on-line Só a Roupa do corpo inserida no manual didático.....	142
FIGURA 8 – Atividades do manual didático.....	146

SIGLAS

- S1 – situação de comunicação jornalística.
S2 – situação de comunicação didática.
MDLP – Manual didático de língua portuguesa.

INTRODUÇÃO

Como professor de língua portuguesa, há vários anos observo as práticas pedagógicas em evidência no sistema escolar brasileiro. Apesar dos avanços no ensino da língua materna, problemas sérios emergem nesse início de século XXI, revelando uma grande dificuldade na formação dos sujeitos que, em sua grande maioria, deixam a escola sem desenvolver as competências básicas de leitura e de escrita.

As novas especificidades do ensino vão ao encontro da percepção de que a sociedade mudou e com ela o papel do profissional docente. A repetição de velhas fórmulas nas práticas escolares parece não atender às demandas da sociedade atual que reclama a eficiência dos processos escolares na formação do aluno. Os próprios professores reconhecem os problemas no sistema educacional brasileiro: em pesquisa realizada pela revista Nova Escola, 23% dos professores entrevistados disseram que a educação no Brasil é péssima ou ruim e 33% acreditam que a educação no Brasil continuará péssima nos próximos dez anos¹.

Não é objetivo desta pesquisa entender os problemas do sistema educacional brasileiro, pois esses são oriundos de uma série de fatores que aqui não caberia ilustrar. Mas seria interessante que esta pesquisa ao debruçar-se sobre um fenômeno lingüístico, pudesse visualizar como ele está relacionado a velhas práticas pedagógicas que emperram o a eficácia do processo de ensino/ aprendizagem.

Para o desenvolvimento da pesquisa restringimo-nos ao ensino da língua portuguesa e destacamos como um dos principais problemas a repetição de práticas já notoriamente

¹ Fonte: Revista Nova Escola nº 207 de novembro de 2007. Pesquisa realizada pela revista Nova Escola/ IBOPE com 500 professores de escolas públicas do Brasil.

percebidas como ineficazes. Como pesquisadores nos atemos a teorias lingüísticas, mas sempre pensando como os elementos teóricos podem realmente contribuir de forma concreta e eficaz para a formação dos nossos estudantes.

Sabemos que avanços significativos têm modificado as práticas de ensino/aprendizagem da linguagem no nível fundamental do ensino regular, mas alguns problemas persistem, como a repetição de modelos de ensino e de práticas que não correspondem aos objetivos e necessidades de educadores e de educandos. O ensino da língua materna caracterizado pelo ensino de regras gramaticais ainda é uma prática comum nas escolas que acabam priorizando mais o conteúdo do que o próprio educando. Dividindo espaço com um ensino voltado para a mera aquisição de conteúdos e regras, está a discussão de um ensino que propicie o desenvolvimento das competências de escrita, compreensão e leitura. O texto, nesta segunda perspectiva, vigoraria em sala de aula como objeto de estudo, ao invés de servir de pretexto para o ensino das regras gramaticais e formais.

Os manuais didáticos, embora a maioria esteja perdida quanto o que ensinar nas aulas de língua portuguesa, também têm apresentado alguns avanços significativos quanto ao ensino da língua. Com o objetivo de se adequarem às sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais que orientam o ensino da língua portuguesa, os manuais didáticos de língua portuguesa vêm incorporando em suas páginas diversos gêneros. O objetivo é de que o ensino da língua seja realizado através dos gêneros “cujo domínio é essencial à efetiva participação social.” (MEC/SEF, p. 53). Essa orientação deveria, sem dúvida, enriquecer a prática de ensino da língua, mas a confusão entre gênero e texto acaba produzindo, a nosso ver, um equívoco: servir-se dos gêneros como pretexto para o estudo de regras gramaticais e de normas estruturais de composição dos textos e de sua tipologia.

Acreditamos que um dos problemas essenciais reside em uma significativa distorção no entendimento do que seria a promoção de um “domínio essencial” – conseguido através do ensino de gêneros – “à efetiva participação social”.

Pensamos que em cada campo da atividade humana há um grande repertório de gêneros que se relacionam a interações sociais, melhor dizendo, as práticas sociais realizadas na vida cotidiana são realizadas tendo em vista algum gênero discursivo: um telefonema, uma carta, um certificado, uma notícia de jornal, etc. Considerando que os gêneros fazem parte da vida das pessoas e a grande importância dos gêneros na inclusão e na participação social, é de extrema importância um estudo que avance no seu entendimento. Entretanto, acreditamos que a escola acabou absorvendo, na onda de modismos, e de forma bastante apressada, uma discussão ainda aberta entre o que seriam gêneros textuais, ou tipos de textos, e gêneros discursivos, como formas de interação social.

A pressa em adequar-se ao trabalho de ensino/ aprendizagem com os gêneros discursivos não permitiu que os educadores observassem alguns fenômenos relacionados à utilização dos gêneros. Neste trabalho, a observação do processo de ensino através dos gêneros permitiu visualizar um fenômeno curioso: a reconfiguração do gênero quando esse é intercalado ao manual didático. Como os manuais didáticos trazem uma série de gêneros, preferimos centrar um somente um: o gênero notícia de jornal.

A incorporação do gênero *notícia de jornal* ao manual didático traz algumas modificações nas características situacionais que definem o gênero discursivo, já que a mudança situacional trará alterações nas restrições e parâmetros característicos do gênero. Essas “mudanças” nas características situacionais do gênero proporcionam o que chamamos neste trabalho de *reconfiguração do gênero notícia de jornal*, conceito

pertinente pela postura assumida na nova situação de comunicação – a situação de sala de aula.

Diante do exposto, evidenciamos como objetivos específicos da pesquisa:

- (i) identificar os modos de apropriação dos gêneros na escola, especificamente nos manuais de língua portuguesa, buscando apontar seus modos de tratamento, suas estratégias de ensino e os problemas decorrentes da distorção entre o que seriam gêneros textuais e gêneros discursivos.
- (ii) analisar e problematizar – sob uma certa perspectiva aqui adotada – a utilização do tipo textual notícia de jornal na situação de comunicação jornalística e na situação de comunicação didática. Extraído de sua situação comunicativa original, a situação de comunicação jornalística, e incorporado ao manual didático para atender a uma finalidade didática, acreditamos que alguns parâmetros situacionais relevantes são modificados na nova prática discursiva em que esses textos passam a ser consumidos e interpretados.
- (iii) configurar, a partir das regularidades apresentadas pelo corpus, um panorama onde seja possível visualizar o processo de reconfiguração dos parâmetros situacionais dos gêneros discursivos, tendo em vista a situação S1 – domínio jornalístico – e situação S2 – domínio educativo.
- (iv) possibilitar, a partir do entendimento de como ocorre a reconfiguração dos gêneros, a criação de estratégias escolares que possibilitem o ensino/aprendizagem da leitura e escrita de forma eficaz e mais coerente.

Em termos de estruturais, a pesquisa será dividida em duas partes. Na primeira parte, será discutida a problemática acerca do discurso, e buscaremos estabelecer uma distinção entre gênero textual e gênero discursivo. Buscaremos também explorar as características discursivas da prática jornalística e do ensino escolar; assim como os métodos de análise que orientaram este trabalho.

A segunda parte do trabalho está destinada à análise da notícia de jornal na situação de comunicação jornalística, seguida de sua análise na situação de comunicação didática, buscando elucidar e descrever os parâmetros situacionais/ discursivos envolvidos em cada caso.

O trabalho terminará com uma conclusão sobre as contribuições da pesquisa para a compreensão do problema investigado, bem como levantar alternativas e perspectivas para que os gêneros discursivos sejam utilizados no ensino regular com maior eficácia.

PARTE I

PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO

CAPÍTULO 1 - UMA PROBLEMÁTICA DA LINGUAGEM E DO DISCURSO

Inicialmente, é pertinente delimitarmos o que entendemos por discurso: a linguagem em funcionamento em uma determinada situação de produção de sentido. O discurso manifesta-se em um texto voltando-se para além das regras do uso da língua. “É, pois, a imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produz sentido.” (CHARAUDEAU, 2006, p.40) A Análise do Discurso é um campo de estudos que vai interessar-se de forma ampla pelo objeto discursivo construído pelo uso da linguagem.

O gesto fundador da Análise do discurso foi a construção de um novo olhar sobre as práticas languageiras. A disciplina nasce no final dos anos 1960 devido à insuficiência dos modelos de análise de texto que vinham sendo praticados: modelos behavioristas² e estruturalistas³.

A Análise do Discurso sempre esteve comprometida com as questões de ordem social, relacionando a linguagem com os sujeitos históricos que a colocam em uso. A linguagem passa a ser um elemento importante no processo histórico em que sujeitos concretos interagem socialmente, assim, a linguagem deixa de ser vista apenas como um instrumento de comunicação para representar o mundo, para ser vista como um elemento importante para construção do sentido, observados elementos extralingüísticos que vão fornecer coordenadas importantes. Essa nova ordem aponta para a teoria da enunciação em que a análise de um enunciado remete a todo processo de enunciação.

² Perspectiva desenvolvida nos estados Unidos na primeira metade do século XX.

³ Modelos de estudo do texto que privilegiam a estrutura do texto – o texto basta por si só.

Como a Análise do Discurso tem por tradição o envolvimento com os mais diferentes objetos, os mais diferentes discursos; é natural, portanto, que abrigue uma multiplicidade de estudos e olhares. Não há, desta forma, nenhum constrangimento em dizer que a Análise do Discurso não é uma teoria fechada e centralizada em um construto conceptual autônomo. É justamente a diversidade de fontes, de metodologias e abordagens que permite a disciplina um certo vigor. Além do mais, a diversificação permite o contato da disciplina com outras áreas do conhecimento como as Artes, a História, a Antropologia, a psicologia social, etc. O contato com outras áreas do conhecimento faz com que a disciplina torne-se cada vez mais abrangente e inclua cada vez mais práticas de linguagem em seu universo.

Através da Análise do discurso percebeu-se que para se buscar o sentido de um texto é preciso mais do que simplesmente decodificar signos, identificar elementos estruturais e formais. Para se buscar o sentido de um texto é necessário levar em conta os elementos externos ao texto que compõem a enunciação (acontecimento lingüístico em um determinado contexto), recuperando um pouco do contexto de enunciação. Com isso, surge a idéia de que o sentido discursivo é construído com os elementos lingüísticos encontrados no texto, mas também pelos elementos extralingüísticos que compõe o contexto do ato de linguagem.

1.1 O contrato de comunicação

A noção de contrato de comunicação é considerada, segundo a teoria Semiolingüística, como “um quadro de determinações necessárias à configuração do lugar de produção dos sentidos sociais, bem como o lugar de seu reconhecimento.” (MARI,

2002, p. 35) O contrato de comunicação designa o que faz com que o ato de comunicação (tanto a produção como a interpretação) seja tido como válido, do ponto de vista do sentido, sendo que a relação contratual depende do desafio construído no e pelo ato de linguagem.

O discurso instaura no texto um EU que se coloca frente a um TU, fazendo com que esses dois parceiros interajam em função de sua relação contratual. Assim, podemos dizer que os parceiros estão subordinados a um determinado número de convenções e restrições durante o ato de linguagem. Essas convenções e restrições que circulam socialmente como saberes partilhados e legitimados condicionam as práticas de linguagem.

O contrato de comunicação é importante por possibilitar a legitimidade daquele que fala, assegurando-lhe o direito a palavra, pois aponta a posição do sujeito falante na estrutura social na qual está inserido. É importante salientar que os elementos externos não são os únicos a garantir o direito a palavra, o comportamento linguageiro do falante também é importante por construir a credibilidade que é conquistada e negociada na situação linguageira.

A relação contratual leva em conta componentes mais ou menos objetivos pertinentes à expectativa do ato linguageiro:

- Comunicacional – é o quadro físico da situação de interação (presença de parceiros, se eles se vêem, etc.).
- Psicossocial – reconhecimento dos estatutos sociais nos quais os parceiros se encontram (idade, sexo, posição social, parentesco, etc.).
- Intencional – envolve conhecimento que cada parceiro tem de si e do outro para realizar-se sob dois princípios: qual a intenção e estratégia de manipulação.

A noção de contrato de comunicação propõe ser necessário considerar um conjunto de parâmetros para que ocorra a compreensão entre os parceiros na situação de comunicação. Caso haja o descumprimento de algum dos parâmetros (restrições) o querer-dizer do locutor pode ser prejudicado, assim como a compreensão do interlocutor.

De acordo com Charaudeau (1993), o processo de enunciação vai estabelecer uma relação contratual regida pelo postulado de intencionalidade que compreende quatro princípios indissociáveis uns dos outros, são eles: o princípio da interação, o princípio da pertinência, o princípio da influência e o princípio da regulação.

1- Princípio de interação → define o ato de linguagem como um fenômeno de troca entre parceiros que se encontram em uma relação interativa. Esses parceiros são semelhantes no que diz respeito aos saberes partilhados e finalidades. Há um duplo processo de intercompreensão: emissão-produção e recepção-interpretação. Os dois papéis (EUc, TUi) só poderão existir quando o interlocutor se engaja no processo de interpretação. Esse princípio funda a noção de contrato uma vez que implica o reconhecimento dos parceiros.

2- Princípio de pertinência → diz respeito ao reconhecimento entre os parceiros no ato de comunicação (instância jornalística, leitores da notícia de jornal), indicando quem e quando tem direito à palavra, mas também diz respeito se o que está sendo dito é apropriado à situação de comunicação. Segundo Charaudeau (1993, p. 100) “Este princípio exige que os atos linguageiros sejam: apropriados ao seu contexto (...)”

3- Princípio de influência → postula que todo sujeito produz um ato de linguagem com a intenção de influenciar, fazer agir, emocionar, orientar, etc., o parceiro da comunicação deve ser alguém passível de influência, como também de uma reação de contra-influência.

4- Princípio de regulação → determina as condições pelas quais os parceiros da comunicação se engajam nos processos de reconhecimento do contrato de comunicação e as condições pelas quais se persegue e conduz a troca comunicativa. O princípio de regulação permite que se realizem certas estratégias com a finalidade de assegurar ou interromper a troca comunicativa através da aceitação/rejeição da fala do outro, valorização/ desvalorização do parceiro, etc.

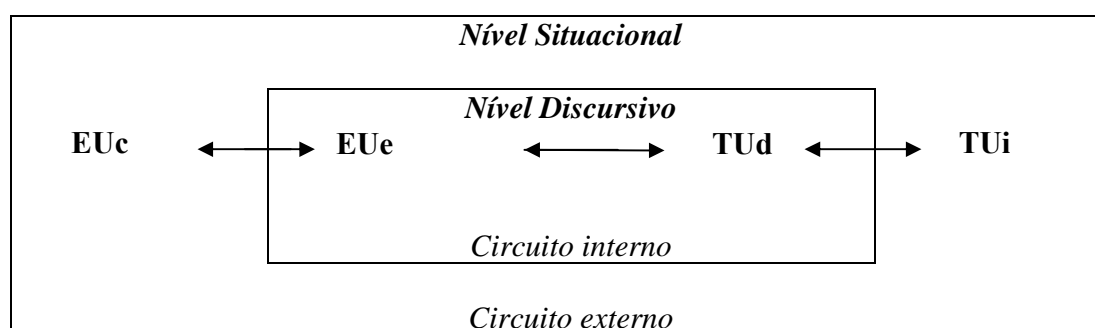
1.2 Os sujeitos da linguagem

Segundo Charaudeau (2001), uma teoria do discurso não pode deixar de colocar os sujeitos da linguagem no centro das teorias lingüísticas. Para o autor o sujeito é o lugar onde ocorrerá a produção da significação, sendo que “o sujeito não é, pois, nem um indivíduo preciso, nem um ser coletivo particular: trata-se de uma abstração, sede da produção/ interpretação da significação...” (CHARAUDEAU, 2001, p. 30).

O autor considera que o ato de linguagem compreende dois circuitos indissociáveis um do outro: o situacional e o discursivo. O espaço situacional (circuito externo) é o que envolve os parceiros na situação de comunicação (EUc, TUi), ele representa os sujeitos psicossociais, seres empíricos do ato comunicativo. O espaço discursivo (circuito interno) é o lugar onde se encontram os seres da fala, sujeitos discursivos (EUe, TUD) que assumem diferentes papéis dependendo das restrições e regulações da situação de comunicação. Nesse circuito, estão representados os sujeitos imaginários que surgem como figurações do ato de linguagem: o EUe é aquele que possui diferentes faces dependendo da interação comunicativa; o TUD é a imagem de um sujeito ideal que receberá a mensagem.

De acordo com o modelo proposto por Charaudeau (QUADRO 1) os sujeitos pertencentes ao circuito interno (EUE, TUD) são imagens produzidas, no processo, de sujeitos situados no circuito externo (EUC, TUI), sendo que as interações dependem da compreensão e dos objetivos das trocas comunicativas.

QUADRO 1 – Quadro enunciativo de Charaudeau



A relação de interação entre os parceiros não é simétrica, nenhum parceiro tem o poder de saber as verdadeiras intenções do outro, nem se pode dizer que o interpretante conseguirá entender absolutamente tudo que o enunciador quis passar, mas eles precisam reconhecer os papéis de cada um na interação, o que permite criar expectativas de sentido. Charaudeau aponta para essa idéia quando afirma que “não há simetria entre as atividades do EUC e do TUI.” (CHARAUDEAU, 2001, p.32)

É importante frisar que o EUC e TUI são parceiros na interação linguageira, por isso no quadro apresentado por Charaudeau (QUADRO 1) foram colocadas setas unindo todos os parceiros, esta idéia está em consonância com Mello que afirma “(...) tanto o EUE quanto TUD e TUI contribuem com EUC para construir uma enunciação, ou melhor, uma

co-enunciação, cuja intencionalidade significante corresponde a um projeto comum a eles (...).” (MELLO, 2005, p. 60)

1.3 Visadas discursivas

Uma outra noção envolvendo os sujeitos da linguagem é apresentada por Charaudeau (2004) através do conceito de visadas discursivas. As visadas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que vai determinar a expectativa do ato de linguagem. As visadas são definidas de acordo com dois critérios: a intenção do EU em relação à posição que ele ocupa como enunciador na relação de força que o liga ao TU e a posição que TU deve ocupar na relação com o EU. Charaudeau descreve seis principais visadas:

- Visada de “prescrição” (fazer fazer) – EU quer “mandar fazer” e se encontra na posição de autoridade e o TU se encontra na posição de “dever fazer”.
- Visada de “solicitação” (querer saber) – EU quer “saber”, mas se encontra desprovido de saber, a sua posição o legitima a exigir que o TU supra a necessidade do EU, respondendo à solicitação.
- Visada de “incitação” (fazer crer) – EU quer “mandar fazer”, mas como não está em posição de autoridade só pode incitar ao TU que faça. Neste caso o TU estará em posição de “dever acreditar” que o ato é para o seu próprio bem.
- Visada de “informação” (fazer saber) – EU quer “fazer saber” e está legitimado pela sua posição de saber, colocando o TU em posição de “dever saber”.

- Visada de “instrução” (fazer saber fazer) – EU se encontra na posição de autoridade de quem sabe fazer e de legitimidade para transmitir saber ao TU que está em posição de “dever saber fazer”.
- Visada de “demonstração” (estabelecer a verdade e mostrar as provas) – EU encontra-se em uma certa posição de autoridade de saber estabelecendo a verdade e provando-a, o TU encontra-se em posição de “ter que avaliar” a verdade.

CAPÍTULO 2 - UMA PROBLEMÁTICA DOS GÊNEROS TEXTUAIS E DISCURSIVOS.

Nos últimos tempos, o estudo sobre os gêneros floresceu fornecendo alternativas para o ensino/ aprendizagem da língua portuguesa. As atividades com os gêneros do discurso contribuem para a ordenação da atividade comunicativa em todas situações de comunicação. Como já foi dito anteriormente, os PCN's orientam o estudo dos gêneros propondo examinar e ensinar a ocorrência de tipos textuais nos mais diferentes contextos e situações. Desta forma, o trabalho com os gêneros discursivos suscitou novas concepções teóricas e proporcionou a retomada de outras (como as idéias sempre atuais de Bakhtin). Neste capítulo, descreveremos algumas concepções acerca dos gêneros e explicitaremos a noção de gênero que efetivamente interessa para análise do nosso objeto de estudo.

2.1 Teorias sobre gêneros

O surgimento dos gêneros é atribuído aos povos de cultura oral, mas somente com o advento da escrita alfabética (século VII a.C.) os gêneros se multiplicaram, pois assim ficou mais fácil agrupar e organizar determinados enunciados de acordo com uma finalidade e o objetivo que se tinha em mente. A invenção da imprensa no século XV proporcionou a ampla produção e disseminação de vários gêneros, possibilitando a sua massificação pela facilidade de produção em série que é ampliada ainda mais no século XVIII com a Revolução Industrial. Na contemporaneidade, uma explosão de gêneros surgiu devido aos avanços tecnológicos e pelas novas formas de comunicação, tanto orais quanto escritas. Mesmo os gêneros mais modernos, frutos de inovações tecnológicas, são ancorados nos

gêneros já existentes, o que demonstra seu caráter dinâmico e plástico dos gêneros discursivos.

Como essa breve linha histórica nos mostra, os gêneros sempre estiveram ligados ao desenvolvimento da humanidade. Por isso, durante toda história sempre houve o interesse em se classificar e organizar a produção lingüística humana, o que possibilitou o surgimento de diversas teorias acerca dos gêneros discursivos.

2.1.1 Platão e Aristóteles

A problemática dos gêneros discursivos tem uma tradição bastante antiga, ela remete ao período clássico onde começou a preocupação quanto à classificação dos textos. Platão e Aristóteles distinguem três formas genéricas fundamentais: o épico, o lírico e o dramático. Essas formas genéricas eram concebidas tendo em vista a função do discurso e a audiência ao qual ele era dirigido.

Em a *República*, Platão argumenta sobre o que seria uma cidade ideal e condena todas as imitações das coisas não perfeitas, pois elas estariam distantes da verdade. Para o filósofo a *mimeses*⁴ está afastada da natureza e distante da verdade. De acordo com Pereira (2004, p. 11) “o desfecho desta argumentação conduz a um dos passos mais célebres do diálogo: a condenação da poesia.”

A *Poética* de Aristóteles teria surgido como resposta as afirmações de Platão em a *República*. A obra de Aristóteles possui como parte principal o conceito de *mimeses* em que toda atividade poética deveria ser assentada. Segundo Aristóteles para se relacionar um texto literário a uma espécie de poesia é necessário observar os meios ou parâmetros de

⁴ Conceito que envolve a noção de imitação.

imitação da realidade. Para o filósofo a imitação é da natureza dos homens, pois através da imitação o homem adquire seus conhecimentos. O filósofo concebe a idéia de que toda espécie de poesia é imitação, sendo que “os mais nobres imitaram ações belas e ações de homens bons e os autores mais vulgares imitaram ações de homens vis, (...)” (Aristóteles, 2004, p. 43)

Ao imitar pode-se fazer uso de diversos meios em conjunto ou separadamente: cores, figuras, ritmo, harmonia, metro, etc. O objetivo do filósofo é apresentar os elementos de composição da poesia implicados no processo de imitação.

É necessário, portanto, que toda a tragédia tenha seis partes pelas quais é definida. São elas: enredo, caracteres, elocução, pensamento, espetáculo e música. (ARISTÓTELES, p. 48)
Falamos já das partes da tragédia que devem ser consideradas como seus elementos essenciais mas, quantitativamente, as partes em que se divide a tragédia são estas: prólogo, episódio, êxodo, parte coral e dentro desta o párodo e o estásimo, que são comuns a todas as tragédias ... (ARISTÓTELES, p. 59)

A intenção de apresentar as partes constitutivas da obra literária perpassa toda a obra *Poética*. Mas, de acordo com o Aristóteles (2004), é um engano classificar as espécies de poesia tendo em vista somente os meios empregados no processo de imitação, pois os objetos de imitação são os homens e suas ações, e há espécies de poesias (epopéia e tragédia, por exemplo) que imitam o mesmo objeto, podendo recorrer aos mesmos meios, portanto aos mesmos elementos.

Esta viagem ao período clássico tem como função mostrar que a tentativa de se classificar os textos agrupando-os de acordo com a recorrência dos elementos formais é antiga. Entretanto, mesmo no período clássico já se atentava para o fato de que se basear

somente nos elementos formais do texto não é suficiente para diferenciá-lo (duas espécies de poesias diferentes podem recorrer aos mesmos elementos para imitar).

2.1.2 Bakhtin

Bakhtin avança nos estudos sobre os gêneros discursivos estabelecendo uma linha de pensamento diferente daquela utilizada por Aristóteles. Para o autor, desde “a antiguidade aos nossos dias eles foram estudados num corte de sua especificidade artístico-literária, nas distinções diferenciais entre eles (...) e não como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos ...” (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Bakhtin concebe a noção de gêneros discursivos relacionando-os intrinsecamente à atividade humana. Quanto mais diversificadas forem as atividades humanas, mais diversificadas serão as formas lingüísticas ligadas a essas atividades, ou seja, mais variados serão os gêneros do discurso. A diversidade dos gêneros discursivos é infinita porque as atividades humanas e o repertório de gêneros envolvidos nessas atividades são infinitos.

Concordamos com a afirmativa de Matencio segundo o qual “a perspectiva Bakhtiniana tem contribuído significativamente para a investigação do funcionamento da linguagem, para as práticas de ensino/ aprendizagem e, por conseqüência para o impacto social dos estudos lingüísticos.” (MATENCIO, 2006, p. 216)

Respeitando a heterogeneidade e a diversidade dos gêneros discursivos, Bakhtin propõe a distinção entre os gêneros primários e os gêneros secundários. Os gêneros primários (simples) são gêneros ligados à situação de comunicação imediata, os gêneros secundários (complexos) surgem de um convívio cultural complexo e organizado sendo

próprio dele incorporar durante seu processo de formação os gêneros primários. Para o autor os gêneros são caracterizados pelo conteúdo, estilo e construção composicional.

Na visão de Bakhtin o enunciado é a unidade da comunicação discursiva, o que evidencia o caráter discursivo dos atos de comunicação. Cada enunciado evidencia uma intenção ou uma vontade do falante, sendo esses elementos responsáveis pela forma do enunciado, ou seja, a forma do gênero discursivo. Segundo Bakhtin (2003, p. 282): “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero do discurso*.” (grifo do autor)

Toda comunicação humana dá-se através dos gêneros do discurso, desde os estilos mais informais (como um bate papo) até os estilos mais formais (como um requerimento). Isso indica que nosso discurso é moldado em determinadas formas de gênero, que podem ser fixas ou flexíveis, criativas ou mais estáticas.

O enunciado possui um caráter dialógico, pois pressupõe um sistema de língua e um sistema de enunciados antecedentes com o qual o enunciado relaciona-se. Segundo Bakhtin (2003, p. 272): “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” Falamos sempre através de algum gênero, isto é, “todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*.” (BAKHTIN, 2003, p. 282) É possível imaginar o quão dispendioso seria ter de criar e compartilhar com um interlocutor formas novas de enunciados toda vez que fosse se realizar uma comunicação.

Retomando os princípios da pesquisa, uma noção importante envolve o papel do parceiro comunicante no processo de comunicação. O papel do interlocutor é ativo, pois ele assume uma ativa posição responsiva em relação ao discurso, podendo “concordar ou

discordar dele (total ou parcialmente) completa-o, aplica-o, prepara-o para usá-lo, etc”.
(BAKHTIN, 2003, p.271)

Ao buscar compreender o enunciado, Bakhtin abriu as portas para o entendimento dos gêneros discursivos. Os diferentes gêneros do discurso são diferentes enunciados moldados à luz das restrições exigidas pelo contrato de comunicação.

Entretanto, apesar de avançar nos estudos sobre os gêneros, Bakhtin não apresenta a distinção entre enunciado e enunciação, pois para o autor a produção e o produto são realizados simultaneamente.

2.1.3 Todorov

Embora voltada aos estudos literários a obra *Gêneros do Discurso* de Tzvetan Todorov traz valiosas contribuições para a discussão da problemática envolvendo os gêneros. O autor disserta sobre a origem dos gêneros identificando que os gêneros literários e os gêneros não literários não são separados por um abismo, pois ambos possuem uma origem em comum: como qualquer ato de fala, eles originam-se de propriedades discursivas. Para o autor a sociedade institucionaliza a recorrência de certas propriedades discursivas e os textos são produzidos e percebidos em relação à norma que esta codificação constitui.

Todorov entende que a sociedade institucionaliza certas propriedades discursivas que regem a produção e percepção dos textos. Assim o gênero se apresenta como uma codificação de determinadas propriedades discursivas que permitem a distinção entre vários gêneros: elementos sintáticos, semânticos, lexicais, fonológicos, etc.

Tudo o que se pode dizer é que algumas propriedades discursivas são mais interessantes do que outras: estou pessoalmente muito mais intrigado com as coerções que incidem sobre o aspecto pragmático dos textos do que sobre sua estrutura fonológica. (TODOROV, 1980, p.43)

O autor ainda afirma que para se estudar gêneros literários é necessário partir das características da obra, buscando os elementos temáticos e estruturas de composição.

Propriedade discursiva é uma expressão que entendo em um sentido inclusivo. Todos sabem que, mesmo que se limite apenas aos gêneros *literários*, qualquer aspecto do discurso pode ser tornado obrigatório. A canção se opõe ao poema por aspectos fonéticos; o soneto é diferente da balada por sua fonologia; a tragédia se opõe à comédia por elementos temáticos; a narrativa de suspense difere do romance policial clássico pelo agenciamento de sua intriga; enfim, a autobiografia se distingue do romance pelo fato de o autor pretender contar os fatos e não pretender contar ficções. (grifo do autor). (TODOROV, 1980, p. 47)

A concepção de Todorov é de que os gêneros são elementos importantes na vida social e que possuem a existência vinculada a propriedades discursivas. O autor ainda considera que os gêneros passam por transformações contínuas visto que “um novo gênero é sempre a transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação...” (TODOROV, 1980, p.48)

2.1.4 Bronckart

Nos anos 80, a noção de gênero passou por diferentes abordagens e dentre elas está o modelo interacionista sócio-discursivo proposto por Bronckart (1999). Para o autor as “espécies de textos” surgem de um determinado grupo social, desta forma, os textos são

determinados pelo campo social do qual se originam e pelas variações que cada locutor introduz durante a sua fala. Bronckart acredita que as classificações das “espécies de textos” são artificiais, vagas e infrutíferas, não havendo uma classificação estabilizada e coerente dos textos devido à diversidade de critérios que podem ser empregados na definição de um gênero. Para o autor para identificar e classificar os gêneros de forma mais objetiva, deve-se usar o critério de análise de segmentos de um texto.

De acordo com Bronckart um texto pertencente a um gênero pode ser composto de segmentos incomuns ao gênero. Um artigo científico pode ter como segmento principal um relato (relato do processo do trabalho) ao invés da peculiar exposição. São os segmentos, e não gêneros, que vão apresentar semelhanças lingüísticas capazes de criar associações entre os textos.

“O desenvolvimento das técnicas de análise lingüística permitiu evidenciar o fato de que é somente no nível desses segmentos específicos que podem ser identificados configurações de unidades e formas de organização sintática relativamente estáveis.”
(BRONCKART, 1999, p. 74)

Bronckart preconiza que os elementos lingüísticos não podem ser levados em conta na classificação de um gênero se eles forem analisados fora de um segmento, pois são os segmentos que podem apresentar as semelhanças lingüísticas (em um relato há a presença de pronomes, verbos no pretérito, etc.). Desta forma, o autor critica aqueles que defendem uma grande dependência em relação aos elementos formais que compõem o texto na busca de uma classificação de gênero.

“Se cada texto constitui, de fato, uma **unidade comunicativa**, o gênero ao qual um determinado texto pertence nunca pode ser completamente definido por **critérios lingüísticos**; somente os diferentes segmentos que compõem um gênero podem ser reconhecidos e classificados por tais critérios.” (grifo do autor) (BRONCKART, 1999, p. 75)

Bronckart afirma que ninguém consegue aprender todos os gêneros existentes assim como as características deles. O reconhecimento dos gêneros deve-se à exposição dos sujeitos, durante a fase de formação, a um número importante de gêneros necessários à vida pessoal, desta forma, os sujeitos conseguem reconhecer algumas de suas características estruturais e contextuais características de cada gênero.

2.1.5 Bazerman

O lingüista americano Charles Bazerman também tem influenciado diversos estudos brasileiros sobre os gêneros textuais ao trazer consideráveis reflexões teóricas. Na obra *Gêneros textuais, tipificação e interação* (BAZERMAN, 2005) o autor afirma serem os gêneros formas textuais típicas com funcionamentos específicos. Assim é constituída a tese do autor de que os gêneros são formas desmembradas de elementos anteriores⁵, pois os gêneros estão ancorados em um veio histórico que promove a ligação deles com elementos preexistentes. Como exemplo o autor mostra como a carta serviu de influencia ampla e importante para formação de vários gêneros (letras de câmbio, cartas de crédito, etc.).

Para Bazerman, nós conseguimos identificar os gêneros textuais através de características textuais familiares o que nos permite reconhecer com qual família de textos estamos lidando.

⁵ Bazerman acredita que os gêneros vieram do desdobramento direto de gêneros fundadores. A carta, por exemplo, serviu para tipificar vários gêneros da escrita como artigos científicos, patentes, relatórios, etc.

Então, tendemos a identificar e definir os gêneros por essas características sinalizadoras especiais, e depois por todas as outras características textuais que virão a seguir, segundo nossas expectativas. (BAZERMAN, 2005, p.30)

Bazerman compreende que uma definição dos gêneros textuais através apenas de um conjunto de traços textuais é responsável por trazer uma visão incompleta dos gêneros, por isso o autor propõe que se avaliem os gêneros como fenômenos de reconhecimento psicossocial que fazem parte de processos de atividades socialmente organizadas. Compreender as circunstâncias de utilização do gênero ajuda o locutor a satisfazer a necessidade da situação para que a mensagem seja bem compreendida.

O autor identifica que os gêneros emergem de processos sociais e são importantes por possibilitar que os seres humanos dêem forma lingüística às atividades sociais. Para caracterizar o modo como os gêneros se configuram o autor propõe os conceitos de conjunto de gêneros, sistema de gêneros e sistema de atividades.

Um conjunto de gêneros é a coleção de tipos de textos⁶ que as pessoas tendem a produzir ao representarem um determinado papel social. Um aluno, por exemplo, lida com uma série de gêneros (as anotações de aula, trabalhos escolares, resumos de conteúdos, etc.) responsáveis por exercitar competências.

Um sistema de gêneros engloba os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas inseridas em uma mesma atividade. Na escola, temos o professor, os alunos a diretora da escola, todos trabalham com conjuntos de gêneros específicos, mas quando agrupados esses conjuntos de gêneros formam um sistema. Embora diferentes esses conjuntos de gêneros estão intimamente ligados e circulam em tempos previsíveis.

⁶ Tipos de texto nesse caso referem-se a espécies de textos.

Um sistema de atividades seria identificar a esfera de atividade humana onde um sistema de gêneros ocorre. No caso dos exemplos citados na escola, estaríamos tratando da esfera educacional.

A obra de Bazerman apesar de trazer novas categorias para os estudos dos gêneros, permanece seguindo uma tradição que valoriza os elementos formais de composição do texto para a classificação do gênero.

2.1.6 Marcuschi

Segundo Marcuschi (2002) os gêneros são entidades sócio-discursivas e formas de ação social essenciais em qualquer situação comunicativa. Para o autor, os gêneros são famílias de textos com uma série de semelhanças. Mesmo sendo formas típicas de enunciados, os gêneros são eventos textuais maleáveis, dinâmicos e práticos. Para o autor, o surgimento da escrita possibilitou a multiplicação de uma série de gêneros textuais, mas foi através da cultura eletrônica que ocorreu uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação tanto na oralidade quanto na escrita.

Os grandes suportes tecnológicos como o rádio, a televisão, a revista, o jornal e a internet, devido a grande visibilidade, possuem presença marcante nas atividades comunicativas e abrigam uma série de novos gêneros. É interessante apontar que esses novos gêneros não são criações absolutas, eles são ancorados em outros gêneros existentes. Marcuschi acredita que a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras de gêneros.

Para o autor os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais.

Entretanto, o autor não despreza os elementos formais na definição do gênero, pois algumas vezes a forma e o suporte dos textos determinarão o gênero em questão.

Marcuschi defende o trabalho com textos na escola através do conceito de *gênero textual*. Segundo o autor, esse conceito é capaz de fazer com que o aluno desenvolva habilidades de leitura e escrita. Os gêneros seriam “eventos lingüísticos, mas não se definem por características lingüísticas: caracterizam-se, (...), enquanto atividades sócio-discursivas” (MARCUSCHI, 2002, p.20). Essa definição dada por Marcuschi parece caracterizar uma tendência atual de se considerar o gênero como uma forma de ação e não necessariamente como um produto textual.

Marcuschi aponta ainda o equívoco de muitos manuais didáticos que empregam a noção de tipo de texto ao invés de gênero textual. Como exemplo o autor argumenta que a “carta pessoal” é considerada em muitos manuais como um tipo de texto quando na verdade trata-se de um gênero textual.

2.1.7 Travaglia

Travaglia que utiliza as noções da lingüística textual distingue texto de discurso levando em conta a tipologia de textos e não de discursos. Para a lingüística textual um estudo de texto leva em conta a tipologização textual, ou seja, a construção de princípios que possibilitassem determinar todos os gêneros textuais existentes, pois os tipos textuais compõem a grande maioria dos textos.

A expressão tipo textual define seqüências lingüísticas típicas cuja composição é formada por aspectos lexicais, morfológicos, sintáticos e lógicos. Os tipos textuais abrangem cerca de cinco categorias conhecidas como: narração, descrição, argumentação,

injunção e exposição. Um gênero pode ser composto de vários tipos textuais, ou seja, um gênero pode ser tipologicamente variado (heterogêneo), havendo tipologia que prevalece pelo tipo de comunicação que se estabelece com o interlocutor.

Uma carta pessoal pode conter várias seqüências tipológicas como a descrição, a exposição, a injunção, etc., mas geralmente ocorre o predomínio de qualquer uma das tipologias.

Na visão de Travaglia é importante estudar os modos de organização dos textos, pois eles definem os gêneros do discurso. O trabalho com textos e com os diferentes tipos de textos é importante, pois eles instituem a competência comunicativa, sendo que cada tipo de texto é apropriado para uma interação específica. Sendo os textos de diferentes tipos, eles instauram diferentes modos de interação e interlocução.

Nessa perspectiva, ensinar tipologia textual ao aluno possibilita-o atuar comunicativamente em várias situações, tornando-o competente para prática da leitura e escrita.

2.2 A noção de gêneros segundo a teoria Semiolingüística

De acordo com a Semiolingüística uma das noções principais envolvendo os gêneros discursivos é que ele representa a atividade de linguagem em funcionamento no meio social.

Os gêneros são constituídos por um conjunto de características. Assim, para se classificar os enunciados como pertencentes a um gênero é necessário analisar as condições de produção responsáveis por trazer regularidades ao gênero. De acordo com Charaudeau (2004) a noção de gênero discursivo, ao longo do tempo, foi abordada por vários autores,

cada um privilegiando um aspecto diferente. Para o autor, buscar uma definição de gênero significa considerar diferentes aspectos que funcionam de forma articulada: ancoragem social, natureza comunicacional, atividade linguageira e as características formais.

“O aspecto da ancoragem social é que funda os gêneros, unindo-os a diferentes práticas sociais que se instauram em uma sociedade. (...) todo domínio de prática social tende a regular as trocas, e, por consequência a instaurar as regularidades discursivas (...)” (CHARAUDEAU, 2004, p. 15)

Uma determinada esfera de atuação social (domínio) é responsável por estruturar a comunicação, ou seja, um domínio de práticas sociais é responsável por trazer regularidades lingüísticas a um domínio de práticas linguageiras. Assim, fica constatado que os gêneros, práticas de linguagem, são influenciados por fenômenos sociais e são dependentes da situação comunicativa em que são enunciados. Esta mesma idéia é encontrada em Bakhtin (2003, p. 268) que considera que os gêneros “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social.”

Todo texto materializa-se em algum gênero discursivo, havendo a ligação entre as configurações do gênero e a situação de produção do texto.

Segundo Emediato (2003, p. 64):

“Um texto, antes de ser uma construção lingüística, seria, nesta perspectiva, uma *construção social tipificada pela experiência comunicacional* dos agentes. Uma tal perspectiva pressupõe, pois, que o gênero, antes de ser um tipo textual, configura-se como um *tipo situacional*.” (grifo do autor).

A atividade linguageira diz respeito à articulação entre as práticas sociais e a configuração textual. A situação em que o enunciado ocorre traz restrições discursivas na utilização da linguagem e nos parâmetros de produção/ interpretação que dão pertinência à troca comunicativa. Para Charaudeau (2004) a atividade linguageira deve ser considerada como as condições de construção do discurso necessárias para que o sujeito comunicante possa organizar seu discurso.

Durante muito tempo, na caracterização de gêneros discursivos, levou-se em conta, principalmente, as recorrências formais do texto. Segundo Emediato (2003, p. 68)

“Sem dúvida, não há como falar em gênero sem postular a existência de regularidades formais. Sabemos, entretanto, que uma mesma forma pode suportar sentidos diferentes e que esta significação plural de formas singulares constitui sempre um problema para a classificação de textos. (...) a recorrência de características formais, por si mesma, não garante, absolutamente, a especificidade de um tipo de texto (...)”

Não é coerente levar em conta as recorrências formais do texto como único elemento caracterizador do gênero ou mesmo como uma propriedade dominante, pois textos com as mesmas propriedades lingüísticas podem circular em situações comunicativas bem diferentes. A recorrência de um elemento formal de um gênero em outros gêneros faz com que a utilização de uma classificação genérica baseada em elementos de composição formais seja vaga e ineficiente.

O que parece ser essencial em um gênero é a sua natureza comunicacional. A natureza comunicacional refere-se à relação contratual que se estabelece entre os parceiros em uma situação de comunicação, tornando-a rotineira e regular. O contrato de comunicação relaciona o lingüístico e o situacional, indicando que a situação de comunicação disponibiliza parâmetros lingüísticos já disponíveis antes mesmo da

realização do ato de linguagem, ou seja, o contrato fornece regularidades (parâmetros) para que os parceiros estabeleçam a intercompreensão e assumam seus papéis respectivos.

Os gêneros discursivos são manifestações sociais e sofrem as restrições da situação de comunicação através do contrato de comunicação estabelecido. Os gêneros representam um espaço de limitações e coerções necessário para inserir os sujeitos no processo de comunicação. A existência de um gênero discursivo está vinculada à existência de um contrato tácito entre os parceiros, esse contrato baseado em elementos situacionais pressupõe rituais específicos de linguagem.

A busca de uma teoria acerca dos gêneros discursivos não pode prescindir do fato de que os sujeitos estão imersos em contextos sociais. O sujeito que fala precisa de referências para se inscrever no mundo dos signos, significar suas intenções e se comunicar. A comunicação é consequência do processo de socialização do sujeito através da linguagem e desta através do sujeito. Os comportamentos, os elementos formais e determinados sentidos normalizados são adquiridos socialmente e registrados na memória. De acordo com Charaudeau (2004) há no sujeito três tipos de memórias que se articulam em conjunto com base na relação intrínseca entre situação de comunicação, sentido e formas:

- Memória dos discursos - memória na qual são construídos saberes de crença sobre o mundo, são representações partilhadas por sujeitos que possuem os mesmos posicionamentos e os mesmos sistemas de valores, opiniões, etc.
- Memória das situações de comunicação - são memórias do conjunto de condições contextuais que vão regular as trocas comunicativas.

- Memória das formas dos signos - memória que vai mostrar empregos dos signos em determinados modos de uso.

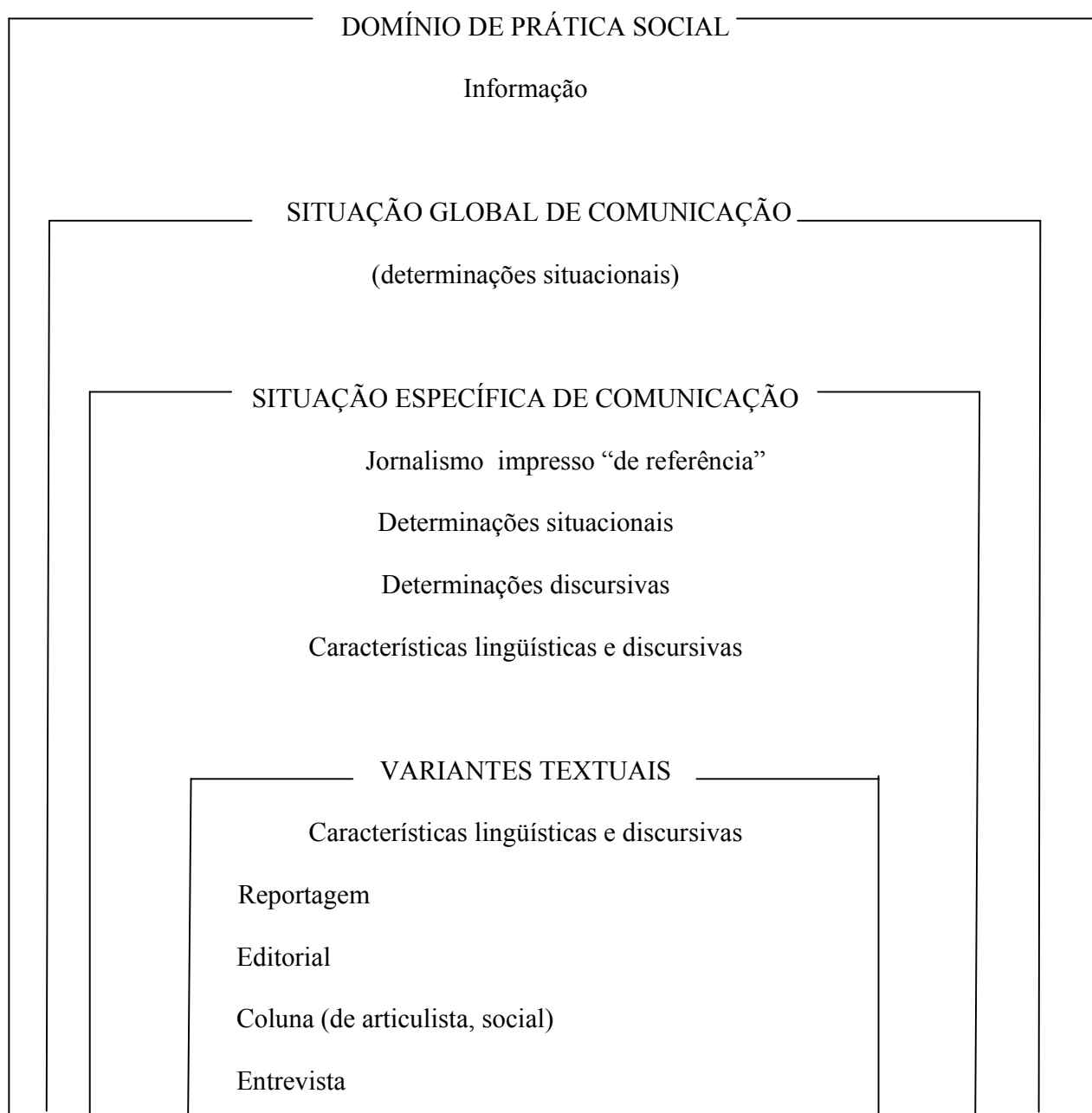
Podemos dizer que os sujeitos apreendem os gêneros em processos de socialização que implicam na experiência e no contato com os gêneros. O sujeito quando vai realizar um ato de linguagem utiliza as representações adquiridas construindo normas de conformidade linguageira e as associa a lugares de prática social.

Todas as questões apresentadas permitem concluir que os gêneros são elementos intrinsecamente ligados às atividades sociais. Da mesma forma como a língua é heterogênea, variada e de múltiplas formas de realização; o gênero também é assim caracterizado. Concordamos com a afirmação de Bakhtin (2003, p. 262) ao dizer que “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana (...).”

A partir dos elementos vistos até aqui é possível verificar que os gêneros discursivos não podem se limitar a caracterizações privilegiando elementos formais ou aspectos estruturais do texto. O gênero corresponderia a uma série de categorizações inter-relacionadas: categorização dos domínios de prática social, subcategorização desses domínios em situações de comunicação, categorização das situações de comunicação, categorização das formas Semiolingüísticas, categorização das regularidades e de variantes textuais.

O esquema abaixo proposto por Emediato (2003, p. 71) permite visualizar o processo de categorização em rede que determina as especificidades do gênero.

QUADRO 2 – Processo de categorização em rede



Com esse esquema é possível demonstrar que para a análise do discurso, a concepção relevante de gênero é a de tipo situacional, e não a de tipo textual, quando se deseja falar de um tipo de interação regular e suas propriedades psico-sócio-comunicativas. De outro lado, quando se deseja falar de materialidade semiológica resultante dessa interação, fala-se de *variante textual* ou *tipo textual*.

2.3 Posicionamento em relação às concepções sobre gênero

Ao evidenciarmos na pesquisa uma série de concepções e teorias acerca dos gêneros e dos tipos textuais, percebemos que grande parte das noções sobre gêneros considera como aspecto principal de classificação os elementos formais de composição do texto.

Na pesquisa, compartilhamos a noção de gênero proposta pela teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau por acreditarmos na completude dessa noção que considera o gênero como uma forma de ação, pela linguagem, condicionada à situação de comunicação.

Pensamos que ao transitarmos pelos vários espaços sociais nos deparamos com vários gêneros discursivos. Esses gêneros relacionam-se às práticas sociais vivenciadas pelas pessoas e são importantíssimos por possibilitarem a comunicação. O sujeito social precisa apreender um conjunto de gêneros ligando-os a situações de comunicação para que possa se comunicar estando em conformidade linguageira.

Os gêneros pensados como elementos situacionais trazem o entendimento de que a situação de comunicação, incluindo a identidade dos parceiros, a finalidade, a tematização / problematização e o dispositivo constituem os primeiros parâmetros de definição do

gênero. É a situação de comunicação que irá instituir as restrições responsáveis por elaborar as características dos gêneros.

Trabalharemos a problemática dos gêneros discursivos nesta pesquisa seguindo as contribuições teóricas da Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau (2004), pois essa teoria nos traz um importante instrumental teórico para a análise de diversos *corpora* relacionados à situação discursiva.

2.4 Gênero textual x gênero discursivo

O termo “gênero” encerra uma série de acepções trazidas pelas diversas abordagens que envolvem a sua noção. Cada corrente teórica utiliza o termo de acordo com a conveniência de seu objeto de estudo. Mais recentemente, convivem duas concepções que não são equivalentes, mas que geralmente ocorrem uma no lugar da outra: *gênero textual* e *gênero discursivo*.

O termo *gênero textual* está mais voltado para o ponto de vista textual, autores como Marcuschi (2002) utilizam este termo para identificar o propósito em se trabalhar com questões que abordem o texto materializado.

“Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos *materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” (grifo do autor) (MARCUSCHI, 2002, p. 23)

Os autores quando dissertam sobre o *gênero textual* na verdade estão falando sobre textos encarados sob o ponto de vista de sua função comunicativa ou como o objeto

material que resulta de um propósito comunicativo. Autores como Marcuschi analisam o *gênero textual* como os textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas.

O termo gênero discursivo considera os textos tendo em vista práticas sócio-discursivas, refere-se ao campo do discurso onde o contexto alude a uma situação que procura ancorar o discurso no social. O termo gênero discursivo revela a preocupação de autores como Charaudeau (2001, 2004) de evidenciar os estudos lingüísticos sob um ponto de vista onde “as características do discurso dependem essencialmente das condições de produção situacionais...” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 251) A concepção de gêneros discursivos está voltada para o discurso, revelando sua condição de produção.

2.5 Texto x gênero

Uma das grandes dificuldades na classificação dos gêneros (e posteriormente no trabalho envolvendo os gêneros) decorre da falta de distinção entre texto e gênero.

Sob o ponto de vista da Análise do Discurso, Somente é possível se comunicar verbalmente através de algum gênero do discurso. Falar sob a forma de um gênero significa adaptar o nosso discurso a normas sociais e ideológicas que regulam as práticas comunicativas. Aqui, o termo gênero significa considerar uma produção – tal como um texto – tendo em vista as suas condições situacionais, ou seja, significa avaliá-lo como uma forma de ação regulada, considerando determinado contexto (situação) e os investimentos sociais, históricos e ideológicos determinantes da posição que os sujeitos ocupam na situação.

É nesse sentido que Maingueneau (2005) afirma que todo discurso pressupõe uma *cena de enunciação* para poder ser enunciado. Para o autor, *a cena de enunciação* integra três outras cenas: *a cena englobante*, que corresponde ao tipo de discurso ou prática discursiva (literário, jornalístico, político, educativo); a *cena genérica*, que corresponde ao contrato associado a um gênero ou uma instituição discursiva (o editorial, o sermão, os manuais); e a *cenografia*, concepção próxima a uma materialidade ou configuração lingüístico discursiva, construída pelo próprio texto. A *cenografia*, como o modo de inscrição (grafia) específica da enunciação na cena, aproxima-se da concepção de “forma” resultante, embora em Maingueneau ela deva, segundo o próprio autor afirma, “ser apreendida ao mesmo tempo como quadro e como processo” (MAINGUENEAU, 2005, p.87).

De modo geral, apreendido com a materialização do discurso e resultante de um ato de linguagem; o texto é considerado uma manifestação material semiológica (verbal, gestual, imagética, etc.), um resultado, um produto do ato de comunicação e de suas determinações situacionais e genéricas.

Em nosso trabalho, utilizaremos o termo TEXTO para designarem um produto qualquer de um ato de linguagem: um tipo de texto, ou tipo textual, materializado, como, por exemplo, um texto jornalístico (notícia de jornal, editorial, reportagem etc.).

Utilizaremos, por outro lado, o termo GÊNERO para designar uma prática de linguagem, ou prática discursiva, como, por exemplo, o discurso jornalístico, o discurso didático, o discurso publicitário etc. Por isso, dizemos que se está em uma situação de comunicação publicitária, uma situação de comunicação política, uma situação de comunicação didática. É por isso que adotamos a perspectiva, proposta por Emediato (2003), de que um gênero discursivo é um *tipo situacional* e, como tal, ao ser analisado,

exige que sejam considerados todos os quatro parâmetros que regulam essa situação (a finalidade, a identidade dos parceiros, o quadro de tematização/ problematização e o dispositivo – como circunstâncias físicas e materiais).

CAPÍTULO 3 - DISCURSO, GÊNEROS DISCURSIVOS: JORNALISMO E ENSINO

Como a nossa pesquisa compreende o estudo dos gêneros / tipos textuais em meio a diferentes discursos, passaremos a agora a análise dos discursos que nos importam.

3.1 Discurso de informação

Não é pretensão da presente pesquisa analisar pormenorizadamente o discurso de informação e suas estratégias de manipulação da opinião pública. Mas é impossível analisar um tipo de mídia tão importante quanto a notícia de jornal sem que se pense nas peculiaridades do discurso de informação.

Ao mesmo tempo em que a notícia de jornal fala sobre os acontecimentos da realidade ela deixa uma mensagem ao mundo, pois a informação contida na notícia é construída através de elementos da realidade que transmitem saber e ao mesmo tempo influem ideologicamente na opinião pública. A relação de intersubjetividade entre a notícia de jornal e seus leitores vai caracterizar o discurso de informação onde a necessidade de falar deve-se a intenção de “se colocar em relação com o outro, porque disso depende a própria existência, visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro...” (CHARAUDEAU, 2006, p. 42)

A título de exemplo, uma notícia de jornal que informa a respeito de catástrofes ambientais supõe em seus leitores um interesse pelo meio ambiente. Através do discurso de informação tem-se a consciência de que o leitor interpretará o texto noticioso numa certa direção, por isso são utilizados temas que se aproximam dos interesses e crenças dos

leitores. Da mesma forma que a notícia vai ao encontro dos leitores ao noticiar temáticas pertinentes ao espaço público, os leitores vão ao encontro da notícia de jornal ao procurarem-na na expectativa de encontrar elementos que corroborem seus interesses e crenças.

Com esse raciocínio não podemos afirmar que a notícia de jornal constrói seu leitor ou que o leitor constrói a notícia de jornal, ambos constroem-se conjuntamente. De forma mais objetiva pode-se dizer que o discurso de informação é constituído pela relação entre o a notícia de jornal e o leitor empírico.

O discurso de informação traz ao público leitor informações factuais e que possam ser absorvidas e problematizadas por pessoas entendidas como cidadãos interessados em saber o que acontece no espaço público. A finalidade predominante do discurso de informação, finalidade amplamente divulgada pela mídia, é certamente informar, mas outras finalidades também são acrescentadas como as finalidades de captar, emocionar, mobilizar para a ação e a uma certa consciência cidadã.

Apoiando-se em argumentações e temas polêmicos, além de recursos sintáticos apropriados para o seu tipo de argumentação, o discurso de informação vai sofrendo alterações ao longo do tempo e em decorrência das estratégias comerciais da empresa jornalística.

O discurso de informação envolve contar, explicar e descrever algo que um destinatário supostamente não saberia, mas que deveria saber por fazer parte da instância cidadã. Charaudeau & Maingueneau (2004) apontam para a contradição do discurso de informação: deve envolver um evento surpreendente ao interesse público, mas também é necessário que a informação se encaixe em um sistema de conhecimentos já ordenados, ou seja, não pode ser nada que fuja à compreensão e à familiaridade do leitor.

Para Emediato (2007), a toda informação jornalística segue uma problematização cidadã que dá ao conteúdo informado uma direção qualquer, uma perspectiva específica de leitura, uma posição de leitor. A informação jornalística é atravessa por representações e saberes ideológicos, com predominância das classes dominantes da sociedade, pois a mídia se relaciona com o leitor-cidadão, mas também com a lógica econômica e o poder político.

Segundo Charaudeau (2006) a informação pode ser definida, ingenuamente, como a transmissão de um saber, por meio da linguagem, de alguém que o possui para alguém que não o possui. Como a informação é simplesmente enunciação, sua existência é fortemente dependente da ação humana e do contexto em que ocorre o ato de linguagem.

Uma investigação sobre as peculiaridades do discurso de informação deve ter bem clara a noção de que é inútil problematizar quanto à fidelidade dos fatos relatados. A informação se processa pela linguagem e a linguagem não pode dar conta da realidade, esgotando-a. Também é necessário reafirmar que por mais descritiva que seja uma notícia de jornal na busca de relatar um acontecimento, não há como realizar a tão sonhada imparcialidade jornalística.

Ao se fazer uso do discurso de informação é preciso realizar um recorte do mundo para selecionar os acontecimentos que vigorarão como notícia. Há determinados parâmetros para que um fato seja selecionado e destacado como notícia: relevância das pessoas envolvidas, relevância social, proximidade, impacto, atualidade, importância para a vida futura, etc. Mesmo o acontecimento sendo destacado como notícia, isso não garante que ele irá para o jornal. De acordo com Wolf (1999) existem critérios que vão servir de instrumento ao jornalista durante a escolha do que será exibido no jornal, ou seja, há elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere o que será publicado:

“A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo do jornalista. (...) Tudo o que não corresponde a esses requisitos é <<excluído>>, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional.” (marca do autor) (WOLF, 1999, p. 190)

Uma notícia de jornal não é escolhida apenas por ser importante ou interessante à instância de consumo da informação, é necessário que ela atenda aos critérios de noticiabilidade.

Emediato (2005) ainda acrescenta que o imaginário jornalístico comporta certos princípios de base que orientam a atividade dos jornalistas e a construção da informação. “Na própria formação dos jornalistas é ensinado que os profissionais devem considerar certos parâmetros que representam o que a literatura especializada chama de *leis de proximidade*.” (grifo do autor) (EMEDIATO, 2005, p. 108) O autor destaca as seguintes leis de proximidade:

- Cronológica – a lei de proximidade cronológica prevê que a informação seja atual, dando preferência a informação mais nova à mais antiga. É uma informação relativa ao *aqui- agora*.
- Geográfica – a lei de proximidade geográfica é importante pela pertinência que dá ao saber, pois define a informação jornalística implicada com o leitor enquanto membro de uma comunidade, uma pessoa pertencente à instância cidadã. Desta forma, os laços sociais são reforçados pelos interesses locais e construído um espaço de intencionalidade relativa ao *nós-aqui-agora*.

- Psico-afetiva – a lei de proximidade psico-afetiva instaura uma nova pertinência através de dois níveis de interesse: o interesse cognitivo (conhecer o novo sobre a base do antigo) e o interesse afetivo (priorizar o novo capaz de provocar reações no leitor).
- Específica – a lei de proximidade específica é restrita a grupos particulares, levando em conta as paixões do leitor. São elaboradas formas genéricas de informação que caíam no gosto das entidades consumidoras.

A situação de comunicação jornalística é responsável por suscitar uma série de convenções e restrições que vão condicionar as práticas linguageiras (contrato de comunicação): os parâmetros da situação de comunicação (contrato): finalidade, identidade dos parceiros, tematização/ problematização e dispositivo. Esses elementos serão pormenorizadamente analisados no capítulo 5, quando buscaremos as peculiaridades do contrato de comunicação envolvendo o discurso de informação e o discurso didático.

O discurso de informação é atravessado, por vezes, pelo discurso didático devido a necessidade de organizar as informações e de construir saber a partir do relato dos acontecimentos.

3.1.1 Gênero notícia de jornal

Uma notícia de jornal é um relato de um fato, seguindo o estilo impessoal e linguagem simples e direta. A notícia de jornal é uma informação dada em um certo contexto que a valida e a torna necessária ao interesse público.

É importante salientar que a notícia de jornal não pode construir o sentido antecipadamente, é necessário que o sentido de uma notícia seja construído tendo em vista

o contexto histórico-social em que os parceiros estão inseridos. Tal ponto revela a dependência da notícia com o contexto, explicando porque as notícias são sempre dependentes de elementos como: a data, a situação de enunciação, o meio de comunicação, os parceiros inseridos na situação de comunicação, etc.

Mesmo sendo a expressão de um fato novo, a notícia traz arraigada em si os saberes de crença prevalentes no meio social. Saberes de crença são saberes ou conhecimentos que resultam de um olhar subjetivo dos sujeitos. Esse modo de olhar o mundo é compartilhado por um grupo social que aponta não apenas imaginários de comportamentos, mas também imaginários de justificativa desses comportamentos.

O fato das crenças serem compartilhadas através da notícia de jornal faz com que haja uma relação de cumplicidade, fazendo com que as pessoas compartilhem impressões sobre o mundo em que vivem, desta forma, essas impressões ganham status de normas sociais. Para Charaudeau a notícia de jornal, como todo acontecimento midiático, constrói-se segundo três critérios:

(...) atualidade, pois a informação midiática deve dar conta do que ocorre em uma temporalidade co-extensiva à do sujeito-informador-informado; de expectativa, pois a informação midiática deve captar o interesse-atenção do sujeito alvo; socialidade, pois a informação midiática deve tratar daquilo que surge o espaço público (...) (CHARAUDEAU, 2006, p.45)

3.1.2 Notícia *versus* reportagem

Convém fazer uma distinção entre notícia e reportagem, visto que muitas vezes uma é tomada no lugar da outra. Esta confusão deve-se ao fato de que a palavra reportagem dá nome a um gênero discursivo e ao setor nas redações de jornal onde são produzidas as notícias.

Segundo Lage (2001. p.51)

Entre os gêneros de texto correntes nos jornais, a notícia distingue-se com certo grau de sutileza da reportagem, que trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos; nesta importam mais as relações que re-atualizam os fatos, instaurando dado conhecimento de mundo. A reportagem é planejada e obedece a uma linha editorial, um enfoque; notícia não.

A notícia de jornal envolve o relato de acontecimentos em qualquer esfera da vida social, havendo objetividade, distanciamento entre os parceiros linguageiros e uma linguagem imparcial. Pode-se dizer que a grande marca da notícia é a atualidade das informações que são retirados do meio social e retornam à própria sociedade sob a forma de uma voz jornalística.

A reportagem não está comprometida com a atualidade dos fatos, e sim com processos investigatórios e o aprofundamento de questões pertinentes ao discurso jornalístico. Nesse processo, alguns elementos característicos da notícia deixam de ser expressos como a imparcialidade e a objetividade.

3.2 O discurso didático

Inicialmente, cabe restringir a acepção em que o termo didático é utilizado na pesquisa. O discurso didático será pensado a partir da sua relação com as instituições educacionais. Segundo Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 166): “Pode-se conseqüentemente reservar o adjetivo didático a um discurso produzido numa instituição de formação ou numa situação institucional de ensino....” Em um domínio de práticas educacionais os parceiros estão ligados por um contrato didático, esse contrato tende a regular as trocas instaurando regularidades discursivas. Cabe ressaltar que nem todo discurso produzido em um domínio de práticas didáticas é um discurso didático. Isso ocorre porque em um domínio didático nem todos os discursos visam transmitir conhecimento e possibilitar a formação do sujeito. Também é possível que qualquer domínio de práticas possa ser atravessado pelo discurso didático, por exemplo, um domínio de práticas políticas pode conceber um discurso didático para atender a determinada intenção de instruir o eleitor, ensiná-lo sobre, por exemplo, aspectos específicos de economia, etc.

Pensamos que o discurso didático faz muito mais do que apresentar ao sujeito uma informação, ele quer que o sujeito aprenda – no sentido de desenvolver uma certa competência ou habilidade – o conteúdo transmitido. Para isso, o discurso didático utiliza-se de instrumentos para avaliar se o sujeito realmente aprendeu (exercícios, provas, etc). Esses instrumentos de avaliação possibilitam representar quantitativamente o quanto o aluno apreendeu do conteúdo transmitido, o que assimilou ou desenvolveu no processo de ensino /aprendizagem. De acordo com Emediato (2003 p. 65)

“O domínio determina ainda os papéis, os roteiros e os scripts a serem representados pelos atores envolvidos na comunicação educativa: relação de autoridade, o professor com seu papel de ensinar, avaliar e captar, o aluno com seu papel de aprendiz, que inclui o *aprender* e o *provar*. O domínio exerce, portanto, o papel de ancoragem social que parece fundar a pertinência dos gêneros relacionando-os às diferentes práticas sociais que se desenvolvem na sociedade institucionalizando as expectativas psicossociais dos agentes comunicantes.” (marca do autor)

Vale observar, ainda, que nenhum gênero discursivo se limita aos conteúdos que são transmitidos ou representados por sua prática. Ele é marcado também por uma teatralidade, por regras que, como em um jogo, o validam ou não, uma *mise-en-scène* que regula e distribui papéis.

3.2.1 O histórico do manual didático

Neste trabalho, o manual didático é pensado como um dispositivo, um instrumento produzido para auxiliar as disciplinas escolares. Podemos perceber que

Os primeiros manuais didáticos têm origem na antiguidade quando o ensino era realizado através de um conjunto de textos sagrados. Na china antiga, eram utilizados livros religiosos e livros de literatura para a aprendizagem da língua e para a assimilação de normas de conduta. Os hebreus utilizavam a bíblia para a aprendizagem de dogmas religiosos, mas também como instrumento de ensino de leitura, história e geografia.

Na Grécia antiga, os livros de Homero, Hesíodo e de vários poetas eram utilizados nas escolas para o ensino de literatura, religião e moral. É Platão quem pela primeira vez propõe a confecção de livros de leitura formados pelo conjunto dos melhores textos literários. Isócrates defendia que os textos para o ensino de retórica deveriam ser agrupados

formando compilações com que há de melhor para a formação humana. Quintiliano propunha que os alunos tivessem contato com textos que fossem superiores a compreensão deles, o objetivo era fazer com que os alunos pudessem entrar em contato com a grandeza e a superioridade, podendo mais tarde desenvolvê-la.

No império romano, foram feitos compêndios com episódios históricos que servissem de exemplo e pudessem ser imitados pelos educandos.

Quatrocentos anos depois de Cristo a educação passou a ser realizada pelos padres através de uma cartilha com textos em latim. A cartilha latina de “Ars Minor”, de Célio Donato, foi utilizada por mais de dez séculos como manual didático.

Nos fins do século V aparecem os manuais enciclopédicos, livros capazes de tratar de uma série de conteúdos: gramática, ciências, retórica, matemática, etc. No século VII surge a enciclopédia de Isidoro de Sevilha “origens da Etimologia”, manual que tentava reunir todo o saber do seu tempo.

Os árabes utilizavam as obras de Aristóteles e o próprio *Alcorão* como objetos de ensino da língua e de conduta social. A pedagogia cristã utilizou amplamente a *Suma Teológica* de São Tomaz de Aquino como compêndio para estudos.

Na Idade Média, os livros recebiam influência do intenso fervor religioso que marcaria a formação dos sujeitos daquela época, mas nas universidades, os compêndios mais usados foram as obras dos filósofos gregos.

No Renascimento começou a haver um interesse pela formação do indivíduo quanto ao estado e quanto à formação religiosa, por isso os livros começaram a refletir um sentimento humanístico capaz de preparar o indivíduo para “saber pensar”. Para alcançar esse objetivo os textos literários foram amplamente utilizados na confecção de compêndios

escolares. Mas já nessa época, várias críticas surgiram quanto ao ensino da época, devido à releitura religiosa que corrompia a maiorias dos textos utilizados para o ensino.

Durante a Reforma Protestante surgiu a necessidade de que a atividade de ensino fosse realizada tendo em vista a Bíblia Sagrada e durante muito tempo essa foi a principal fonte de ensino. Na Contra-Reforma, a obra jesuítica *Ratio Studiorum* é o compêndio mais utilizado, havendo alguns avanços como o uso de capítulos separando os textos, a utilização de perguntas e respostas, etc.

No século XIX, com o surgimento de vários Estados Nacionais há a preocupação com as novas gerações, desta forma o manual didático torna-se um importante instrumento de afirmação da soberania nacional.

A América do Norte, em 1870, substitui os manuais didáticos influenciados pela didática inglesa e confeccionam livros de autores americanos. Assim, os manuais didáticos deixaram de servir exclusivamente a prática da leitura e começaram a se interessar por classificações, nomenclaturas e discussões de regras.

Até os anos 1960, os manuais didáticos possuíam uma durabilidade maior, sendo passados de geração a geração de estudantes que utilizavam o mesmo manual. Como exemplo, podemos citar a *Antologia Nacional*, do Fausto Barreto e Carlos Laerte, que tem a primeira edição em 1895 e a última em 1969.

Os avanços científicos e tecnológicos fizeram com que o conhecimento passasse por transformações cada vez mais velozes. Os manuais escolares para acompanhar essas mudanças passaram a ter atualizações maiores. Outro fator que contribuiu para a periodicidade menor dos manuais são os interesses mercadológicos, pois as editoras encontraram nos manuais a possibilidade de um comércio promissor devido a vasta demanda criada com a ampliação do ensino para toda a população.

Atualmente os manuais são alvos de reflexões constantes. A cada ano os manuais têm se aperfeiçoado e melhorado suas edições, o que certamente contribui para um constante aprimoramento das práticas de ensino/ aprendizagem dos educandos.

3.2.2 Manual didático de língua portuguesa

Como todos manuais didáticos, o MDLP serve-se do programa oficial (PCN) para propor conteúdos diretamente relacionados à prática de ensino/ aprendizagem. A especificidade do MDLP está em incorporar dentro de si elementos resultantes de outros gêneros (textos jornalísticos, textos publicitários, fotografias) colocando-os a serviço do discurso didático, ou seja, textos de diferentes contextos e discursos são incorporados ao MDLP para atenderem a uma finalidade didática: ensinar a língua materna.

O ensino de língua portuguesa foi durante séculos realizado por meio de antologias, cartilhas e textos do exterior ou traduzidos. Dos primeiros livros portugueses está, em 1539, a *Cartilha para ensinar a ler com as doutrinas da prudência, adjunta uma solfa de cantigas para atiçar curiosidade* do Frei João Soares.

Sempre fez parte da tradição dos manuais brasileiros a preparação coletâneas com a seleção de diversos textos literários de autores representativos da língua portuguesa. O trabalho com autores canônicos devia-se a percepção de que essas pessoas dominavam com precisão a arte de bom uso da língua pelo estilo que empregavam, cabia às pessoas tentar aproximarem-se o máximo do bom uso da língua assim como os autores estudados o faziam.

No Brasil, a utilização dos MDLP é sistematizada em 1938 quando o Ministério da Educação institui a Comissão Permanente do livro Didático (CNLD) que estabelece

condições para a produção, importação e utilização do livro didático. O decreto-lei 10.006 de 30/12/1938 define, pela primeira vez, o que deve ser entendido por manual didático:

Art. 2º -parágrafo 1º- compêndios são livros que exponham total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares. Parágrafo 2º - livros de literatura de classe são livros usados para leitura dos alunos em aula, tais livros são também chamados de livros texto, compêndio escolar, livro escolar, livro de classe, manual, livro didático, manual didático. (FREITAG, & COSTA & MOTTA, 1989, p. 13)

O Manual Didático de Língua Portuguesa, como conhecemos hoje, nasce entre as décadas de 50 e 60, mas só na década de 1970 sua utilização e difusão ganharam força no país, isso graças às mudanças na política educacional na época da ditadura e a promulgação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Com as novas políticas educacionais, houve a “democratização do acesso da população à escola em consequência de um novo modelo econômico.” Bunzen & Rojo (2005, p. 77). É importante constatar que a veiculação, padronização e até a utilização do manual didático está intrinsecamente ligada à política utilização do manual didático está intrinsecamente ligada à política estatal do manual didático no Brasil.

Em 1985, é instituído o programa Nacional do livro Didático (PNLD) que se torna responsável por substituir os programas responsáveis pelos livros didáticos. O que determinou a ampliação do acesso aos manuais escolares nessa época, foi a ampliação do acesso à escola devido à necessidade de fornecer mão de obra capaz de atender a demanda da crescente expansão industrial brasileira. Cada vez mais se fazia necessário para a crescente indústria uma mão de obra que fosse capaz de operar máquinas e assimilar os novos padrões industriais.

Os manuais didáticos sempre foram um importante recurso na concretização da massificação da educação nacional. Em relação à língua portuguesa, pode-se dizer que o manual didático foi importante para cristalizar algumas práticas de uso da língua, fortalecendo a norma “padrão culta” do português por todo o país .

Hoje em dia, os MDLP são elaborados para atender as necessidades dos educandos, mas também, há o interesse em trazer técnicas de ensino-aprendizagem, mais dinâmicas para facilitar o trabalho do professor.

Segundo Bunzen & Rojo (2005, p. 80)

“É, pois, dirigindo-se a um professor apreciado como mal formado, sem tempo para preparação e correção de atividades escolares, devido a sua grande sobrecarga de trabalho, determinada pelo aviltamento da profissão, e que fica pouco tempo em cada escola, que o livro assume para si a tarefa de estruturar as aulas (...). Os autores de livros didáticos passam a ser decisivos na didatização dos objetos de ensino e, logo, na construção dos conceitos e capacidades a serem ensinados.”

Nos últimos anos o interesse pela qualidade dos manuais didáticos aumentou devido ao reconhecimento de que eles representam, muitas vezes, o único dispositivo portador de textos utilizado pela escola e a única fonte de leitura para muitos alunos. O manual didático é tido como o principal recurso de difusão de textos que favorecem a ampliação do letramento. Desta forma, o cuidado com a reprodução dos MDLP vem sendo sistematizado através de mecanismos de avaliação como o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático instituído em 1996).

O manual didático é um dispositivo material confeccionado de acordo com as normas para determinada série. O autor do manual precisa conhecer aqueles a quem o manual didático é destinado para atendê-los quanto a suas necessidades e interesses.

O manual didático exerce muita influencia na formação do educando, sendo utilizado em muitos lugares como a principal fonte de leitura e conteúdos escolares. A grande facilidade de consumo facilitou, certamente, a disseminação dos manuais, assegurando que o programa oficial de desenvolvimento dos conteúdos fosse cumprido de forma uniforme, nos mais longínquos pontos do país. Além de permitir o manuseio do aluno, o manual é importante por ser um dispositivo de fácil acesso e consumo.

O manual didático possui na interação com o leitor uma de suas principais características, veiculando nessa interação determinados valores e conceitos culturais do meio social.

3.3 Situação de comunicação jornalística

Um gênero discursivo está intrinsecamente ligado a uma situação de comunicação, pois é situação de comunicação que vai determinar as restrições discursivas que vão incidir na composição do gênero. Desta forma, a situação de comunicação jornalística é responsável por configurar os seguintes elementos situacionais: identidade dos parceiros, finalidade, tematização / problematização, dispositivo.

A identidade dos parceiros na situação de comunicação jornalística é concebida por duas instâncias: uma instância de produção e uma instância de recepção.

A instância de produção ou instância informante é composta por vários atores que contribuem direta ou indiretamente para a composição da notícia de jornal: o jornalista, os

redatores da notícia, os editores e os outros sujeitos implicados na confecção da notícia. “Nessa instância, o jornalista – quaisquer que sejam suas especificações: generalista/ especialista, de escritório/ de campo, correspondente, enviado especial etc. – não é o único ator, mas constitui a figura mais importante.” (CHARAUDEAU, p. 73, 2006) A instância informante, responsável pela iniciativa de comunicação, fornece informações a respeito do espaço público acreditando dizer uma verdade sobre o fato.

A instância de recepção é composta pelos leitores reais da notícia, sujeitos que entrarão em contato com a notícia e que iniciarão o processo de interpretação.

No nível discursivo, os parceiros envolvidos são o enunciador jornalístico e o leitor idealizado pela instância informante.

O enunciador jornalístico é a voz que relata os acontecimentos, possuindo uma posição de autoridade de “fazer saber”, podendo parta isto convocar a voz do outro ou simplesmente captá-la para dar credibilidade ao que está sendo dito.

O enunciador jornalístico utiliza-se de estratégias próprias do meio jornalístico podendo confrontar idéias, expor acontecimentos, relatos, coletar depoimentos e até mesmo criar um cenário característico do discurso jornalístico mais próximo da teatralização (dramatização) do que da factualidade.

O leitor idealizado é um sujeito que se aproxima de uma figura de instancia cidadã, sujeito preocupado e inserido nas questões da sua comunidade e, por isso, interessasse de modo engajado pela informação sobre os fatos que possuem implicação sobre o espaço público.

Na situação de comunicação jornalística, revela-se a finalidade precípua de relatar acontecimentos recentes carregados de interesse social. “Justifica-se assim a profissão de informadores que buscam tornar público aquilo que seria ignorado, oculto, secreto.”

(CHARAUDEAU, 2006, p.58). Há, entretanto, outra intencionalidade marcante na situação jornalística: seduzir o público leitor. Essa lógica comercial é importante, pois a empresa jornalística necessita captar o público para continuar existindo.

O imperativo da captação a obriga a recorrer à sedução, o que nem sempre atende à exigência de credibilidade que lhe cabe na função de “serviço ao cidadão” – sem contar que a informação, pelo fato de referir-se aos acontecimentos do espaço público político civil, nem sempre estará isenta de posições ideológicas. (aspas do autor) (CHARAUDEAU, 2006, p.59)

Charaudeau (2006, p.150) institui à situação de comunicação jornalística os seguintes propósitos:

- **relatar** o que acontece ou aconteceu no espaço público, construindo um espaço de mediação que chamamos de acontecimento relatado.
- **comentar** o porquê e o como do acontecimento relatado por análises e pontos de vista diversos ou mais ou menos especializados, justificando eventualmente seus próprios posicionamentos.
- **provocar** confronto de idéias para contribuir com as discussões sociais.

Segundo Charaudeau (2006, p. 105) o dispositivo “é um componente do contrato de comunicação sem o qual não há interpretação possível da mensagem,” Sendo assim, qualquer produção de sentido deve levar em conta o dispositivo responsável por estabelecer relações com os leitores da notícia.

A situação de comunicação que nos interesse implica o jornal impresso como dispositivo. O jornal se inscreve em uma tradição escrita em que, apesar de não haver a imagem do locutor, prevalece voz do enunciador jornalístico . O jornal, apesar de ser um

dispositivo simples, é marcado pela diversidade de gêneros e pela facilidade de consumo. O suporte escrito permite ao leitor uma interação profunda com texto devido à possibilidade de retomar a leitura quando desejar, interrompê-la para assimilar informações, reler partes que possam esclarecer pontos dúbios. A facilidade de manejar o suporte permite que a interpretação seja construída tendo em vista a estruturação do texto e a sua organização interna.

3.4 Situação de comunicação didática

Quando nos referimos à situação de comunicação didática restringimo-nos a situação de comunicação envolvendo o manual didático de língua portuguesa. Não entraremos na questão proposta por Costa Val & Marcushi (2005) envolvendo a noção do manual didático como gênero discursivo que intercala gêneros ou simplesmente como dispositivo que agrupa textos ou gêneros variados.

A situação de comunicação didática é responsável por configurar os elementos situacionais: identidade dos parceiros, finalidade, tematização / problematização, dispositivo.

O MDLP é um projeto de interlocução que está encaixado no mundo social em que vivem os parceiros da troca comunicativa. Desta forma, no nível situacional o manual didático possui como parceiros: uma instância de produção e uma instância de recepção.

A instância produtora do MDLP representa os vários atores que contribuem direta ou indiretamente para a composição do manual: autores, editores, ilustradores, e os outros sujeitos implicados na confecção do manual. A instância de recepção é composta pelos

leitores reais do MDLP, sujeitos que entrarão em contato com o manual e construirão com ele o contrato comunicativo.

No nível discursivo, os parceiros envolvidos são representados pelo enunciador didático e os alunos / professores.

O enunciador didático é voz que interage com os interlocutores (alunos/professores) propondo atividades, leituras, veiculando saberes, comportamentos e crenças. Para Mendes & Padilha (2005, p. 122) o manual didático “procura trazer para dentro da obra outras vozes, dialogando, num movimento crescente com os documentos oficiais (PCN) e as próprias orientações das sucessivas avaliações (PNLD), deixando de ser somente o discurso monológico do autor.”

Esse enunciador está em posição de “fazer saber-fazer” detendo uma autoridade que lhe é legítima. Daí certas expressões comuns aos manuais didáticos como: faça, avalie, relacione, comente, redija, etc.

É notório que os manuais didáticos caracterizam-se por incorporar gêneros do discurso às páginas do manual didático. Tal fato transforma o manual didático em um elemento polifônico, pois agindo de acordo com a sua finalidade, abre espaço para a voz do outro em sua enunciação. É importante salientar que as outras vozes corroboram as intenções do enunciador didático. A visão do outro, desta forma, deve colaborar com a visão do enunciador didático que está interessado promover a formação e instrução. Pensamos que a forma como o manual didático transforma-se em um enunciado coletivo constrói o que Ducrot (1987) chama de argumentação por autoridade. O autor afirma que uma das formas de se construir uma argumentação por autoridade é através de uma autoridade polifônica em que o enunciador “introduz em seu discurso uma voz que não é forçosamente a sua (...).” (DUCROT, 1987, p. 144)

O leitor idealizado pela instância produtora do manual didático são os alunos e professores da 6º série, sujeitos que devem aceitar o contrato imposto pelo manual didático e estarem interessados no processo de ensino/ aprendizagem.

A finalidade do manual didático é apresentar um conjunto de conteúdos necessários à formação e instrução do educando. Seguindo as diretrizes do Ministério da Educação os manuais didáticos veiculam saberes necessários à inserção dos educandos à instância cidadã, contribuindo para a aquisição da linguagem oral, escrita, além da formação social e política. Há, entretanto, também um interesse comercial alicerçando os interesses do MDLP já que ele é uma mercadoria que atende aos interesses mercadológicos, seguindo as modernas técnicas produção e comercialização. Além de instruir, o MDLP precisa continuar seduzindo o seu público leitor e para isso utiliza estratégias de captação que vão além da qualidade dos textos apresentados. Elementos como a forma física, a qualidade do papel, a capa, e a qualidade das imagens, tornam se importantes mecanismos de sedução e captação para a manutenção do seu consumo.

Apesar de incorporar uma grande quantidade de textos, as temáticas propostas pelos MDLP privilegiam as questões gramaticais. Mesmo assumindo a proposta de se trabalhar com a linguagem (e a linguagem vai muito além das questões gramaticais) os MDLP em sua grande maioria⁷ propõem como principais temáticas de discussão as regras e usos normativos da gramática.

A problematização acerca dos textos inseridos ao manual didático fica restrita ao uso do dialeto padrão na escola. Ao aluno cabe apenas aprender as regras de utilização da língua e aplicá-las em atividades que não espelham o mundo real em que a língua é

⁷ Além dos manuais didáticos analisados nesta pesquisa, discutimos tal fato tendo em vista nossa experiência de anos lecionando e trabalhando com manuais didáticos no ensino fundamental.

utilizada, nem a complexidade que envolve a utilização da língua no mundo. Na verdade, o aluno não problematiza as questões relativas ao uso da língua, ele apenas aprende as regras e as aplica em atividades que não espelham o mundo real em que a língua é utilizada.

PARTE II

A RECONFIGURAÇÃO DA NOTÍCIA DO JORNAL

CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir apresentaremos a metodologia de pesquisa empregada em nossa investigação. A pesquisa apresenta um caráter contrastivo e interpretativo, conforme as idéias propostas por Charaudeau que acredita que “os gêneros inscrevem-se numa relação social de reconhecimento trazendo uma codificação que lhes é própria, (...)” (CHARAUDEAU, 2006, p. 211). Portanto, nessa perspectiva, busca-se entender, por contraste, as duas codificações (da prática didática e da prática jornalística) e que resultado pode-se obter quando um elemento construído em uma prática (no nosso caso, a prática jornalística) é levado, transferido, para ser consumido, trabalhado em outra prática (a prática didática). É a esse processo de transferência de um elemento de sua situação original para uma outra situação que damos o nome, proposto por Emediato (2007) de *reconfiguração*.⁸

Com a transposição da notícia de jornal, produzida no interior do gênero discursivo jornalístico, para uma situação de ensino (gênero educativo/didático), o gênero tem seus parâmetros situacionais *reconfigurados*, provocando a modificação de seus modos de consumo, produção e interpretação.

Na busca do entendimento do processo de reconfiguração do gênero jornalístico, foi preciso reunir notícias de jornal que foram intercaladas em manuais didáticos de língua portuguesa. As condições de produção do texto noticioso nas duas situações de comunicação (jornalística e escolar) serviram de dados para dar suporte às interpretações e conclusões do trabalho.

⁸ EMEDIATO, Wander. *O problema dos gêneros nos manuais didáticos: apropriação e reconfiguração*. Resumo ampliado. Caderno de resumos do Congresso da Associação Brasileira de Linguística. ABRALIN, 2007.

Nosso trabalho consiste em analisar a notícia de jornal em duas situações: S1 a notícia jornalística no jornal (na situação jornalística) e S2 a notícia jornalística no manual didático (na situação didática), descrevendo os papéis languageiros previstos nas duas situações de comunicação (jornalístico e escolar); proporcionando assim, uma análise dos dois dispositivos.

4.1 Procedimentos de coleta de dados

Como o foco da pesquisa é investigar o processo de reconfiguração do gênero jornalístico através da notícia de jornal quando esta é intercalada ao manual didático de língua portuguesa, o primeiro passo foi escolher os dois manuais didáticos de 6º série que seriam utilizados. Realizamos uma pesquisa aleatória em escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte da rede estadual e da rede municipal de ensino: ligamos para as escolas e perguntamos quais manuais didáticos eram utilizadas na 6º série do ensino fundamental, em seguida perguntamos o bairro e informamos que as informações serviriam a uma pesquisa de mestrado. O resultado está representado no Quadro 3.

QUADRO 3 – Lista de escolas e os livros utilizados por elas na 6º série do ensino fundamental

ESCOLA	Manual didático adotado na 6º série EF (2005/2007)
Escola Estadual Gervásio Lara (Bairro São Benedito)	<i>Português para todos</i> Ernani Terra / Floriana Cavallette
Escola Estadual Professora Francisca	<i>Português: Linguagens</i>

Malheiros (Bairro Tupi)	William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães
Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade (Bairro Floramar)	<i>Português: Linguagens</i> William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães
Escola Municipal São Judas Tadeu (Bairro Eldorado)	<i>Português: Linguagens</i> William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães
Escola Municipal Professora Maria Mazzarelo (Bairro Nazaré)	<i>Português para todos</i> Ernani Terra / Floriana Cavallette
Escola Estadual Cândido Portinari (Bairro Salgado Filho)	<i>Português: Linguagens</i> William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães
Escola Estadual Coronel Juca Pinto (Bairro Universitário)	<i>Português: Linguagens</i> William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães
Escola Municipal Hilda Rabelo Matta (Bairro Heliópolis)	<i>Português: Linguagens</i> William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães

O objetivo em contatar as escolas era formar um quadro com manuais didáticos utilizados na sexta série. Os dois manuais didáticos com maior recorrência seriam utilizados na pesquisa, após verificação se esses utilizam notícias de jornais em suas páginas. Entretanto, para nossa surpresa, somente houve a ocorrência de dois manuais didáticos. Após verificar que os dois manuais didáticos possuíam incorporados a suas páginas notícias de jornal, eles foram escolhidos: *Português: Linguagens* -William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães e *Português para todos* - Ernani Terra / Floriana Cavallette.

Não desejamos fazer um contraste entre tipos de manuais didáticos, pois isso implicaria um trabalho bem mais amplo sobre a especificidade ou a tipologia dos manuais, mas tão somente observar as modificações do gênero jornalístico ao ser incorporado aos manuais didáticos.

A escolha de manuais de 6º série como *corpus* deve-se ao desejo de se estudar as manifestações dos tipos textuais⁹ nas séries iniciais do ensino fundamental, pois parece ser a partir dessa série que a entrada dos tipos textuais nos manuais é mais significativa, evoluindo, depois, para as outras séries do ensino fundamental e médio.

Ao verificarmos a ocorrência de notícias nos manuais, percebemos que se tratava de duas notícias com peculiaridades diferentes. Havia nos manuais escolhidos: uma notícia de jornal impresso (*Português: Linguagens*) e uma notícia de jornal *on-line* (*Português para todos*). Nas duas notícias de jornal (impresso e *on-line*) utilizados pelos manuais didáticos há o mesmo objetivo: ensinar a reconhecer o gênero notícia de jornal.

Já de posse da notícia de jornal nos MDLP, foi preciso buscar as mesmas notícias sendo veiculadas no jornal para observar, na sua situação de comunicação original, a finalidade da notícia, o perfil dos sujeitos envolvidos, as características do dispositivo e a tematização/ problematização envolvida. Com isso, poderíamos entender melhor o processo de *reconfiguração* dos parâmetros situacionais e, portanto, as modificações do próprio gênero intercalado ao manual didático.

Fizemos contato com as empresas jornalísticas para adquirir as notícias veiculadas no jornal impresso e no jornal *on-line*. O jornal *O Estado de São Paulo* enviou-nos a página do jornal onde a notícia de jornal impressa foi veiculada. O jornal *Folhinha Online* informou-nos que somente mantém arquivos dos jornais *on-line* com datas superiores a

⁹ Para a nossa pesquisa, entenda-se tipo textual como uma espécie de texto.

2004.¹⁰ Por não conseguir a notícia de jornal *on-line* na sua situação de comunicação original, tivemos de optar por escolher uma notícia semelhante à notícia veiculada no jornal *on-line* e usá-la como referência para entender os parâmetros situacionais a que a notícia está sujeita nesse suporte.

4.2 Procedimentos de análise

Após a escolha dos dois manuais didáticos e da posse das notícias veiculadas no dispositivo original, o processo de análise começou tendo em vista o gênero/ tipo textual *notícia de jornal* em duas situações: **S1** (situação original, a notícia no jornal, na situação jornalística), e **S2** (a notícia jornalística no manual didático, na situação escolar), descrevendo sua *finalidade* em termos de *visadas discursivas* (Charaudeau, 2004). O entendimento dos mecanismos que regem as duas situações de comunicação possibilitou descrever

- a identidade dos parceiros e os papéis languageiros previstos nas duas situações de comunicação (jornalística e escolar).

- os procedimentos de tematização / problematização levando em conta dois parâmetros: como a mesma é tematizada/ problematizada no jornal e como é *tematizada* a notícia de jornal inserida no manual e, em seguida, como ela é *problematizada* (em que domínio de avaliação, por exemplo, que tipo de perguntas são feitas, quais atividades são propostas).

- a análise do dispositivo (circunstâncias materiais que envolvem e determinam a situação de troca comunicativa): o dispositivo jornalístico (a página de jornal, diagramação,

¹⁰ A notícia de jornal *on-line* em análise foi publicada em 27 de outubro de 2001.

quadro comunicacional), o dispositivo escolar (o manual e sua inserção em um quadro que o engloba – a sala de aula).

Dado o tipo de pesquisa que se procurou empreender, apoiei-me nas categorias de análise propostas por Patrick Charaudeau (2004) quanto à definição da noção de gênero. Utilizar as categorias propostas por Charaudeau permitiu a compreensão dos parâmetros situacionais ligados à constituição do gênero, sendo possível analisar como esses parâmetros são modificados na tentativa de inserir o gênero no manual didático de língua portuguesa.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE

Neste capítulo será feita a análise do *corpus* constituído por duas notícias: uma notícia de jornal impressa e uma notícia de jornal *on-line*. As duas notícias estão no universo da escrita e caracterizam-se pelo distanciamento entre o produtor da notícia e o seu leitor, apresentando uma situação de troca monolocutiva. Cada notícia será analisada a partir dos parâmetros situacionais tendo em vista sua veiculação da notícia em duas situações comunicativas distintas: a situação jornalística (S1) e a situação didática (S2), segundo a noção de gêneros da teoria Semiolingüística descrita no capítulo 2.

5.1 Notícia de jornal impressa *Toneladas de peixes mortos na lagoa*

5.1.1 Análise da notícia na situação de comunicação jornalística

Uma notícia de jornal está intimamente ligada a uma situação de comunicação específica. A situação de comunicação jornalística é responsável por organizar o ato de linguagem trazendo uma série de referências e condições necessárias para a constituição dos gêneros surgidos dentro desse domínio. Bem dizendo, a situação de comunicação jornalística vai ser responsável por trazer restrições lingüísticas que vão formar a própria identidade de uma notícia de jornal. Para Charaudeau (2006, p. 67)

A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. (...) A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui seu valor simbólico. (CHARAUDEAU, 2006, p. 67)

Nosso primeiro *corpus*, a notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa*, na sua situação de comunicação original (veiculada em um jornal impresso), possui uma série de parâmetros provenientes da circunstância onde o ato de linguagem se realiza. Esses parâmetros situacionais ou condições de produção/ interpretação são: a identidade dos parceiros, a finalidade, tematização/ problematização e o dispositivo.

FIGURA 1 – Página de jornal com a notícia Toneladas de peixes mortos na lagoa

SEGUNDA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 2002

GERAL

ESTADO DE S. PAULO - A7

AMBIENTE

Amazônia: devastação no limite legal

Futuro da floresta é de preservação e desenvolvimento, diz coordenador do MMA

HERTON ESCOBAR

A Amazônia não está salva, mas também não está perdida. Mesmo com todo o extrativismo ilegal, o índice total de desmatamento da floresta (14%) ainda está abaixo do que seria permitido pela legislação atual (20%), de acordo com o diretor de Ações Estratégicas da Secretaria de Coordenação da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente (MMA), Mário Menezes. Segundo ele, a exploração econômica e a conservação ambiental podem caminhar lado a lado daqui em diante, inclusive com a execução do programa Avança Brasil, que prevê a construção de estradas e hidrovias na Amazônia. Mas antes é preciso reverter o modelo de desenvolvimento para a região.

Estado – Os números mostram que o desmatamento na Amazônia voltou a crescer nos últimos anos, apesar dos esforços governamentais. Como o senhor analisa isso?

Mário Menezes – Consideramos que as taxas anuais de desmatamento estão num patamar alto, em torno de 1,7 milhão de hectares de floresta ao longo dos últimos dez anos, embora tenham sido maiores na década de 80, em torno de 2,1 milhões de hectares por ano. As dificuldades enfrentadas pelo governo no tratamento desse problema têm relação muito estreita com o perfil do modelo de desenvolvimento que adotamos como sociedade. São dificuldades estruturais de origem econômica, política, social e até mesmo cultural, que não se reparam rapidamente. Do ponto de vista econômico, temos a demanda do mercado interno pela madeira amazônica. Temos também a expansão da soja, que já constitui vários polos de produção na região. Parte do



Dida Sampaio/AG

desmatamento se dá pelo assentamento de famílias, no processo de reforma agrária. Cerca de 90% das áreas dos assentamentos estão na Amazônia e 65% das famílias lá assentadas são de outras regiões. Estes aspectos também são causas políticas do desmatamento, já que a transferência de problemas estruturais para a Amazônia é uma decisão política que começamos a fazer no período da ditadura militar e se estende até os dias atuais.

Estado – A Amazônia pode ser explorada de forma lucrativa, sem comprometer a sustentabilidade dos recursos naturais?

Menezes – Sem dúvida. É uma questão de saber o que, onde e como explorar. A sociedade brasileira não tem tradição em organizar o desenvolvimento dessa maneira e nem decidiu ainda que papel a Amazônia deve ter no desenvolvimento do País. Um exemplo: o Estado de

São Paulo consumiu quase todos os seus florestas e hoje depende da Amazônia para suprir seu mercado de madeira, consumindo 6 milhões dos 30 milhões de metros cúbicos que a região produz anualmente. Se São Paulo tivesse planejado a manutenção das fontes de madeira que existiam em seu território, certamente estaria explorando suas florestas de forma sustentável e não exerceria essa pressão sobre as florestas da região. A demanda do Estado responde pelo corte de pelo menos 200 mil hectares de floresta por ano na Amazônia.

Até 20% da floresta pode ser desmatada

Estado – Quanto a Amazônia poderia ser desmatada legalmente?

Menezes – O Ministério trabalha com um índice próximo de 20%, considerando um cenário projetado para os próximos dez anos. Para chegarmos a esse número, consideramos que um máximo de 60% dos 410 mil

hectares de florestas na Amazônia poderiam ser privatizados na região, uma vez que os 40% restantes estão ou estão sob domínio de unidades de conservação, florestas públicas, áreas de preservação permanente e terras indígenas. Dos 240 milhões de hectares passíveis de privatização, algo próximo a 80 milhões de hectares poderia ser desmatados, segundo a legislação atual, o que corresponderia a 20% da floresta. O desmatamento acumulado até o ano 2000, de 39 milhões de hectares, segundo o Inpe, corresponde a 14,3% da região.

Estado – E quanto do desmatamento atual na região é legalizado?

Menezes – Pela estrutura atual de controle do desmatamento, é possível somente uma aproximação. E essa é uma limitação que o sistema de controle de licenciamento ambiental feito por satélite também busca superar. Em 2001, em torno de 60% dos desmatamentos foram autorizados, o que não significa que todo esse índice seja legal, dada a precariedade dos atuais procedimentos de au-

torização e da fiscalização dos cortes autorizados.

Estado – Como e Avança Brasil se encaixa no processo de conservação?

Menezes – É preciso esclarecer que o Avança Brasil não se restringe a obras de infraestrutura viária. O programa também prevê a aplicação de medidas voltadas para a gestão ambiental e ordenamento territorial na região. Quanto ao combate aos desflorestamentos, a estratégia do ministério engloba um conjunto de medidas com três objetivos claros: conter o desmatamento legal, estimular alternativas econômicas que minimizem o desmatamento e aperfeiçoar o sistema de unidades de conservação na região. Mais de 90% dessas ações estão sendo viabilizadas no âmbito do Avança Brasil.

Estado – E como está o programa Avança Brasil?

Menezes – O programa não está em plena execução, mas investimentos significativos estão sendo feitos na Amazônia. Para o ano ambiental, o programa destina recursos da ordem de R\$ 340 milhões, no período 2000-2001. Desses recursos, R\$ 115 milhões foram liberados em 2000 e 2001, estando já aprovados R\$ 151 milhões para 2002.

Estado – É possível construir estradas pavimentadas na Amazônia sem abrir a porteira para a devastação?

Menezes – É possível, sim, mas ainda temos de inaugurar essa nova era para valer. A partir das décadas de 40 e 50, as rodovias passaram a ser abertas para tornar acessíveis territórios não integrados à área de ocupação já consolidada. Hoje, temos conhecimento técnico e tecnologia suficientes para o planejamento prévio dessa ocupação, trazendo os atores do desenvolvimento para a legalidade, reduzindo drasticamente os riscos de impactos e demais impactos ambientais que seguem a abertura de uma rodovia.



Fabio Melo/AG

De novo, mortandade de peixes no Rio ocorre todo carnaval

Toneladas de peixes mortos na Lagoa

MURILLO FIJAZA DE MELO

RIO – O Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros (G-Mar) e a Companhia de Limpeza Urbana do Rio (Comlurb) retiraram 31 toneladas de peixes mortos da Lagoa Rodrigo de Freitas nos dois últimos dias. Segundo o secretário estadual de Meio Ambiente, André Corrêa, o problema foi provocado por temperatura alta e pela maré baixa, que não deixou a água da lagoa se renovar. Normalmente, a tempera-

ra média da água é de 23°C, mas neste mês chegou a 30°C, segundo ele.

Cerca de 80 homens do grupamento e 45 garças trabalham no trabalho de limpeza, que continua hoje. É o terceiro carnaval consecutivo em que há mortandade de peixes na lagoa. "Além de provocar mau cheiro, os peixes mortos impedem a circulação do oxigênio na água", disse o comandante do G-Mar, tenente-coronel bombeiro Marcos Silva.

Corrêa defendeu a qualidade da água do local e rebateu

as declarações do secretário municipal de Meio Ambiente, Eduardo Paes, de que os principais motivos da mortandade seriam o despejo de esgoto e o desinteresse do Estado em realizar obras de ampliação do canal do Jardim de Alah, por onde a água da lagoa é renovada. Ontem, Corrêa determinou que a comporta do Jardim de Alah fique fechada até que a maré suba. Obras recentes também não impedem o despejo de esgoto. "Há dois dias estamos em alerta, prevenindo novo acidente", disse Corrêa.

Arquivo do Vaticano desvenda Brasil colonial

Documentos que registraram as relações interpessoais na época estão agora no País

BEATRIZ COELHO SILVA

RIO – Onze rolos de microfiches chegados do Vaticano vão ajudar os historiadores do País a conhecer melhor a formação da sociedade e das famílias brasileiras. São 2.748 documentos do Arquivo Secreto da Igreja Católica Apostólica Romana, enviados ao Brasil dentro do Projeto Resgate, que há sete anos traz cópias dos documentos dos tempos do império e colônia, espalhados por países europeus de Portugal, já vieram 2.500 rolos de microfiches do Arquivo do Conselho Ultramarino.

Os documentos do Vaticano contavam como eram as relações interpessoais dos moradores do Brasil colonial, seus anseios e ambições. "Eram confidências, como os despachos das atuais varas de família. Até a proclamação da República, não havia registro civil. Nascimento, casamentos e mortes eram registrados nos paróquias e, em muitos lugares, a única autoridade era o padre", diz a

coordenadora do Projeto Resgate, Esther Bertoletti. "Além disso, as pessoas não circulavam livremente, pois o direito de ir e vir é um ganho da Revolução Francesa. Quem queria se mudar, casar ou viajar precisava obter uma autorização."

Nelas pode-se conhecer a história do frei José da Conceição Malor, que em 1812 fugiu do Convento de São Bento, na Bahia, para o Rio porque queria se casar. Em outro documento, João, sem sobrenome, um padre de fono (mestique e ex-escravo) queria se casar com uma índia, o que era proibido. Em um terceiro, a viúva Emília não pode voltar ao reino pois não tinha como sustentar os filhos. O pedido foi negado porque havia poucas mulheres brancas no Brasil e não interessava o casamento de portugueses com negras ou índias.

Os microfiches estão em fase de cópiagem e redação do catálogo e poderão ser consultados na Biblioteca Nacional a partir de junho. Vão facilitar as pesquisas que o historiador e arquiteto Nireu Cavalcanti, da Universidade Federal Fluminense (UFF), faz sobre história carioca. Seu objetivo atual é o de saber como se formaram e quais eram as principais famílias do

Rio colonial.

"Em 1808, quando o João VI chegou ao Brasil, o Rio tinha 7.500 móveis e 2.500 proprietários. Havia uma elite de 149 famílias que possuíam 22% das casas, não trabalhavam, não tinham terras e viviam dos aluguéis. Eram mais ricos que a Igreja", conta ele. "Esses documentos tinham duas ou três cópias e uma ficava aqui, mas os do Vaticano têm parceres e cópias." E como se tivesse mesmo acesso aos processos das varas de família.

A edição do Projeto Resgate é o primeiro passo para a independência do Brasil. Na mesma época, os estudiosos iam aos arquivos e copiavam documentos à mão. "Os poetas Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu tiveram essa função", conta Esther. "Com a invenção do microfilme, foi mais fácil transportar as informações."

Garimpagem – A maioria dos documentos aqui de Portugal e Lá, havia o Conselho Ultramarino que administrava todas as

colônias e concentrava os documentos. Segundo Esther, já há 240 mil itens e o total deve chegar a 500 mil, se somados os documentos que virão da Holanda, Espanha, França, Inglaterra e Itália. "É uma garimpagem demorada porque cada documento é analisado para a catalogação e também por causa do preço. Um rolo de microfilme custa US\$ 50 e são tiradas seis cópias."

O Ministério da Cultura gasta R\$ 1,5 milhão por ano com esse trabalho. Nas próximas décadas, toda a vida administrativa do Brasil poderá ser pesquisada sem necessidade de viagens ao exterior. "Temos 70 mil estudantes de história no País e 29 cursos de pós-graduação nesta área, cuja pesquisa foi facilitada." No entanto, ela não acredita que o acervo esteja disponível na Internet. Segundo Esther, os catálogos devem entrar em rede ainda este ano porque são textos e ocupam pouco espaço, mas os documentos não são arquivos muito pesados e difíceis de acessar.

MATERIAL PODERÁ SER CONSULTADO EM JUNHO

BREVES

Pronto-socorro do HU é atingido por incêndio

O pronto-socorro do Hospital Universitário (HU-USP) suspendeu o atendimento por causa do incêndio que atingiu ontem um depósito de materiais no subsolo do prédio. A previsão é de que o pronto-socorro volte a funcionar hoje. A cozinha ficará fechada por três dias e as refeições dos pacientes serão feitas no Instituto de Física.

Divórcio e estresse juntos podem matar, diz estudo

CHICAGO – Um estudo da Universidade de Pittsburgh diz que a combinação de estresse no trabalho e divórcio pode ser mortal. Mais de 12 mil homens foram acompanhados por 7 anos. Entre os separados, 1.332 morreram. Os mais afetados foram os que enfrentaram estresse ao mesmo tempo. (Reuters)

Quer saber um telefone citado numa reportagem ou Estada? falecom@estado.com.br

Informática e papeteria Kalunga

Voltas para a Vila Atlântica 2000

141368

Caderno universitário 10x1 200 fls.

8,68

pequeno com 3 unidades

21844

Impressora Deskjet 640C

• velocidade de 6 ppm em preto

• 3 ppm em cores

• porta paralelo e USB

10X29,90

em cores

a vista R\$ 299,00

674738

Tessoura escolar sem ponta

20,12

em cores

a vista R\$ 99,00

218348

Multifunção X83

• impressora até 12 ppm em preto e 6 ppm em cores

• velocidade de 200 a 1200 dpi

10X89,90

em cores

total a vista R\$ 99,00

Vendas

VENDAS POR INTERNET

www.kalunga.com.br

VENDAS POR TELEFONE

0800-985656

LOJAS SÃO PAULO CAPITAL

Camanduí: Av. Vitorino, 307

Carapicuíba: R. Barão de Bupatringa, 68

Guarujatuba: R. Dom Pedro, 2472

Itapetininga: R. São Paulo, 321

Mossoró: Av. Dos Brancos, 206

Petrópolis: R. Rio Branco, 477

Pinhelzinho: R. Pedroso de Moraes, 737

Pompléia: Av. Francisco Matrazzo, 2000

Ribeirão Preto: Av. Aldebaran Machado, 4340

Santana: Rua Valdemar da Silva, 1483

Santa Rita: Av. Francisco Matrazzo, 2000

Taubaté: R. Vitorino, 665

Ubatuba: R. Vitorino, 3205

Vila Mariana: R. Domingos João Moraes, 4118

LOJAS GRANDE SÃO PAULO:

Guarulhos: Av. André Pradol, 200

Osasco: Av. G. de Moraes, 4111

Paulista: Av. Paulista, 1705

ABC PLAZA SHOPPING:

Av. Industrial 600 Box 160

Rua C. Gomes, 16, Araruama, 646

LOJAS INTERIOR

Camanduí: Av. Aracaju, 500

Novo: 500

Ribeirão Preto: (Ribeirão Shopping)

Rua C. Fernandes, 14

Luiz, 1340 loja 158

LOJAS IBI DE JANEIRO CAPITAL:

Dois Córregos: (Shopping Nova América)

Ubatuba: Av. Vitorino e matriz do Casão

sackalunga

3346-9912

Dados, análises e informações

Vendamos somente embalgens fedatas

Nova loja! SANTANA

Rua Beneditino de Paiva, 4-83

5.1.1.1 Identidade dos parceiros

Considerando os sujeitos situacionais, circuito externo, na notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* há dois sujeitos implicados: a instância informante, que detém a iniciativa do processo de produção, e a instância leitora da notícia, o leitor real que lerá a notícia no jornal e que iniciará o processo de interpretação.

A instância informante, EUc, é representada pelo conjunto: jornal *O Estado de São Paulo*, Murilo Fiúza de Melo, editores, redatores do jornal e os outros sujeitos implicados na realização da notícia. A instância informante objetiva levar informações sobre o espaço público aos leitores, tendo em mente que as informações precisam ser importantes e necessárias, além de que o seu processo comunicativo conta com a velocidade e a rapidez da sua comunicação.

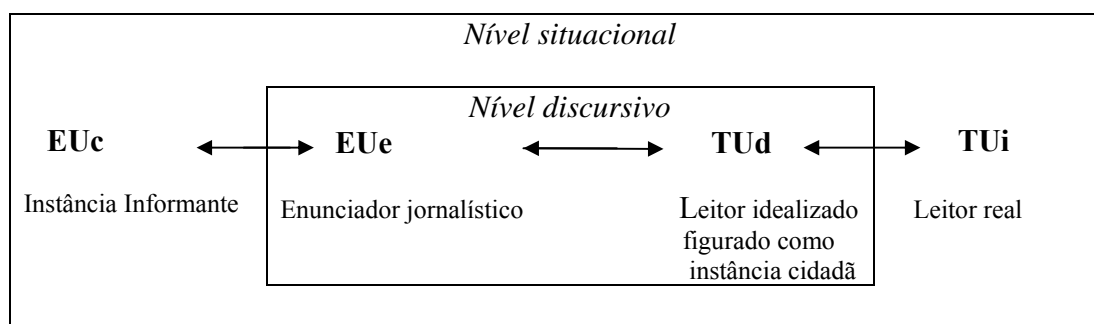
O leitor empírico da notícia, TUi, é representado pelos leitores que efetivamente vão ler a notícia e que validam, ou não, o contrato jornalístico. Embora a instância informante idealize o leitor como um sujeito cidadão comprometido com as questões sociais, o leitor real da notícia pode não estar inserido na instância cidadã, pois não se pode prever quem realmente lerá a notícia. A notícia, que trata de problemas ambientais, pode não agradar, usando um exemplo, os envolvidos diretamente na mortandade de peixes, pois esses sujeitos não lerão a notícia como cidadãos comprometidos com as questões sociais e ambientais, mas como indivíduos pragmáticos que desejam saber que tipo de implicação o desastre ambiental pode trazer para eles. Como dissemos no capítulo 1, sobre o sujeitos da linguagem, não há como a instância informante prever totalmente quem serão os leitores efetivos da notícia e os tipos de interpretação realizadas sobre a notícia. Certamente o sujeito que produz a notícia prevê, nas suas escolhas redacionais, os seus leitores ideais,

mas não detém o controle absoluto sobre seus interpretantes, já que o sujeito responsável pela iniciativa da interpretação encontra-se disposto no tempo, no espaço e em contextos variados.

Considerando os sujeitos discursivos, circuito interno, estão situados dois sujeitos: o enunciador jornalístico, EUe, e o leitor idealizado pela instância jornalística, TUd. O enunciador jornalístico é constituído como uma imagem do sujeito informante, essa imagem constitui-se como uma voz jornalística, visto que ela utiliza-se de estratégias próprias do meio jornalístico para enunciar, expressando comportamentos enunciativos, enuncivos, veriditivos e axiológicos.

O outro sujeito discursivo, TUd, é o leitor imaginado pela instância informante. Esse leitor idealizado pela instância informante é pensado como um sujeito pertencente à instância cidadã, uma pessoa que está implicada nos acontecimentos sociais e que supostamente está interessada nos problemas ambientais que ocorrem no meio social. Ao representarmos os sujeitos do ato de linguagem da notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* no quadro comunicacional proposto por Charaudeau (2001), teremos:

QUADRO 4 – Os sujeitos da notícia de jornal impressa *Toneladas de peixes mortos na lagoa* no quadro enunciativo



5.1.1.2 Finalidade

A finalidade da notícia de jornal é relatar acontecimentos recentes carregados de interesse social. Com tal finalidade, a notícia seleciona uma visada de informação em que o enunciador jornalístico encontra-se na posição de “fazer saber” transmitindo saber e informação a quem não o possui. O leitor idealizado, portanto, deve ocupar a posição de “dever saber” os saberes trazidos pela notícia.

Além da visada de informação, há também uma visada de captação em que o enunciador jornalístico encontra-se em posição de “fazer sentir” enquanto os leitores devem ocupar a posição de “dever sentir”.

A visada de captação é importante para seduzir os leitores e incitá-los a continuar consumindo o jornal, havendo um interesse mercadológico nessa finalidade. A notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* consegue captar o seu leitor através de algumas estratégias de sensibilização com a descrição da mortandade de peixes na lagoa Rodrigo de Freitas, ativando a lei de proximidade geográfica (implicação local). Desta forma, o acontecimento que ocorre no espaço público é suficiente para formar um pacto com o leitor, que assim como a instância informante¹¹ vê o acontecimento como uma quebra da ordem natural e que mobiliza “um roteiro dramático que se encerra invariavelmente com as eternas questões sobre o destino humano: “como é possível?”, “Porque as coisas são assim?”, “Para onde Vamos?”¹².” (CHARAUDEAU, 2006, p. 93)

A notícia sobre a mortandade de peixes parece convidar os leitores a agir sobre a realidade através de uma posição de indignação (dever sentir) diante do fato. Essa idéia é

¹¹ Afinal, se a instância informante torna a mortandade de peixes visível é porque ela também a considera o fato trágico e que deve ser conhecido por todos cidadãos.

¹² Aspas do autor.

sustentada pelo discurso ambiental que prevalece hegemônico na sociedade e torna comum a indignação sobre os problemas ambientais. Ambos, leitor e instância jornalística, compartilham o sentimento de indignação o que cria uma cumplicidade e uma identificação entre jornal e leitor.

A finalidade de captação do leitor através da visada de “fazer sentir” é implícita sendo que é a visada de informação que predomina, pois é ela que legitima o contrato jornalístico. Para Charaudeau (2006, p. 93)

Na tensão entre os pólos de credibilidade e de captação, quanto mais as mídias tendem para o primeiro, cujas exigências são as da austeridade racionalizante, menos tocam o grande público; quanto mais tendem para a captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, menos credíveis serão. As mídias não ignoram isso, e seu jogo consiste em navegar entre esses dois pólos ao sabor de sua ideologia e da natureza dos acontecimentos.

Uma notícia que deixasse explícita a finalidade de despertar no público determinado sentimento para atrair leitores, correria o risco de não produzir o efeito desejado, em se tratando de jornalismo de referência. O mesmo não se passa, por exemplo, com o jornalismo popular e sensacionalista. Esses últimos parecem fazer da sensação (o fazer sentir) a pertinência maior para o seu leitorado. Por isso a notícia do jornal de referência trabalha com as finalidades de informar e captar de forma sutil, indo de uma finalidade a outra sem chamar a atenção do leitor.

5.1.1.3 Tematização / problematização

A notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* aborda um acontecimento social que somente ganha sentido a partir da sua tematização. Na notícia, a tematização gira em torno

das questões que envolvem o meio ambiente (no caso a mortandade de peixes na lagoa Rodrigo de Freitas). A mortandade de peixes na lagoa como tematização implica uma problematização assumida pelo leitor, que por compartilhar da ética cidadã, engaja-se na indignação contra o desastre ambiental. No campo ético no qual o cidadão está inserido o desastre ambiental representa uma ruptura da ordem, havendo uma apreciação negativa em torno do acontecimento.

5.1.1.4 Dispositivo

O dispositivo é um tipo de condição de enunciação marcado pelas condições materiais da comunicação. O dispositivo constrói um quadro que define o canal de transmissão utilizado, os espaços físicos e o ambiente em que se inscreve a comunicação. A notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* é um ato de comunicação que utiliza o jornal impresso como suporte de transmissão, sendo que é através da página do jornal impresso que a notícia materializa-se ocupando um lugar no espaço.

O jornal impresso é construído seguindo uma certa estrutura e organização para abrigar diferentes gêneros/ tipos textuais jornalísticos. A configuração do jornal é resultado de um processo histórico em que o formato do jornal impresso é constantemente revisto buscando a melhor interação com o leitor que acompanha as mudanças mais sutis desse dispositivo.

Consideraremos nessa pesquisa, para efeito de análise, somente a página de jornal onde a notícia foi veiculada como suporte. A página de jornal (FIGURA 1) é responsável por trazer à notícia um determinado sentido, pois o dispositivo prepara o leitor para receber determinados gêneros/ tipos textuais característicos do jornal impresso. A familiaridade

com o dispositivo jornal impresso torna mais fácil a construção de um sentido, pois o leitor ao identificar a suporte da notícia já prevê que tipo de textos encontrará. O exemplo de Mouillaud (2002, p. 29) esclarece bem a idéia de que o dispositivo ajuda na construção de um sentido.

“...à primeira vista, a embalagem e o objeto podem ser separados sem que o objeto perca sua identidade; entretanto, um perfume continua a ser um perfume sem seu frasco? (...) o envelope não está indiferente à carta que contém; ele me prepara para esperar um correspondente (...) para mobilizar esse ou aquele interesse (ou desinteresse), para acordar o *ethos* (favorável ou desfavorável) com o qual vou ler a carta. Em resumo, o dispositivo prepara para o sentido.” (grifo do autor)

Um leitor que encontra um texto na rua e antes de lê-lo identifica seu dispositivo (o texto está inserido em uma página de jornal) prepara-se para receber determinado tipo de texto, assumindo uma certa posição de leitura; se o dispositivo identificado fosse outro (uma folha de manual didático) o leitor esperaria outro tipo de texto e seu modo de recepção seria modificado. Assim, parece evidenciar-se a conclusão de que a página de jornal é um dispositivo que prepara a leitura da notícia, fornecendo ao leitor parâmetros de como deve ser lido o texto.

A notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* foi veiculada no jornal *O Estado de São Paulo* de 11 de fevereiro de 2002 no caderno *Geral*. Esse caderno, conhecido por trazer notícias de temas variados, veicula a seção *Ambiente e História*, além da subseção *Breves*. Identificar o caderno e a seção onde a notícia é veiculada é importante porque esses elementos ajudam a nortear a leitura da notícia, contribuindo para uma determinada formação de sentido. A notícia veiculada na seção *Ambiente* indica ao leitor a forma como a notícia deve ser lida, ou seja, como uma notícia ambiental. A mesma notícia veiculada na seção de política, informaria ao leitor que aquela notícia é uma notícia

política, sugerindo que o descaso ambiental relatado na notícia tem implicações com o jogo político.

Na página do jornal *O Estado de São Paulo*, as notícias possuem os mais diversos temas (degradação ambiental, história do Brasil, incêndio em pronto-socorro). Entretanto, a disposição dessas notícias na página de jornal não ocorre por mera justaposição, a disposição das notícias força uma determinada produção de sentido almejada pelo enunciador do texto. Desta forma, as condições de leitura que o jornalista pressupõe para a leitura da notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* fazem parte das condições de produção que vão auxiliar na construção de sentido da notícia. Fica evidente a importância da disposição das notícias na página de jornal quando observamos que a notícia anterior à notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* também é uma notícia cuja temática envolve o meio ambiente. Parece haver uma complementaridade entre as duas notícias com relação à temática abordada e o tipo de problematização: a primeira notícia visa denunciar o desrespeito em relação as nossas florestas que estão sendo devastadas, a segunda notícia visa denunciar o desrespeito em relação as nossas lagoas o que provoca a mortandade de toneladas de peixes.

Os títulos das duas notícias seguem a mesma linha semântica: a destruição da natureza em larga escala. O título da primeira notícia traz a palavra “devastação” e o título da segunda notícia traz a palavra “toneladas”, ambas explicitando abundância em relação à destruição ambiental.

5.1.1.5 Outros elementos característicos da notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* configurados pela situação de comunicação jornalística

A situação de comunicação jornalística determina a configuração de alguns elementos característicos do gênero notícia de jornal. A forma como a notícia é enunciada, a necessidade do título da notícia, a importância da fotografia, a importância da assinatura e o uso da data são elementos estruturais que satisfazem a situação de comunicação jornalística da qual fazem parte. “Isso quer dizer que cada situação de comunicação particular inscreve, ao mesmo tempo, no nível de seus componentes os dados gerais que instruem o domínio, e traz especificações que lhe são próprias.” (CHARAUDEAU, 2004, p. 26)

5.1.1.5.1 Enunciação da notícia

Para que o enunciado exista, alguém precisa tê-lo produzido e ao produzi-lo esse sujeito inevitavelmente irá concebê-lo utilizando sua visão de mundo, suas crenças e conceitos. Em uma notícia de jornal, o enunciador tenta ao máximo eliminar as marcas de subjetividade do texto, criando estratégias para que o texto seja visto como objetivo e imparcial. Entretanto, apagar as marcas de subjetividade do enunciador no texto é impossível, pois todo o texto é concebido por um recorte que o enunciador faz da realidade e até as palavras escolhidas para a composição do texto são evidências da presença do enunciador.

Ao lermos um texto jornalístico a figura o enunciador do texto está lá, o enunciador, apesar de escondido, não deixa de existir durante a interlocução, ele se revela através de

pistas deixadas no enunciado e que revelam seu ponto de vista. Sabe-se que no discurso jornalístico, o investimento do sujeito da enunciação tende à sua opacidade, ou seja, ao seu apagamento. Apresentando-se, de modo geral, no modo delocutivo, o enunciador surge como se estivesse desligado da locução (CHARAUDEAU, 1994), como se o mundo a ele se impusesse. Geralmente apagado pela construção em terceira pessoa, o sujeito enunciador surge no jornalismo de referencia como um discurso de uma voz terceira, o locutor jornalista segue atuando apenas como relator.

Enunciados implícitos subentendidos

Analisando a notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* (FIGURA 1) é perceptível a intenção do enunciador jornalístico da notícia de provocar no leitor uma reação. O enunciador jornalístico convida o leitor a se posicionar diante do fato relatado, mas não o faz de forma explícita, pois o contexto jornalístico exige que o texto noticioso seja imparcial. Neste ponto, o enunciador jornalístico faz surgir na notícia enunciados implícitos que remetem a pontos de vista. Destacamos duas ocorrências de enunciados (enunciados 2 e 4) que revelam pontos de vista implícitos que o enunciador jornalístico parece assumir.

Enunciado 1: *Segundo o Secretário Estadual do Meio Ambiente, André Corrêa, o problema foi provocado por temperatura alta e pela maré baixa, que não deixou a água da lagoa se renovar.*

Enunciado 2: *É o terceiro carnaval consecutivo em que há mortandade de peixes na lagoa.*

O enunciado 2 , apesar de parecer uma simples informação, surge na notícia como uma refutação possível ao comentário de André Corrêa (enunciado 1), secretário estadual do meio ambiente, que alega ser a mortandade de peixes ocasionada pela união de dois elementos: temperatura alta e maré baixa. A união desses dois elementos naturais transmite a idéia de fatalidade, pois dois elementos naturais se combinaram e ocasionaram o desastre ambiental.

O enunciador jornalístico preocupa-se em dissolver logo a impressão de que o desastre ambiental é ocasionado por um processo natural. Ele consegue fazer isso refutando a idéia de fatalidade ao indicar a recorrência do fato: é o terceiro carnaval consecutivo¹³. Por ser um evento recorrente em determinado período do ano (ocorre sempre no carnaval) é construída a idéia (subentendida) de que a mortandade de peixes é provocada e não de ordem natural.

Outra estratégia importante do discurso jornalístico, sobretudo em um tipo textual que não se caracteriza por ser argumentativo / opinativo como a notícia, é a confrontação de declarações de terceiros. Essa confrontação de pontos de vista de terceiros é própria do discurso jornalístico e, nesse caso em particular, parece atender ao investimento do enunciador jornalístico que parece insistir nessa linha, como se pode observar nos enunciados a seguir:

Enunciado 3: *Corrêa defendeu a qualidade da água do local e rebateu as declarações do Secretário Municipal do Meio Ambiente, Eduardo Paes, de que os principais motivos da mortandade seriam o despejo de esgoto e o desinteresse do Estado em realizar obras de ampliação do Jardim de Alah, por onde a água da lagoa é renovada.*

¹³ A palavra “consecutivo” reforça a idéia de recorrência do fato o que desqualifica ainda mais o argumento de fatalidade do secretário estadual do meio ambiente.

Enunciado 4: *Obras recentes também não impedem o despejo de esgoto.*

O enunciado 4 também refuta o argumento dado pelo secretário estadual do meio ambiente, André Corrêa. Corrêa rebateu as declarações do secretário municipal do meio ambiente, Eduardo Paes, de que os motivos da mortandade de peixes são o despejo de esgoto e desinteresse do Estado em realizar obras. O comentário do enunciador jornalístico (enunciado 2) prova que o desinteresse do Estado existe, pois as obras já realizadas foram insatisfatórias e não impediram o despejo de esgoto, o que revela falta de interesse e competência do Estado para resolver o problema da mortandade de peixes que é recorrente na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Os dois enunciados contêm implícitos, pois mencionam alguma coisa sem ser de forma direta ou explícita. Ducrot (1987) faz distinção entre os enunciados implícitos pressupostos e os implícitos subentendidos. O pressuposto é aquele que está inscrito no enunciado por alguma categoria do posto, surgindo como um quadro incontestável. O subentendido não é de natureza lingüística, é algo que surge como efeito e portanto pode ser negado. O raciocínio que o leitor é levado a fazer é o responsável pelo subentendido. Desta forma, o subentendido pode estar ausente no enunciado, vindo a aparecer em um momento posterior, quando o leitor refletir sobre o referido enunciado.

Os *enunciados* 2 e 4 ativam implícitos subentendidos, pois contradizem argumentos de um enunciador, André Corrêa, sem fazê-lo de forma direta; bem dizendo, é através da interpretação do leitor que é marcado a oposição ao dizer do outro. Ducrot resume bem a idéia aqui defendida: “O subentendido permite acrescentar alguma coisa sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita.” (DUCROT, 1987, p. 19)

O QUADRO 5 permite visualizar os subentendidos gerados pelos enunciados.

QUADRO 5 – Enunciados implícitos subentendidos

Enunciados	Subentendidos
<i>É o terceiro carnaval consecutivo em que há mortandade de peixes na lagoa.</i>	<ul style="list-style-type: none">- A recorrência da mortandade de peixes está associada ao carnaval (evento marcado pelo aumento do lixo e esgoto), portanto as causas do desastre não são naturais.- A recorrência do fato descarta a idéia de fatalidade.
<i>Obras recentes também não impedem o despejo de esgoto.</i>	<ul style="list-style-type: none">- O descaso do governo para com o meio ambiente faz com que ele não realize obras eficazes.- O governo prefere realizar obras paliativas que não resolvem o problema: o despejo de esgoto.

O enunciador jornalístico da notícia utiliza os enunciados subentendidos como estratégia argumentativa para persuadir o leitor de seu ponto de vista sem levantar suspeitas quanto a sua parcialidade diante do que relata. Desta forma, o contrato que envolve o discurso jornalístico é mantido mesmo com as pistas deixadas pelo enunciador e que são capazes de revelar o ponto de vista dele.

Enunciadores da notícia

A notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* é composta de vários planos de enunciação, visto que vários enunciadores surgem no texto. Na notícia, o

primeiro plano de enunciação envolve o enunciador jornalístico que dialoga com os leitores do jornal relatando o acontecimento. O enunciador jornalístico da notícia convoca outros enunciadores para dentro da notícia, dando a eles direito à palavra, isso permite dar maior veracidade ao relato. Assim, mais sete planos de enunciação surgem na notícia, sendo que o primeiro plano de enunciação é aquele em que o enunciador jornalístico se dirige aos leitores do jornal.

QUADRO 6 – Planos argumentativos

Enunciadores com seus interlocutores	Marcas de Enunciação		Enunciado
	Lexicais	Gráficas	
<i>2º plano de enunciação:</i> André Corrêa – jornalista /leitores do jornal.	segundo	Ø	O problema foi provocado por temperatura alta e pela maré baixa, que não deixou a água da lagoa se renovar.
<i>3º plano de enunciação:</i> André Corrêa – jornalista /leitores do jornal.	segundo	Ø	Normalmente, a temperatura média da água é de 23°C, mas neste mês chegou a 30°C,
<i>4º plano de enunciação:</i> Marcos Silva (comandante do G-MAR) – jornalista /leitores do jornal.	disse	aspas	“Além de provocar mal cheiro, os peixes mortos impedem a circulação do oxigênio na água.”
<i>5º plano de enunciação:</i> André Corrêa – jornalista /leitores do jornal.	defendeu rebateu	Ø Ø	a qualidade da água do local as declarações
<i>6º plano de enunciação:</i> Eduardo Paes – jornalista /leitores do jornal.	declarou	Ø	Os principais motivos da mortandade seriam o despejo de esgoto e o desinteresse do Estado em realizar obras de ampliação do jardim de Alah, por onde a água da lagoa é renovada.
<i>7º plano de enunciação:</i> André Corrêa –	determinou	Ø	A comporta do Jardim de Alah fique fechada até que a maré

trabalhadores da comporta do Jadim de Alah/ jornalista / leitores do jornal.			suba.
8º plano de enunciação: André Corrêa – jornalista /leitores do jornal.	disse	aspas	“Há dois dias estamos em alerta, prevendo novo acidente.”

O enunciador jornalístico da notícia apresenta o acontecimento aos leitores (a mortandade de peixes), mas também faz com que a notícia se abra para outra problematização: a culpa pela mortandade de peixes. Com isso, a notícia ganha um tom de disputa, visto que a notícia explora duas opiniões contrárias quanto à causa da mortandade de peixes: a opinião do secretário estadual do meio ambiente, André Corrêa, e a opinião do secretário municipal do meio ambiente, Eduardo Paes. Corrêa atribui a mortandade de peixes a causas naturais (temperatura alta e maré baixa), enquanto Paes atribui a mortandade ao descaso político (despejo de esgoto e falta de obras). O conflito de opiniões entre os dois secretários revela a divergência entre as instâncias políticas municipal e estadual o que dá a notícia um tom de disputa política, onde alguns elementos do jogo político afloram: a divergência de opiniões, a disputa, o confronto de idéias, etc.

Como é comum no discurso jornalístico todos os lados com alguma opinião sobre a mortandade de peixes foram ouvidos, entretanto, observando o quadro com os planos argumentativos (QUADRO 6) é visível que o secretário estadual, André Corrêa, foi beneficiado com maior número de enunciações, portanto ele possuiu mais oportunidade de falar. Há desta forma, uma propensão da notícia em dar voz ao Secretário estadual cujas falas desqualificam as declarações do secretário municipal, fazendo com que os argumentos apresentados pela esfera estadual de governo ganhem predominância no texto.

Os enunciados atribuídos ao Secretário estadual do meio ambiente possuem um vigor técnico de quem sabe realmente o que provocou a mortandade de peixes (2º e 3º planos de enunciação).

Os verbos dicendi¹⁴ utilizados nas enunciações do secretário estadual, André Corrêa, revelam um perfil que contribui para credibilidade do que ele diz. Os verbos empregados nas enunciações do secretário são: disse, defendeu, rebateu, determinou. Assim, é criada uma imagem acerca do secretário como uma pessoa capaz de **dizer**, **defender** e **rebater** idéias, mas também **determinar** ações que possam resolver o problema, o que sugere a imagem de um sujeito ativo, como demonstra os verbos de ação ligados a ele. O secretário municipal, ao contrário de André Corrêa, somente **declara** algo, ficando na esfera do dizer e não do fazer.

A partir da análise dos planos de enunciação observa-se uma relação paradoxal do enunciador jornalístico com o dizer do Secretário estadual do meio ambiente, André Corrêa. Apesar de dar voz ao Secretário favorecendo-o com maior oportunidade de falar, o enunciador jornalístico utiliza implícitos subentendidos, bem como refutação de terceiros (o secretário municipal) para desconstruir os argumentos do Secretário Estadual.

5.1.1.5.2 Título da notícia

Para Mouillaud (2002) os títulos de notícias de jornais apresentam duas formas possíveis: os títulos informativos, verbais, que formam uma frase com sentido completo e expõem uma afirmação particularizando a notícia; os títulos de referência que, por sua estrutura nominal, são basicamente temáticos e geralmente anafóricos, podendo, inclusive,

¹⁴ Verbos indicativos de um ato de fala, também chamados de verbos de elocução.

se prolongar por vários exemplares, pois eles representam uma classe de notícias recorrentes no jornal.

O título *Toneladas de peixes mortos na lagoa* possui um caráter informacional sendo construído pela extração e redução de informações presentes na notícia, o que particulariza o título através da especificidade da informação que ele contém. O enunciado do título é responsável por instituir o presente da informação, ou seja, relaciona-se ao presente da leitura do jornal, como se o acontecimento estivesse ocorrendo concomitantemente à leitura da notícia. Isso ocorre mesmo quando os enunciados, como o título acima, não estão configurados no presente, adotando o particípio passado.

O título é apresentado em letras com fonte maior do que o restante do texto, sendo marcado por negrito para atribuir-lhe destaque. O jornal *O estado de São Paulo*, tido como jornal de referência, segue a linha de despertar o interesse do leitor através do título, mas sem seguir o coloquialismo e as expressões sensacionalistas típicas dos jornais populares.

O título é composto com palavras pertencentes ao próprio texto, o que promove uma ligação evidente entre título e texto. O título revela a intenção do enunciador jornalístico de despertar no leitor um sentimento frente ao acontecimento. O título *Toneladas de peixes mortos na lagoa* causa indignação na instância cidadã acostumada com as constantes discussões na mídia sobre a preservação do meio ambiente. A palavra “toneladas” abre-se para um campo semântico onde prevalece a ordem do imensurável, a idéia de que trata-se de um evento de grandes quantidades e proporciona a expectativa de que se trata de um desastre ambiental em gigantescas proporções.

Como estudado por Emediato (1996), muitos leitores de jornais não lêem mais do que o título da notícia, por isso o título é um enunciado articulador do jornal, ganhando certa autonomia. Geralmente concisos e breves, buscam expressar a relevância da notícia e

construir um primeiro contato com o leitor. “...Mais do que contribuir com a parte gráfica (...), antecipar informações e chamar a atenção, os títulos também destacam elementos narrativos sintéticos, como se falassem diretamente para o leitor.” (ZANCHETTA, 2004, p. 45)

5.1.1.5.3 Fotografia

Em uma notícia de jornal a fotografia é bem mais do que um mero complemento da notícia, servindo apenas para valorizar a informação. Acreditamos que a foto em uma notícia de jornal é responsável por trazer uma interpretação que vai auxiliar na construção de sentido da notícia de jornal. A fotografia permite uma visão mais precisa da notícia, permitindo que ela se abra para uma leitura mais restrita, mas que precisa estar em consonância com o sentido produzido pelo texto verbal. De acordo com Mouillaud (2002, p. 26) “A fotografia tem o privilégio de fixar o instante e de dar uma prova (um suplemento) de verdade à informação (...)”

A fotografia que compõe a notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* (FIGURA 1) exibe peixes mortos sendo retirados da lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro. Tal visão produz uma interpretação que completa o texto, evidenciando a mortandade de peixes, mas também se abre para outras leituras: a fotografia traz para a notícia um sentimento emocional pela visão de peixes mortos em seu habitat natural. Esse recurso, já mencionado no trabalho, foi descrito como uma visada de captação que desperta no público determinado sentimento com interesse de seduzi-lo.

A fotografia mostra a lagoa, repleta de peixes mortos, em tom acinzentado expressando a falta de vida através de cores frias. A escolha desse tipo de cor faz com que

sejam notadas as sutis mudanças de tons que permeiam a fotografia, assim as cores vivas como o vermelho e o verde ganham maior evidência fora do espaço onde se encontram os peixes mortos. Essas cores fixam a idéia de que a vida existe fora da lagoa, o que reforça a idéia de que a lagoa transformou-se em um lugar fúnebre, sem vida.

A fotografia produz uma interpretação que não depende da notícia verbal, mas há um equilíbrio entre texto e imagem que permite a simbiose entre os dois.

O fotojornalismo aprimorou-se em diferentes campos, tendo como marca o flagrante do cotidiano (do mais comum ao exótico), mas que passava a potencializar o sentimento humano (drama, êxtase, alegria, intolerância, etc.). As fotos informam tanto ou mais que o texto escrito e dialogam de perto com as pessoas. (ZANCHETTA, 2004, p.80)

A fotografia da notícia centraliza o objeto (peixes mortos) fazendo com que a cena estática contribua para a descrição da cena de morte dos peixes. Nota-se que o primeiro plano destaca a mortandade de peixes enquanto o segundo plano é constituído de elementos fora da lagoa com vida e movimento. O segundo plano revela a situação geográfica possuindo um valor descritivo para a localização dos fatos: trata-se de uma área nobre cercada de belas casas, montanhas e árvores.

Além das cores, a escolha do formato da imagem e o enquadramento da fotografia são importantes para destacar determinada significação. Na fotografia, o formato retangular da imagem privilegia o panorama e provoca a expansão da cena que parece multiplicar-se por toda extensão de água, incitando a interpretação de que a os peixes mortos cobrem toda a superfície da lagoa.

O enquadramento da fotografia revela um plano em que são destacados os peixes mortos no primeiro plano o que cria a sensação de profundidade. Da maneira como é colocado o plano e o ângulo da fotografia os peixes mortos são o elemento central, aquilo

que deve ser visto, por isso nenhum outro elemento periférico da fotografia atrapalha na visualização dos peixes mortos sendo retirados.

O ângulo em que a fotografia foi produzida, mostrando pessoas trabalhando na retirada dos peixes mortos, tenta reproduzir a forma como o leitor veria a cena se estivesse presente no local. Isso dá precisão ao relato e reforça a idéia de que a notícia consegue reproduzir a realidade.

A legenda da fotografia

A legenda não é mera descrição da fotografia, ela relaciona a imagem ao tema da notícia: a mortandade de peixes. Na legenda, alguns termos são utilizados com a intenção argumentativa de impressionar o leitor quanto à recorrência do acontecimento. Assim, os termos “*de novo*” e “*todo*” são utilizados como elementos que vão sustentar a argumentação que diz aos leitores do jornal que o evento não se trata de um acontecimento isolado, mas marcado pela regularidade. Mais do que levar a informação e relatar um acontecimento, o jornal revela ao leitor que o acontecimento não é novidade o que pode implicar uma série de interpretações: o poder público é ineficiente, pois não toma providencias; há um descaso generalizado pelas questões ambientais, a sociedade não se ocupa devidamente das questões ambientais, etc. Há na legenda da fotografia elementos claramente persuasivos que utilizam estratégias argumentativas para construir o ponto de vista do enunciador jornalístico.

Segundo Emediato (2004, p. 159) a argumentação “visa persuadir ou convencer um auditório da validade de uma tese ou proposição. Inclui a explicação, mas o objetivo da argumentação é construir uma comunicação persuasiva.” A ocorrência dos elementos

persuasivos, mesmo de forma sutil, traz questionamentos sobre a idéia da imparcialidade jornalística.

5.1.1.5.4 Assinatura da notícia

Os jornais têm como princípio que todos os seus textos sejam assinados (exceção das seções *Últimas* e *Breves*). A assinatura pressupõe independência e autonomia do jornalista o que legitima ainda mais o texto.

Uma notícia que possui assinatura torna-se uma notícia mais interessante ao público, principalmente se o autor da notícia for conhecido. Conhecer o autor da notícia de jornal é uma das valiosas pistas que ajudam na produção de sentido, pois dependendo de quem assina o texto o leitor constrói um contrato de maior ou menor credibilidade e confiança acerca do que diz a notícia. Um mesmo texto jornalístico sendo enunciado por duas pessoas distintas (comediante e político) faz com que o leitor assuma diferentes posturas de leitura, pois os leitores criam expectativas diferentes dependendo do enunciador.

Segundo Castilho (1997, p.1)¹⁵ “hoje a identidade do transmissor da informação é tão importante quanto a informação em si mesma.” Ainda de acordo com Castilho (1997, p. 1)¹⁶ “para suprir a falta de tempo e de condições intelectuais muitos leitores assumem jornalistas como conselheiros”, assim os leitores passaram a confiar nos jornalistas formadores de opinião para obterem a opinião pronta sobre determinado assunto.

¹⁵ <http://www.igutenberg.org/castil14.html>

¹⁶ *Ibidem*

O autor da notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa*, Murilo Fiúza de Melo, é um jornalista conhecido em São Paulo¹⁷ por escrever notícias que implicam a crítica política¹⁸. Um leitor habituado a ler as notícias do jornalista certamente associará seu nome a um tipo de texto pautado pela crítica às esferas políticas. A assinatura do jornalista, antes mesmo da leitura da notícia, já é uma pista para os leitores sobre a forma como o texto será conduzido. O leitor que observar o nome do jornalista, Murilo Fiúza de Melo, e mesmo assim decidir continuar a leitura da notícia, é um leitor que entrou no jogo de expectativas que envolvem o ato linguageiro.

5.1.1.5.5 A data

A data permite que cada nova edição do jornal seja uma sucessão de informações e estabelece uma linha existencial das notícias. A notícia de hoje apaga a notícia de ontem fazendo com que ela torne-se obsoleta. De acordo com Mouillaud (2002, p. 40): “A informação, prosseguindo, apaga atrás de si seu próprio rastro, perde sua vista de origem, o “ponto” de onde partiu.” Há uma dependência da notícia em manter a atualidade, pois a relevância da notícia de jornal está em ser atual, pois a expectativa dos leitores é consumir algo que seja relevante e atual no meio social. Por isso a data é um importante elemento de composição da notícia. Inevitavelmente o leitor verificará a data de veiculação da notícia podendo descartá-la imediatamente caso ela não atenda ao princípio da atualidade.

¹⁷ O jornalista Murilo Fiuza de Melo está acostumado a trabalhar em jornais de grande circulação como *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e o Jornal on-line *Observatório da Imprensa*.

¹⁸ O jornalista possui célebres reportagens e notícias criticando a gestão da prefeita Marta Suplicy em São Paulo.

A notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* ao ser enunciada no dia 11 de fevereiro de 2002, mantém o compromisso do discurso jornalístico de registrar um acontecimento corrente na sociedade: a mortandade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas. A data liga-se diretamente a notícia indicando a relevância da informação e permitindo que se problematize sobre o acontecimento que tem implicações na esfera cidadã.

A significação da notícia depende da atualidade da data, pois a notícia de que há mortandade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro só é relevante porque nela consta a data do dia da publicação da notícia. Uma notícia com a mesma temática, mas com a data de 5 anos atrás não interessam ao público leitor acostumado a problematizar os assuntos atuais e habituado com um fluxo de informações relacionadas ao contexto temporal, o que Emediato (2005) chama de lei de proximidade cronológica.

5.1.2 Análise da notícia na situação de comunicação didática

Apresentamos nesta seção a análise do que ocorre quando se dá a incorporação do gênero discursivo notícia de jornal pelo manual didático de língua portuguesa. Primeiramente, relembramos que a situação de comunicação jornalística é responsável por trazer uma série de regularidades e características que vão configurar o gênero notícia. De acordo com Wolf (1999, p. 187):

(...) há restrições ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se criam convenções profissionais que determinam a definição da notícia, legitimam o processo produtivo, desde a utilização das fontes até à seleção dos acontecimentos e às modalidades de confecção (...).

Retomando o conceito de gênero exposto neste trabalho é possível identificar que quando o gênero notícia de jornal é intercalado às páginas do MDLP ele deixa de estar vinculado ao contexto e à situação comunicativa para a qual foi concebido. Dentro do manual didático o gênero notícia de jornal perde a sua força de ação social ligada ao domínio jornalístico e passa a ser um tipo de texto destinado a simular uma prática de comunicação na sociedade.

Na situação didática, a notícia de jornal sofre alterações, porque os parâmetros situacionais determinadas pela situação de comunicação jornalística são modificados na nova situação de comunicação: a sala de aula. Além da ressignificação dos parâmetros situacionais que definem o gênero discursivo, ocorre também a mudança das características do gênero dadas pela situação de comunicação. Desta forma, ocorre o que chamamos de reconfiguração da notícia de jornal: a constatação de que a notícia de jornal no manual didático possui outras configurações.

FIGURA 2 – Notícia de jornal inserida no manual didático

2. Há mais de duzentos anos, Swift já fazia, em *Viagens de Gulliver*, um alerta sobre a ambição sem limites do ser humano, que leva os povos e nações à guerra.
- Atualmente, você tem conhecimento de alguma guerra que esteja ocorrendo entre povos diferentes? Se necessário, converse com seu professor de História ou de Geografia.
 - Em caso afirmativo, quais são as causas dessa(s) guerra(s)?
 - Na sua opinião, todo ser humano é ambicioso por natureza ou somente algumas pessoas são assim? Por quê?

Produção de texto

A NOTÍCIA

Há mais de um século, um jornalista de um antigo jornal de Nova Iorque, *The Sun*, definiu assim o que é notícia: “Quando um cachorro morde um homem, isso não é notícia. Mas, quando um homem morde um cachorro, isso é notícia”.

Leia a notícia a seguir e veja se você concorda com o jornalista que fez essa afirmação.

Toneladas de peixes mortos na Lagoa

Murilo Fiuzza de Melo

Rio — O Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros (G-Mar) e a Companhia de Limpeza Urbana do Rio (Comlurb) retiraram 31 toneladas de peixes mortos da Lagoa Rodrigo de Freitas nos dois últimos dias. Segundo o secretário estadual de Meio Ambiente, André Corrêa, o problema foi provocado por temperatura alta e pela maré baixa, que não deixou a água da lagoa se renovar. Normalmente, a temperatura média da água é de 23°C, mas neste mês chegou a 30°C, segundo ele.



De novo: mortandade de peixes no Rio ocorre todo carnaval.

Cerca de 80 homens do grupamento e 45 garis trabalham no trabalho de limpeza, que continua hoje. É o terceiro carnaval consecutivo em que há mortandade de peixes na lagoa. “Além de provocar mau cheiro, os peixes mortos impedem a circulação do oxigênio na água”, disse o comandante do G-Mar, tenente-coronel bombeiro Marcos Silva.

Corrêa defendeu a qualidade da água do local e rebateu as declarações do secretário municipal do Meio Ambiente, Eduardo Paes, de que os principais motivos da mortandade seriam o despejo de esgoto e o desinteresse do Estado em realizar obras de ampliação do canal do Jardim de Alah, por onde a água da lagoa é renovada. Ontem, Corrêa determinou que a comporta do Jardim de Alah fique fechada até que a maré suba. Obras recentes também não impedem o despejo de esgoto. “Há dois dias estamos em alerta, prevendo novo acidente”, disse Corrêa.

(O Estado de S. Paulo, 11/2/2002.)

Os autores do MDLP *Português: Linguagens 6º série*, seguindo as orientações da SEF/ MEC¹⁹ que recomenda o trabalho com os gêneros discursivos nas aulas de língua portuguesa, utilizam o tipo textual notícia de jornal como atividade de produção de texto. O manual didático propõe a produção de texto indicando o tipo de texto a ser produzido pelo aluno: a notícia. Primeiramente é apresentado ao aluno o conceito de notícia para depois propor a leitura de um texto jornalístico e atividades de compreensão.

A intenção de se apresentar o texto jornalístico ao aluno é pertinente, mas o manual didático comete algumas incoerências ao explicar o que seria uma notícia. Para os autores do manual didático, um cachorro morder um homem não é notícia, somente o contrário (um homem morder um cachorro) configuraria uma notícia. Tal definição visa mostrar ao aluno que a notícia é o relato de um fato novo, a descrição de um acontecimento inédito e interessante ao público leitor. A pergunta feita ao aluno (*veja se você concorda com o jornalista que fez essa afirmação*) tende para a compreensão de que a notícia é algo inédito, incomum, assim como pode parecer incomum para o aluno a notícia de toneladas de peixes mortos na lagoa. A definição do manual didático transfere para a notícia a representação de algo fantástico e inusitado, o que não ocorre com a notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* que não é da ordem do fantástico e do inimaginável (como seria inimaginável um homem morder um cachorro), muito pelo contrário, já que o fato é recorrente na lagoa Rodrigo de Freitas e cada vez mais são comuns os desastres ambientais que provocam a mortandade de toneladas de peixes. Além disso, o fato de um cachorro morder um homem não é considerado notícia contradiz a realidade em que notícias de cães atacando pessoas são fatos recorrentemente noticiados pela mídia. A definição talvez seja mais apropriada ao jornalismo popular que se dedica de modo privilegiado ao grotesco.

¹⁹ Secretaria de Ensino Fundamental / Ministério da Educação

Após classificar o tipo textual estudado como notícia, o MDLP *Português: Linguagens 6º série* apresenta uma notícia de jornal para que o aluno possa identificar a forma composicional do texto. Entretanto, a notícia de jornal está *recontextualizada* para atingir a determinados fins didáticos, o que faz com que as características situacionais do gênero adquiram novo significado.

Pensando à maneira de Charaudeau, a situação de comunicação é o lugar onde se instituem as restrições; sendo que essas restrições vão determinar a expectativa de troca linguageira. A transposição da notícia para uma situação de comunicação para qual não foi produzida provoca a *reconfiguração* dos parâmetros situacionais: a identidade dos parceiros, a finalidade, a tematização/ problematização, o dispositivo e, conseqüentemente, a *reconfiguração* da notícia.

5.1.2.1 Identidade dos parceiros

A notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* incorporada ao manual didático de língua portuguesa (S2) pressupõe outros parceiros na interação comunicativa. Antes a notícia de jornal previa como parceiros, no nível situacional, a instância de produção jornalística e a instância de recepção leitora dos jornais e, como protagonistas, no nível discursivo, um enunciador jornalístico (EUe) e os leitores idealizados pelo jornal, sujeitos figurados como uma instância cidadã (figura de leitor de jornal – TUd).

A mudança situacional através da incorporação da notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* ao MDLP irá promover mudanças significativas na identidade dos parceiros envolvidos e nos protagonistas do discurso.

A notícia de jornal na situação S2 passa por mudanças nas propriedades contratuais, modificando a identidade dos parceiros envolvidos na enunciação. Na nova realidade em que a notícia de jornal se apresenta, os parceiros não estão necessariamente interessados/ implicados na notícia do dia, mas envolvidos em um propósito pedagógico (visada de instrução – “fazer saber fazer”).

No nível situacional, os sujeitos implicados são constituídos pela instância produtora do manual didático e pela instância leitora que efetivamente se posicionará como receptora da notícia no manual. A instância produtora do manual didático (EUc) pode ser representada pelo conjunto: os autores do manual didático (William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães), os ilustradores, os editores, o supervisor pedagógico do manual, etc. É importante salientar que se a notícia está presente no manual é por escolha da instância produtora do MDLP, que detém a iniciativa do processo de didatização de um texto.

Os sujeitos interpretantes (TUi), no caso do MDLP de 6º série, preliminarmente, podem ser pensados como os alunos da 6º série, entretanto, sabemos que os sujeitos interpretantes são representados por quem efetivamente tem acesso à notícia de jornal no manual didático. Esses sujeitos podem não ser os sujeitos idealizados pela instância produtora do manual didático. É comum, por exemplo, que manuais didáticos e materiais utilizados no ensino regular para crianças sejam reutilizados na educação de jovens e adultos visto a escassez de materiais para atender a esse público. Os professores também tornam-se os sujeitos interpretantes da notícia, assim como os avaliadores do MEC tornam-se leitores reais da notícia de jornal ao avaliarem o manual didático.

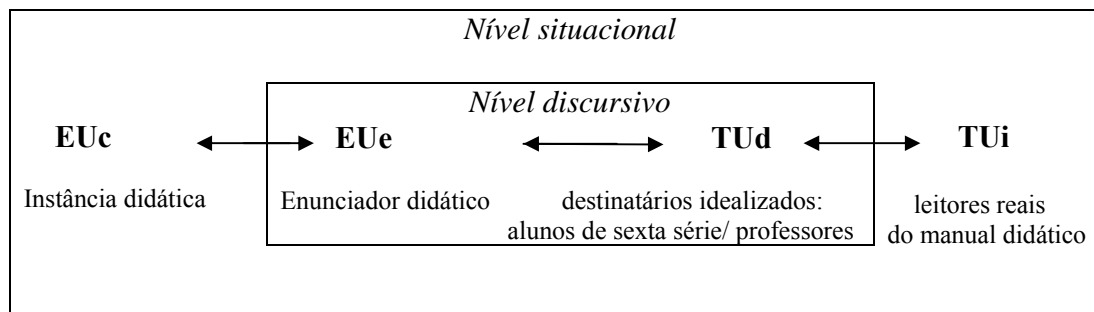
No nível discursivo, os parceiros do ato de linguagem serão o enunciador didático (EUE) e os alunos / professores da 6ª série, sujeitos destinatários idealizados pela instância produtora do MDLP (TUd).

O enunciador didático é representados pela imagem da instância produtora do manual didático, esse sujeito dirige-se diretamente ao leitor e através de sua enunciação veicula saberes, comportamentos, valores psicológicos, sociais, etc. É a voz do enunciador didático que prevalece no MDLP sugerindo leituras, atividades, modos de interpretar e agir; mas, principalmente, é a voz do enunciador didático que promove a incorporação de outras vozes sobrepondo-se a elas. Na notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* é perceptível que a voz do enunciador didático sobrepõe-se a voz do enunciador jornalístico, pois essa é voz que dialoga com o leitor, propõe a leitura da notícia, além de trazer definições e solicitar a realização de atividades.

Os alunos e professores da 6ª série são considerados os sujeitos destinatários da notícia, pois é pensando neles que a notícia foi veiculada ao manual didático. Os alunos são sujeitos que devem cumprir o papel de aprender e para isso devem seguir os comandos do enunciador didático. Os professores da 6ª série foram incluídos como sujeitos destinatários, porque são eles que acompanharão a leitura da notícia com os alunos, além de que são eles os responsáveis pela adoção do manual didático. Há desta forma o interesse da instância produtora do MDLP em propor atividades que serão pertinentes ao trabalho docente e da mesma forma agrade-os para que o manual continue sendo adotado.

Desta forma, o quadro enunciativo de Charaudeau (2001) ficaria assim:

QUADRO 7 – Contrato de Comunicação para a notícia de jornal na situação de comunicação didática



5.1.2.2 Finalidade

Na situação S2, a finalidade da notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* também vai ser alterada. A notícia de jornal, ao ser incorporada ao MDLP, ganha outra finalidade (já que a informação do acontecimento não faz mais sentido no manual, pois há um distanciamento temporal muito grande com o acontecimento): ensinar o que seria uma notícia, ensinar português, técnicas de interpretação de textos, estruturas narrativas, etc. Com tal finalidade, a notícia seleciona uma visada de instrução em que o enunciador didático encontra-se em posição de “fazer saber-fazer” possuindo legitimidade e autoridade para transmitir o saber. Cabe ao leitor cumprir e assumir a posição de “dever saber fazer” segundo as instruções do enunciador didático.

Não é difícil observar que a maioria dos manuais didáticos de língua portuguesa traz notícias de jornal como parte do seu conteúdo. Pensamos que tal fato revela a intenção de seduzir o leitor para o consumo do manual didático, trazendo-lhe gêneros textuais considerados modernos. Os professores, cientes da importância do trabalho com os mais diversos tipos textuais, poderão também considerar adequado que o MDLP contemple entre

suas páginas uma notícia de jornal. De outro lado, nada garante que os alunos de 6ª série acharão interessante o trabalho com o tipo textual notícia de jornal, visto que, de modo geral, não podem ainda ser considerados leitores típicos, nem alvos, desse *tipo textual*.²⁰

5.1.2.3 Tematização / problematização

Na situação S2 não há o objetivo de tematizar sobre um acontecimento do espaço público, nem trazer uma série de problematizações acerca do evento, como é o caso da situação S1. O propósito em se ter uma notícia no manual didático é servir de conteúdo para o estudo da língua portuguesa ou do próprio *gênero textual notícia*. Os sujeitos interpretantes sabem que, no MDLP, a notícia é um texto a ser estudado, um texto que serve de pretexto para ilustrar as características e potencialidades da língua portuguesa ou da leitura. Como a tematização da notícia é esvaziada (não se tematiza o que realmente foi intencionado pela instância jornalística), o leitor não se situa no lugar original de problematização a respeito de questões que envolvem o contexto social em que vivem. Desta forma, a notícia devido à escolarização a que está sujeita adquire um outro sentido não previsto na situação S1.

De forma mais clara, afirmamos que a notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* no MDLP, apesar de manter o mesmo texto, não implica em uma problematização

²⁰ Devemos considerar, porém, que outros tipos textuais jornalísticos podem interessar mais aos alunos de 6ª série, como as palavras cruzadas, o horóscopo, as tirinhas (quadrinhos), os jogos, os outros cadernos direcionados como a *Folha Teen*.

por parte do leitor²¹. Tal fato é facilmente percebido quando analisamos as atividades de compreensão textual propostas pelo MDLP.

Uma notícia de jornal supõe uma pertinência dentro do espaço público, problematiza nesse espaço – e não em outro – tendo como alvo uma figura de cidadão que reconhece e legitima a tematização e a problematização do fato noticiado.

Na situação didática, a notícia de jornal deixa de problematizar com o espaço público, visto que o acontecimento relatado apresenta um distanciamento espacial e temporal com a ocorrência do fato. Desta forma, o interlocutor não reconhece a notícia como problema pertinente capaz de lhe afetar enquanto instância cidadã. Isso porque, como sugere Emediato (2005) não só as leis de proximidade cronológica e geográfica foram quebradas, como também a psico-afetiva.

5.1.2.4 Dispositivo

A notícia de jornal incorporada ao MDLP trará alterações principalmente quanto ao dispositivo. Na nova situação de enunciação o meio material que vai construir o ato de linguagem passará a ser o MDLP. As circunstâncias físicas e materiais que vão envolver a enunciação estão relacionados ao domínio de práticas da educação. Neste domínio o manual didático é mais um dispositivo de sala de aula (como o quadro negro, o giz, o dicionário, etc.) que auxilia o processo de ensino/ aprendizagem.

A notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* ao ser utilizada pelo discurso didático, passa a ter como dispositivo o manual didático de língua portuguesa não

²¹ As atividades propostas pelo MDLP não trabalham a tematização e a problematização da notícia, mas tão somente as questões formais que caracterizam o texto.

mais o jornal. A transferência para outro dispositivo realize-se através do recorte da notícia da página de jornal. Tal procedimento faz com que a notícia seja recebida, na nova situação S2 de forma desvinculada da página de jornal onde fora publicada, modificando elementos situacionais do contrato de comunicação que regula a leitura da notícia.

Magda Soares ao estudar os efeitos da escolarização da literatura infantil afirma que

Ao ser transportado do livro de literatura infantil para o livro didático, o texto tem de sofrer, inevitavelmente, transformações, já que passa de um suporte para outro: ler no livro de literatura infantil é relacionar-se com o objeto-livro-de-leitura completamente diferente do objeto livro-didático: são livros com finalidades diferentes, aspecto material diferente, diagramação e ilustrações diferentes, protocolos de leitura diferentes.
(SOARES, 2006, p. 37)

Seguindo o raciocínio de Magda Soares, a notícia de jornal veiculada no MDLP pressupõe outra forma de relacionar-se com a notícia de jornal, devido a elementos diferentes como finalidade, diagramação, forma de leitura, espaços diferentes de leitura, etc.

Os elementos presentes na página do jornal e que norteiam a leitura da notícia na situação S1 deixam de ser levados em conta no manual didático - situação S2. Não há, por exemplo, referência no manual didático ao *caderno* e a *seção* onde a notícia é veiculada. Esses elementos importantes na orientação do leitor de jornal, pois informam ao leitor a forma como a notícia deve ser lida, não são mencionados no manual, deixando de fazer parte da configuração da notícia de jornal nesta situação.

A própria forma de manusear o dispositivo da notícia de jornal é modificado na situação S2. No manual didático a notícia pertence a uma unidade e a um capítulo do

manual, o que faz com que a notícia esteja dentro da mesma unidade temática²² de outros textos do capítulo. Para se localizar a notícia no MDLP deve-se recorrer ao sumário verificando a unidade e o capítulo para encontrar a página onde se encontra a notícia. Esse procedimento é bem diferente do realizado na situação S1 onde a localização da notícia é dada na primeira página e não por números, como no manual, mas por códigos como A7, B2, etc.

A exibição da notícia de jornal sem a página de jornal também impossibilita algumas condições de leitura pressupostas pelo enunciador, já que o leitor da notícia na situação S2 não entra em contato com a configuração da página de jornal, desconhecendo as outras notícias que estão relacionadas à notícia lida.

Se a importância de se colocar uma notícia de jornal no MDLP é ensinar aos alunos a ler e compreender o gênero e criar habilidades para manuseá-lo a partir do entendimento de sua estrutura (divisão do jornal em cadernos e seções) o fato de se utilizar uma notícia descontextualizada da página de jornal não contribui para facilitar a leitura da notícia de jornal em uma situação concreta.

É inegável que a notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* mesmo mudando de dispositivo (jornal para manual didático) mantém as mesmas características formais do texto, pois, o autor do manual se limita a reproduzir o texto tal como ele se encontrava no jornal. A mudança do dispositivo não influencia, portanto, aspectos como: o uso do discurso relatado, atos delocutivos, estruturas narrativas próprias, etc. Entretanto, esses elementos deixam de contribuir para uma determinada produção de sentido.

²² Os capítulos do manual didático são estruturados em temas variados (família, escola, sexo, viagens, etc.).

5.1.2.5 Outros elementos característicos da notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* reconfigurados pela situação de escolar

Outros elementos da notícia de jornal têm suas características alteradas na nova situação de enunciação em que o tipo textual é empregado.

5.1.2.5.1 Enunciação da notícia

Na situação S2, a notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* mantém as mesmas estratégias para tentar manter a imagem de objetividade e imparcialidade, entretanto, o uso dos enunciados implícitos subentendidos empregados na situação jornalística perde a importância fora do contexto jornalístico. Verificamos anteriormente que esses enunciados são usados como estratégia para que o enunciador jornalístico pudesse imprimir uma opinião sem quebrar o contrato de comunicação que pressupõe a imparcialidade jornalística²³. Fora do contexto jornalístico a imparcialidade jornalística perde seu sentido, dificultando o entendimento dos leitores sobre as construções subentendidas.

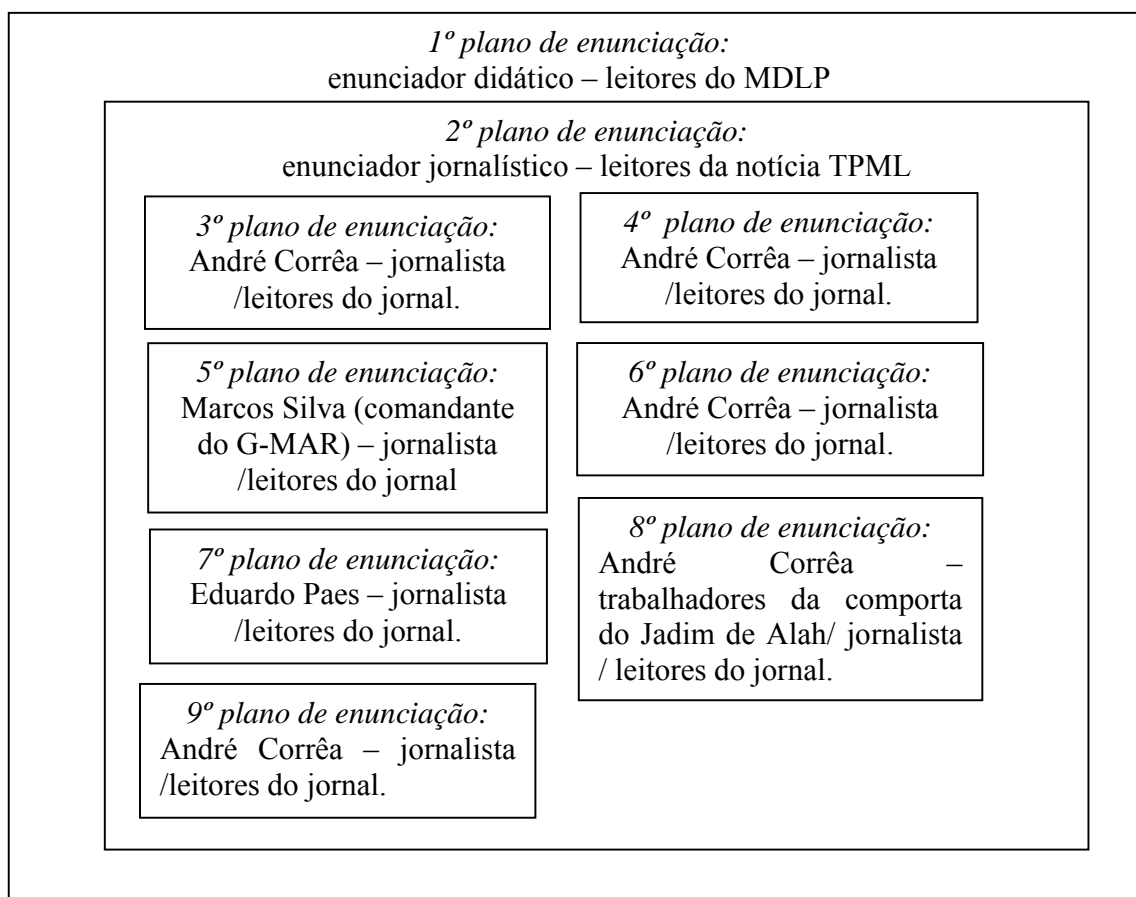
Torna-se difícil explicar aos alunos construções lingüísticas subentendidas se os alunos desconhecem a situação de comunicação jornalística e a necessidade deste tipo de discurso de manter a imparcialidade no relato dos fatos.

Os planos de enunciação também são alterados quando a notícia de jornal TPML é incorporada ao MDLP. Isso ocorre pela presença do enunciador didático que será

²³ Caso o enunciador-autor emitisse opinião abertamente.

responsável pela por trazer para o plano enunciativo de sua conversa com os leitores do manual didático a fala de outros locutores.

QUADRO 8 – Planos de enunciação da notícia TPML na situação escolar



5.1.2.5.2 Título da notícia

Na situação didática, o título da notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* terá sua importância modificada. Do ponto de vista formal, o título permanece inalterado com os mesmos elementos sintáticos e por continuar proporcionando a ligação com o texto através da apresentação do assunto a ser abordado na notícia. Aparentemente o

título permanece cumprindo a sua função que segundo Imbert²⁴ (apud EMEDIATO, 1996, p. 23) seria

(...) funcionar como um “reclame”, atraindo a atenção do leitor e ativando questões que motivam a leitura do artigo.(...) o título se constrói de modo a produzir efeitos que ultrapassam a simples descrição de um acontecimento: os títulos servem como placas de orientação a partir das quais começa a leitura e funcionam, portanto, como guias do leitor: orientam a leitura, dando-lhe um sentido, uma direção (polarizam a atenção sobre um elemento da informação), uma significação.

Entretanto, com a notícia de jornal inserida ao MDLP o título da notícia perde a capacidade de ligar o texto ao mundo da vida social, deixando, portanto, de atrair a atenção do leitor para uma informação nova. Isso ocorre porque o título da notícia na situação S2 não contém uma informação pertinente sobre o mundo atual, a afirmação de que há toneladas de peixes mortos na lagoa é esvaziada, pois é notório por parte dos leitores o distanciamento entre o acontecimento e a leitura da notícia no manual didático.

O título da notícia de jornal na situação S1 possuía um caráter informativo responsável por instituir o presente da informação, como se o acontecimento ocorresse simultaneamente ao presente da leitura. Isso fazia com que os leitores sentissem interesse em saber sobre o fato que é marcado pelo ineditismo e pela relevância. Na situação didática, situação S2, os leitores compartilham a idéia de que a notícia não representa mais o presente, por isso o título perde a capacidade de provocar o interesse nos leitores interessados em saber das notícias atuais apesar de continuar constituído pela mesma construção sintática.

²⁴ IMBERT, G. *Le Discours du Journal El Pais*. Paris, Editions du CNRS, 1988.

5.1.2.5.3 Fotografia

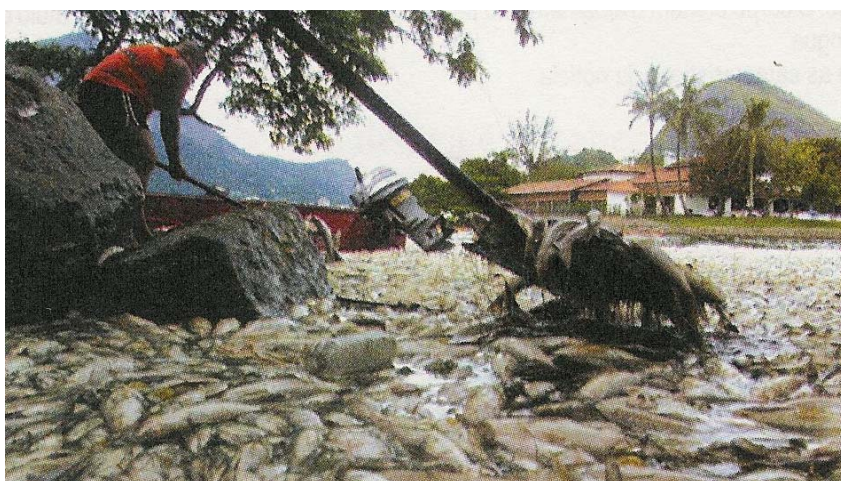
Mesmo com a mudança de dispositivo a fotografia no MDLP continuará contribuindo para leitura do texto jornalístico. Entretanto, a fotografia intercalada ao manual didático apresenta alterações em relação à publicada no jornal. A fotografia utilizada na situação S2 apresenta uma perda considerável de qualidade em relação à nitidez e as cores da foto. Os peixes mortos na lagoa ganham um tom amarelo, ao invés da cor cinza; e toda a fotografia é escurecida, inclusive as cores vivas como o verde e o vermelho. A mudança das cores da fotografia possibilita uma outra construção de sentido, visto que a leitura que realizamos anteriormente não pode ser mais aplicada: a leitura de que as cores vivas e frias marcam dois espaços distintos: o da vida (fora da lagoa) e o da morte (dentro da lagoa). Assim, há uma ressignificação da foto que contribui para a construção de um outro sentido devido à alteração nas cores da fotografia. Torna-se importante salientar que as cores não são apenas um elemento formal da fotografia, elas têm uma capacidade narrativa e contribuem para a construção de um conteúdo dramático no caso da notícia analisada.

Na situação S2, a fotografia deixa de contextualizar o acontecimento presente, mudando a forma como o leitor vai se relacionar com a fotografia. A fotografia que na situação S1 seria responsável por trazer uma indignação na instância cidadã pela atualidade e verdade nela contida, na situação S2 não proporcionará nos leitor as mesmas reações.

FIGURA 3 – Fotografia da notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* no jornal impresso



FIGURA 4 – Fotografia da notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa* no manual didático



A fotografia, na situação S1, captura um momento descrevendo uma cena com todos os seus detalhes, mas a fotografia intercalada ao manual didático, devido a alterações nas cores, não reflete de modo preciso a realidade, promovendo a mudança de sentido. De acordo com Sakall²⁵ (2007, p.1)

As cores são a mais imediata evidência da visão. Elas podem propiciar uma maior proximidade da realidade, limitando a imaginação do espectador. (...) a escolha do colorido vai determinar diferentes respostas do espectador já que as cores também são uma forma de sugerir uma realidade enganosa.

5.1.2.5.4 Assinatura

Como já foi dito, a assinatura da notícia é uma das valiosas pistas usadas na produção de sentido do texto, a assinatura é usada como uma fonte da identidade do transmissor da informação, criando no leitor posturas de leitura e expectativas frente ao texto. Pensando desta forma, a assinatura da notícia somente terá relevância se os interlocutores conseguirem identificar o parceiro que assina o texto jornalístico, caso contrário a assinatura da notícia deixará de ter importância na construção de sentido na notícia de jornal.

O jornalista que assinou a notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa*, Murilo Fiúza de Melo, é um jornalista de certa expressão em São Paulo, o que possibilita que os leitores do jornal *O Estado de São Paulo* já estejam acostumados com o tipo de notícias propostas pelo jornalista. Desta forma, a assinatura é um grande referencial para a construção de sentido do texto noticioso.

²⁵ <http://www.sergiosakall.com.br/montagem/fotografia-composi.htm>

Quando a notícia de jornal é intercalada às páginas do MDLP a assinatura continua a fazer parte do texto noticioso. Entretanto, o manual didático circula nacionalmente chegando a diversos pontos do país onde a notícia, restrita a um jornal de circulação estadual, não chegaria. Desta forma, a identidade do transmissor da notícia deixa de ser um elemento importante na atribuição de sentido à notícia, pois o nome do enunciador não é conhecido.

Em Minas gerais, lugar onde a notícia é veiculada através do manual didático, o nome do jornalista não imprime um sentido ao texto, principalmente quando os interlocutores passam a ser os alunos de 6º série que ainda tem pouco contato com o tipo textual.

A resignificação da assinatura da notícia deve-se ao fato de que ela deixa de ser um elemento importante para a construção do sentido do texto jornalístico devido o fato de que a notícia está descontextualizada.²⁶

5.1.2.5.5 A data

A notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* na situação S2 permite que a data deixe de ser um elemento importante na constituição do gênero, pois a mudança situacional faz com que a restrição que impelia que a data fosse atual (o presente jornalístico) deixasse de ser necessária. Veiculada no jornal, a data é um elemento essencial para a própria significação do texto, mas incorporada ao manual didático a data deixa de

²⁶ Ocorre principalmente a descontextualização devido ao fato de que a notícia é de outra região, o que faz com que as referências a lugares, cenas e pessoas sejam vazias.

assumir um papel importante enquanto elemento do gênero didático que se ocupa da *didatização* do texto e não da informação jornalística.

“(…) a data está na margem da página e à borda da visão. Ela é interna e externa ao jornal. Representa o local do jornal em que se interceptam o hoje do número e a data do calendário.” (Mouillaud, 1997)

A citação de Mouillaud evidencia que a data liga-se diretamente a um contexto, atribuindo a notícia uma existência definida no tempo e no espaço. A data é um elemento intrínseco ao gênero notícia de jornal, pois permite visualizar que o gênero está ligado a situação de comunicação jornalística.

Entretanto, a notícia na situação S2 permite que a data não seja é um elemento importante na construção de sentido do texto. A notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa*, incorporada ao MDLP, pode possuir qualquer data que não faria diferença para o tipo textual notícia de jornal que é um objeto independente dos parâmetros situacionais e contextuais.

Há, desta forma, uma mudança de características envolvendo a data que perde a sua essencialidade (a notícia na situação S2 pode possuir qualquer data ou mesmo ser retirada).

5.1.2.6 Atividades propostas para a notícia de jornal no manual didático

No manual didático os tipos textuais são objetos de estudos dirigidos para o ensino da língua portuguesa. Após propor a leitura dos textos seguem-se atividades de compreensão textual e interpretação de texto como forma de aferir o conhecimento do aluno.

Embora uma notícia de jornal não tenha sido pensada para ser avaliada ou para servir pretexto para atividades de compreensão e interpretação, o MDLP utiliza a notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* com essa finalidade.

Soares (2006) em seus estudos sobre a escolarização da literatura infantil e juvenil concluiu que “ao ser transferido do livro de literatura infantil para o livro escolar, o texto literário deixa de ser um texto para emocionar, para divertir, para dar prazer, torna-se um texto *para ser estudado*.” (marca da autora) (SOARES, 2006, p.43)

Pensando à maneira da autora, a notícia no MDLP deixa de ser um texto para informar e passa a ser um texto para ser estudado. Mas as atividades não estudam o texto noticioso abordando a finalidade da notícia de jornal, a tematização/ problematização envolvidas, etc.

As atividades de compreensão textual propostas pelo MDLP contemplam somente os aspectos formais da notícia de jornal (apresentar ao aluno o que é uma notícia mediante a forma que o texto possui e seus aspectos gramaticais). As atividades propostas salientam a necessidade de reconhecer os elementos formais da notícia de jornal, propondo atividades que fazem com que o aluno extraia informações do texto, procedendo uma ação de compreensão e interpretação que se limita, muitas vezes, a reproduzir trechos do texto como resposta.

FIGURA 5 - Página do manual didático – livro do professor. Atividades sobre a notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa*

1. As notícias em geral relatam acontecimentos recentes, fatos novos, que despertam o interesse do público. Em que veículos são transmitidas as notícias? *Em jornais, escritos ou falados, e em revistas.*
2. Uma notícia geralmente compõe-se de duas partes: **lead e corpo**. O **lead** consiste normalmente no 1º parágrafo da notícia e é a parte que apresenta um resumo de poucas linhas, fornecendo respostas às questões fundamentais do jornalismo: **o quê** (fatos), **quem** (personagens/pessoas), **quando** (tempo), **onde** (lugar), **como** e **por quê**. Na notícia em estudo, identifique:
 - a) o fato principal; *a retirada de 31 toneladas de peixes mortos da Lagoa Rodrigo de Freitas*
 - b) as pessoas envolvidas; *funcionários do Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros e da Companhia de Limpeza Urbana; o secretário estadual do Meio Ambiente, André Corrêa; o tenente-coronel bombeiro Marcos Silva*
 - c) quando ocorreu o fato; *nos dois últimos dias: 9 e 10 de fevereiro de 2002*
 - d) o lugar onde aconteceu o fato; *na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro*
 - e) por que o fato aconteceu. *A temperatura aumentou e a maré abaixou, não permitindo que a água da lagoa se renovasse.*
3. O **corpo** da notícia é a parte que amplia o **lead** acrescentando novas informações. Na notícia em estudo, que parágrafos constituem o corpo? *o 2º e o 3º parágrafos*
4. Observe a linguagem empregada na notícia. Das características relacionadas a seguir, indique aquelas verificadas na notícia em estudo:
 - x a) impessoalidade, conforme demonstram o emprego de verbos na 3ª pessoa e a ausência de opiniões do jornalista
 - b) pessoalidade, conforme demonstram o emprego de verbos na 1ª pessoa e a presença de opiniões do jornalista
 - x c) clareza, objetividade, precisão
5. Que variedade lingüística é utilizada na notícia? *A variedade padrão da língua.*
6. Observe o título da notícia: “Toneladas de peixes mortos na Lagoa”.
 - a) Ele anuncia o assunto que será desenvolvido na notícia? *Sim.*
 - b) Você acha que esse título é curto e objetivo (impessoal) ou longo e subjetivo (pessoal)?
É curto e objetivo.



© Albany Estrúdio

7. Reúna-se com os colegas de seu grupo e conclua: Quais são as características da notícia?
*Trata-se de um texto que relata um fato novo. Apresenta geralmente uma estrutura padrão, composta de duas partes: lead e corpo. O lead deve mencionar a maior parte das informações essenciais sobre o fato ocorrido: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. O corpo contém o detalhamento do lead. A notícia é encabeçada por um título curto e objetivo. A linguagem é impessoal, objetiva e direta e segue a variedade padrão da língua.
Professor: Com as conclusões dos grupos, sugerimos montar na lousa um quadro com as características da notícia.*

Agora é a sua vez 

Escreva uma notícia, que depois deverá compor o jornal mural que você irá produzir com seu grupo no capítulo **Intervalo**. Lembre-se, então, de que ela será lida por colegas de sua classe e de outras, por seus pais, amigos e professores.

Escolha para produzir:

- Uma notícia sobre um fato ocorrido recentemente no mundo ou no Brasil. Ela pode se referir a um fato relacionado à política nacional ou internacional, à economia, ao meio ambiente, à saúde, à educação, aos esportes, às artes em geral, à violência urbana, etc.

FIGURA 6 - Página do manual didático – livro do professor. Atividades sobre a notícia *Toneladas de peixes mortos na lagoa*

- Uma notícia sobre um fato ocorrido recentemente em seu bairro ou em sua escola. Um fato referente ao bairro pode ser, por exemplo, pavimentação de ruas, inauguração de uma praça ou de um centro esportivo, abertura de um estabelecimento comercial, uma festa de rua, etc.; referente à escola pode ser um campeonato esportivo, compra de livros para a biblioteca, uma festa, uma visita, uma excursão, etc. *Professor: Se houver tempo, sugerimos pedir aos alunos as duas produções.*

Ao escrever sua notícia, siga estas instruções:

- a) Faça um planejamento. Leia jornais e revistas, depois converse com seus pais, professores, colegas e vizinhos sobre o assunto escolhido, procurando obter o maior número possível de informações.
- b) Tenha em mente o leitor do seu texto; escreva com simplicidade, na ordem direta (sujeito, verbo e complementos); sempre que possível, empregue uma palavra em vez de duas ou mais; use frases curtas, com duas ou três linhas no máximo, e parágrafos com poucas frases; empregue o vocabulário comum; evite palavras difíceis, termos coloquiais, gírias, superlativos e adjetivos desnecessários; procure responder às perguntas que um leitor gostaria de fazer: o quê?, quem?, quando?, onde?, como?, por quê?.
- c) Comece seu texto pela informação que considerar a mais interessante ou a mais esclarecedora para o leitor; use no relato verbos em 3ª pessoa, não dê sua opinião sobre o fato e empregue a variedade padrão da língua.
- d) Faça primeiramente um rascunho e só passe sua notícia a limpo depois de fazer uma revisão cuidadosa, seguindo as orientações do box **Avalie sua notícia**. Refaça o texto quantas vezes for necessário. Dê à sua notícia um título curto e sugestivo e que sirva para anunciar ao leitor o assunto que será desenvolvido.

AVALIE SUA NOTÍCIA

Observe se sua notícia apresenta título, *lead* e corpo; se o *lead* menciona a maior parte das informações essenciais relacionadas ao fato ocorrido: **o quê, quem, quando, onde, como e por quê**; se o corpo contém o detalhamento do *lead*; se a linguagem empregada é impessoal, se está adequada aos leitores e segue a variedade padrão da língua.

Para escrever com expressividade

TÍTULOS E LEGENDAS

TÍTULOS

Toda matéria jornalística é encabeçada por um **título**. O título constitui um resumo da informação mais importante do texto.

Leia estes títulos de notícias, publicadas no dia 11/2/2002, no jornal *O Estado de S. Paulo*:

Quadrilha saqueia condomínio
Dengue é problema na América Latina
Vaticano envia documentos antigos ao Brasil
TV Cultura assume opção pelos jovens
Temperaturas sobem à tarde

O manual didático após promover a análise da notícia apontando suas características, propõe como atividade a composição de uma notícia (*Agora é a sua vez*) para o jornal mural da escola. Essa iniciativa é pertinente, pois além de propiciar práticas de escrita, faz com que o aluno observe que o texto jornalístico é uma forma de ação e interação entre pessoas.

Entretanto, nas instruções para escrever a notícia privilegiou-se os elementos formais de composição do texto (palavras comuns, parágrafos com poucas frases, lead). Os elementos trabalhados pelo MDLP para compreensão do gênero notícia de jornal não dão conta da dimensão social do gênero e de que a situação de comunicação jornalística é responsável por trazer regularidades e restrições lingüísticas que vão formar a própria identidade do gênero notícia de jornal. Por exemplo, manual didático informa que a variedade lingüística empregada é a variedade padrão da língua, mas não informa que o uso dessa variedade deve-se a parâmetros situacionais como a identidade dos parceiros envolvidos.

5.2 Notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo*

5.2.1 Análise da notícia na situação de comunicação jornalística

Com o surgimento da Internet vários gêneros discursivos / tipos textuais surgiram e outros vários foram incorporados ao meio eletrônico, como é o caso do gênero notícia de jornal que facilmente ganhou o espaço da Internet. Há na notícia de jornal *on-line* a mesma preocupação com determinadas características da notícia de jornal impressa (como a norma culta da língua portuguesa, a atualidade da informação, a imparcialidade jornalística, etc.). Mas as novas tecnologias imprimiram novas características a atividade de comunicação jornalística, pois no computador a notícia ganha um caráter mais dinâmico no uso da língua e a própria situação de leitura no computador exige novas propriedades como a brevidade do texto, a agilidade, a objetividade, etc.

Segundo Coscarelli (2002, p. 66) o gênero/ tipo textual notícia de jornal *on-line* não é diferente do gênero/ tipo textual notícia de jornal impresso.

Afirmar que “existem diferenças macroscópicas entre o hipertexto eletrônico e o texto impresso” e que o “hipertexto transgride as leis da teoria do texto”, como faz Neitzel, pode ser um exagero. (...) deve haver, no conceito de texto atualmente aceito pelos lingüistas, uma parte que continuará sendo válida, quando se consideram os textos oriundos da informática. (aspas da autora)

Coscarelli (2002, p. 68) ainda acrescenta

Com o advento da informática, o conceito de texto parece continuar o mesmo, uma vez que se pode tomar infinitas formas para continuar sendo um mecanismo de interação. O que muda são as formas de manifestação, ou seja, novos gêneros textuais são criados em função de uma nova interface, novas formas de expressão são utilizadas, antigas são retomadas, mas o texto continua sendo instância enunciativa, contrato entre autor e leitor.

Por outro lado, Cohen (2007) em sua dissertação de mestrado comprovou que existem diferenças do contrato comunicacional quando o dispositivo é mudado. A autora estudou o contrato comunicacional presente nos anúncios publicitários nos portais da Internet e nos mesmos anúncios publicitários publicados em revistas, percebendo que existem diferenças entre os anúncios.

Ficou clara a distinção dos anúncios em três tipos distintos, a saber: 1) anúncios impressos tradicionais; 2) anúncios impressos com apelos interlocutivos visando ações; 3) anúncios virtuais. (...) esses tipos de anúncio possuem características próprias (...) (Cohen, 2007, p. 234)

A consideração de que existem diferenças entre o meio impresso e o virtual é importante para entender os parâmetros situacionais que são modificados quando a notícia de jornal *on-line* é incorporada ao MDLP.

Infelizmente, a instância informante que veiculou a notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo* não mantém arquivos das notícias de jornal da Internet²⁷ o que impossibilitou registrá-la na sua situação original de enunciação (situação S1). Mas, tendo em vista notícias *on-line* semelhantes no mesmo *site*, pode-se inferir algumas características e parâmetros situacionais a que a notícia *on-line* está sujeita quando veiculada na Internet. (anexos 1 e 2). É importante salientar que não é o objetivo desta pesquisa fazer uma análise

²⁷ O Jornal Folha de São Paulo em contato realizado no dia 24/07/2007 informou que não mantém arquivos das notícias *on-line* no período anterior a 2004.

pormenorizada do gênero notícia de jornal *on-line*, mas entender as mudanças que ocorrem nos parâmetros situacionais do gênero notícia e nas características genéricas quando ocorre a transposição do texto para a situação de comunicação didática (o texto jornalístico é inserido ao manual didático- situação S2).

QUADRO 9 – Notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo*

Só a roupa do corpo

E. O., 13, C. E, 13, e M. C., 15, moram embaixo do elevador Costa e Silva, o famoso Minhocão, que fica na região central de São Paulo.

Os três têm família e casa para morar, mas preferem viver na rua. “Saí de casa por causa do meu padrasto”, conta C. Os amigos vivem juntos, só com alguns trapos. O que eles fazem para se distrair? “A gente brinca, zoa por aí e fica deitado”, diz E.

(Folha de S.Paulo, 27 out. 2001. Folhinha on-line)

Como já foi dito anteriormente, a situação de comunicação jornalística é responsável por instituir as condições de produção, ou seja, ela determina as regularidades e restrições que vão instituir os elementos de composição do gênero notícia de jornal. A situação de comunicação jornalística que envolve o jornalismo *on-line* é responsável por determinar a expectativa (*enjeu*) de troca que institui os parâmetros situacionais: a identidade dos parceiros, a finalidade, a tematização/ problematização e o dispositivo.

5.2.1.1 Identidade dos parceiros

No nível situacional, a identidade dos parceiros implicados na notícia *on-line* *Só a roupa do corpo* é constituída pela instância informante, EUc, e pelos leitores reais da notícia *on-line*, TUi.

A instância informante é composta pelo conjunto de sujeitos que representam o jornal *Folhinha on-line* do grupo *Folha de São Paulo*: o jornalista, os redatores da notícia, os editores e os outros sujeitos implicados na confecção da notícia. A instância informante detém a iniciativa do processo de produção, submetendo-se como no jornal impresso, ao contrato de informação, que inclui, entre outros fatores, os efeitos de objetividade que contribuem para a de imparcialidade e credibilidade da notícia.

Os leitores empíricos da notícia são sujeitos que efetivamente entrarão em contato com a notícia de jornal *on-line* e detém a iniciativa do processo de interpretação. Esses sujeitos não podem ser previamente identificados, pois os leitores da *Folhinha on-line* (e, portanto, da notícia) podem pertencer a um universo muito maior do que o imaginado pela instância informante (pais preocupados com que os filhos lêem na Internet, pessoas interessadas em algum evento descrito na notícia, etc.).

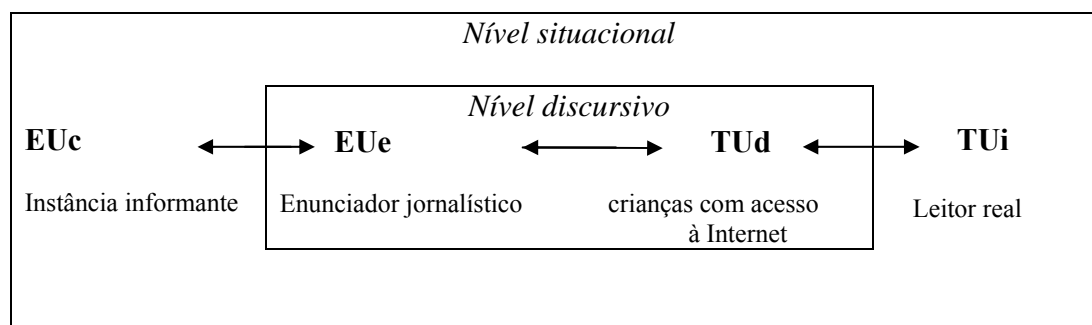
A partir do perfil da *Folhinha on-line* é possível determinar os sujeitos discursivos da notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo*. O sujeito enunciador, EUe, é representado por uma imagem de enunciador criada pelo próprio produtor da fala, essa imagem constitui um enunciador de jornal (voz jornalística) que relata os fatos e ao mesmo tempo vai preescrevendo atitudes formadoras idealizadas.²⁸ Ao abordar tema da separação familiar (os

²⁸ Nos anexos 1 e 2 estão algumas notícias *on-line* que revelam outros posicionamentos da instância informante em relação ao destinatário: valorizar a arte, a dança clássica, as festas de outras culturas, etc.

meninos têm casa, mas preferem viver na rua) a notícia permite que certos valores sejam explicitados (como a importância da família) e contribuam para a formação da criança.

O sujeito destinatário idealizado, TUD, é representado por crianças que têm acesso à notícia pela Internet, portanto, são sujeitos pertencentes a classe social mais elevada da sociedade (classe AB) em que o uso da Internet já está amplamente disseminado.

QUADRO 10 – Os sujeitos da notícia no quadro enunciativo



5.2.1.2 Finalidade

A finalidade da notícia *on-line* *Só a roupa do corpo* é levar informação aos leitores, caracterizando-se por duas visadas: além de relatar um acontecimento com informações dirigidas à criança para proporcionar uma reflexão sobre a realidade (visada de informação), também há a intenção de atrair as crianças para o novo objeto de consumo em que se transformou a notícia na Internet (visada de captação).

É interessante observar que a visada de captação encontra-se no extremo oposto à visada de informação. A visada de captação utiliza o princípio da emoção para sensibilizar

o público leitor e provocar nele o interesse pela informação na Internet. É construído junto às crianças tidas como leitoras da notícia de jornal *on-line* uma afetividade estruturada pelos imaginários discursivos que são expostos na notícia: a importância da família, o problema social dos meninos de rua em São Paulo, a relação entre pais e filhos, etc. Todos esses imaginários são capazes de provocar um sentimento de afetividade nos interlocutores que vivem justamente a fase de reconstrução de relacionamentos com os pais, ou seja, é usada a estratégia de dramatização na notícia para provocar sensibilização das crianças que lêem a notícia e assim conquistá-las para o consumo do gênero na nova mídia. Para tanto, o enunciador jornalístico encontra-se em posição de “fazer sentir” enquanto os sujeitos destinatários idealizados se encontram em posição de “dever sentir” a dramaticidade de um acontecimento recorrente e ocasionado por sentimentos comuns às crianças que lêem a notícia. Para Charaudeau (2006, p. 92)

(...) o contrato de comunicação midiática é, em seu fundamento, marcado pela contradição: finalidade de fazer saber, que deve buscar um grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio de seriedade ao produzir os efeitos de credibilidade; finalidade de fazer sentir (...) para satisfazer o princípio da emoção ao produzir efeitos de dramatização.

A visada de informação tende a racionalidade por ter necessidade de satisfazer a exigência de credibilidade do discurso midiático. Apesar dos sujeitos destinatários idealizados serem crianças, há uma expressiva seriedade que perpassa toda a notícia de jornal *on-line*. O enunciador jornalístico encontra-se em uma posição de “fazer saber” enquanto o leitor idealizado deve encontrar-se em posição de “dever saber” as informações veiculadas na notícia *on-line*.

5.2.1.3 Tematização / problematização

“O propósito é a condição que requer que todo ato de comunicação se construa em torno e um domínio de saber, uma maneira de recortar o mundo em *universos de discursos tematizados*.” (marca do autor) (Charaudeau, 2006, p. 69) A tematização da notícia de jornal *on-line Só a roupa do corpo* apresenta como macro-tema a vida dos meninos de rua em São Paulo, mas há também outro importante tema que se constrói a partir da leitura do texto jornalístico: as relações familiares (a relação entre pais e filhos).

O quadro de tematizações remete a um quadro de problematizações em que o leitor é convidado a se engajar. Na notícia *on-line*, o leitor é convidado a problematizar as questões referentes à tematização (vida dos meninos de rua/ relação entre pais e filhos). A apresentação desses temas presentes na notícia faz com que as crianças problematizem a respeito deles em um processo de inserção à instância cidadã.

É importante salientar que a instância informante somente apresenta um quadro de tematizações; cabe ao leitor, mesmo sendo do universo infantil, diante do quadro de tematizações problematizar obedecendo às referências éticas da instância cidadã.

5.2.1.4 Dispositivo

Cada ato de comunicação associa-se a um dispositivo particular, que ao realizar-se em determinada situação de comunicação relaciona-se a um contrato. O dispositivo material em que é veiculada a notícia de jornal *on-line Só a roupa do corpo* é a Internet, esse dispositivo conta com um quadro de restrições e parâmetros que serão responsáveis pela realização da notícia na WEB. A Internet formata a notícia atribuindo a ela

características responsáveis por construir um sentido, assim, a notícia é veiculada contando com algumas características do meio eletrônico como a agilidade para conseguir informação, a escrita simples, a qualidade e a relevância das informações, etc.

A notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo* permite que os leitores sigam o caminho que desejarem na leitura da notícia. Isso ocorre devido a presença de *links* que permitem que o leitor da notícia possa navegar de várias formas no site da *Folhinha on-line*, bastando somente clicar na opção desejada. O leitor do *site Folhinha on-line* constrói uma representação hierárquica dos textos que deseja ler ao poder escolher quais serão os textos lidos e o quanto deseja aprofundar na leitura desses textos.

A notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo* prevê a participação efetiva do interlocutor da notícia através de estratégias como a escolha da seqüência de leitura dos textos.

5.2.1.5 Outros elementos característicos da notícia *Só a roupa do corpo* configurados pela situação de comunicação jornalística

Como já foi mencionado no capítulo 4, a instância informante responsável pela notícia de jornal *on-line* não mantém arquivos de notícias anteriores a 2004²⁹. Diante de tal situação optamos por escolher aleatoriamente alguns textos noticiosos no site *Folhinha Online*³⁰. Com esse procedimento buscamos reproduzir as circunstâncias de enunciação, as restrições e os parâmetros situacionais a que a notícia está sujeita quando veiculada na situação de comunicação jornalística.

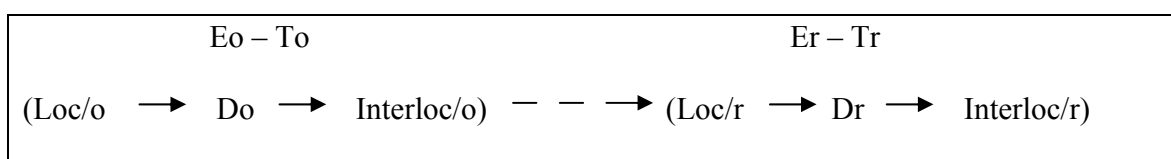
²⁹ A notícia *Só a roupa do corpo* pertence a edição de 27 de outubro de 2001.

³⁰ Ver referências.

5.2.1.5.1 Enunciação da notícia

Na notícia de jornal *on-line Só a roupa do corpo* o enunciador descreve a vida de meninos que vivem embaixo do Elevado Costa e Silva. O enunciador do texto utiliza o relato dos meninos como forma de sustentar a informação, fazendo com que o dito dos meninos se encaixe no dito do enunciador jornalístico (locutor-relator³¹) da notícia. Charaudeau (2006, p.162) representa esse mecanismo da seguinte maneira:

QUADRO 11 – Quadro de caracterização do discurso relatado e descrição das siglas



Loc/o = locutor de origem

Do = dito de origem

Interloc/o = interlocutor de origem

Loc/r = locutor relator

Dr = dito relatado

Interloc/r =interlocutor final

Eo = espaço de origem

To = tempo de origem

Er = espaço do relato

Tr = tempo do relato

³¹ Termo utilizado por Charaudeau (2006, p.162).

Para marcar o dizer do outro, o enunciador jornalístico utiliza marcas lexicais e marcas gráficas o que revela a diversidade de ditos diferentes habitando o mesmo texto. Os planos de enunciação que se instauram na notícia permitem verificar como o dito dos meninos que vivem na rua é tirado de um ato de enunciação de origem para ser relatado para em outro ato de enunciação.

O primeiro plano de enunciação é aquele em que o enunciador jornalístico se dirige aos leitores do jornal *Folhinha on-line*. Esse primeiro ato de enunciação relata o fato (meninos mesmo possuindo família moram na rua) produzindo um posicionamento de poder, pois o enunciador jornalístico está legitimado em sua posição de saber e pode transmitir informação ao leitor que deve saber os fatos registrados pela instância jornalística.

QUADRO 12 – Planos argumentativos da notícia

Enunciadores com seus interlocutores	Marcas de Enunciação		Enunciado
	Lexicais	Gráficas	
2º plano de enunciação: menino C.F – Folhinha <i>on-line</i> / leitores	conta	aspas	“Saí de casa por causa do meu padrasto”
3º plano de enunciação: menino E.O – Folhinha <i>on-line</i> / leitores	diz	aspas	“A gente brinca, zoa por aí e fica deitado”

O dizer do enunciador jornalístico é sustentado pelas enunciações dos meninos de rua. A citação do dizer dos meninos comprova o fato descrito na notícia, um testemunho que corrobora com a argumentação do enunciador jornalístico.

5.2.1.5.2 Título da notícia

O título da notícia de jornal on-line *Só a roupa do Corpo* é informacional, representando uma informação nova à edição do jornal *on-line* e suscitando um tipo de problematização por parte dos leitores. A descrição que o título realiza permite representar os sujeitos envolvidos na notícia relacionado-os diretamente ao contexto de miséria em que vivem. O termo *Só a roupa do corpo* contribui para uma produção de sentido e aponta para a direção que a informação tomará: abordar a carência de sujeitos que vivem sem nada. Há uma espetacularização do título que se reveste de uma roupagem sensacionalista pela afirmação impensável de seres humanos vivendo somente com a roupa do corpo.

O título da notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo* seleciona dois tipos de visadas: uma visada de informação e uma visada de captação. A visada de informação constrói-se pela finalidade primeira da notícia de levar informação à instância cidadã. A visada de captação constrói-se pela tentativa de atrair a atenção do leitor incitando-o à leitura da notícia.

5.2.1.5.3 A data

A data, na situação de comunicação jornalística, é responsável por criar o presente jornalístico o que torna a notícia mais relevante e importante ao conhecimento do leitor. Na significação da notícia on-line, a data é um dos importantes elementos, pois ela é uma referência ao contexto de enunciação. Ler uma notícia de jornal não é somente decifrar parágrafos perseguindo os elementos lingüísticos presentes no texto, mas produzir sentido

através de fatores como o conhecimento de mundo do leitor, suas crenças, os elementos formais do texto, o contexto de enunciação, etc.

O anexo 1 demonstra o compromisso da *Folhinha on-line* com a atualidade ao trazer uma notícia de jornal *on-line* que precisa ser consumida no mesmo dia, pois a notícia informa sobre a realização de uma festa no mesmo dia da veiculação da notícia. Com isso o jornal *Folhinha on-line* consegue manter um dos importantes princípios que envolvem a esfera jornalística: a atualidade das notícias.

Apesar do jornalista representar uma figura importante na instância informante, a notícia não traz a assinatura do jornalista, tal fato faz com que a identificação do responsável pela notícia seja dificultada, não permitindo que se conheça realmente quem é o responsável pela notícia.

5.2.2 Análise da notícia na situação de comunicação didática

O gênero notícia de jornal *on-line* ao ser incorporada ao manual didático de língua portuguesa sofre alterações devido ao fato dos parâmetros situacionais serem *reconfigurados* para atender aos parâmetros da nova situação comunicativa no qual o tipo textual está inserido. O gênero notícia de jornal *on-line* passa a ser utilizado fora da sua situação de comunicação original, pois sendo inserido ao manual didático onde o gênero perde a característica sócio-interativa para o qual foi criado. Inserido no MDLP o gênero notícia *on-line* não é mais uma forma de ação em uma situação de comunicação específica, e sim um tipo de texto pronto para servir de pretexto às atividades escolares.

Com a mudança situacional, ocorrem mudanças nos parâmetros contratuais dados pelas circunstâncias de comunicação. Além dos elementos contratuais, outras

características do gênero notícia de jornal *on-line* determinados pela situação de comunicação também são ressignificados.

5.2.2.1 Identidade dos parceiros

O fato da notícia de jornal *on-line* ser incorporada ao MDLP promove alterações na identidade dos parceiros envolvidos.

No nível situacional, o sujeito comunicante (EUc) é representado pela instância produtora do manual didático de língua portuguesa que é composto pelo conjunto: os autores do manual (Ernani Terra e Floriana Cavalete), os ilustradores, os editores, o supervisor pedagógico, etc. Apesar da notícia não ter sido confeccionada diretamente pela instância produtora do MDLP, é ela quem didatiza a notícia pretendendo proporcionar instrução. Podemos dizer que a instância produtora do MDLP detém a iniciativa do processo de produção, mas não de um gênero, mas de um texto didatizado.

Na nova realidade em que a notícia de jornal se apresenta, os parceiros não estão necessariamente interessados/ implicados na notícia do dia, mas envolvidos em um propósito pedagógico (visada de instrução – “fazer saber fazer”).

Esses sujeitos supostamente têm a competência de saber fazer-saber e estão em posição de autoridade de saber fazer e de legitimação para transmitir o saber-fazer. Os sujeitos interpretantes (TUi), são representados por quem efetivamente tem acesso à notícia *on-line* na nova situação (situação didática).

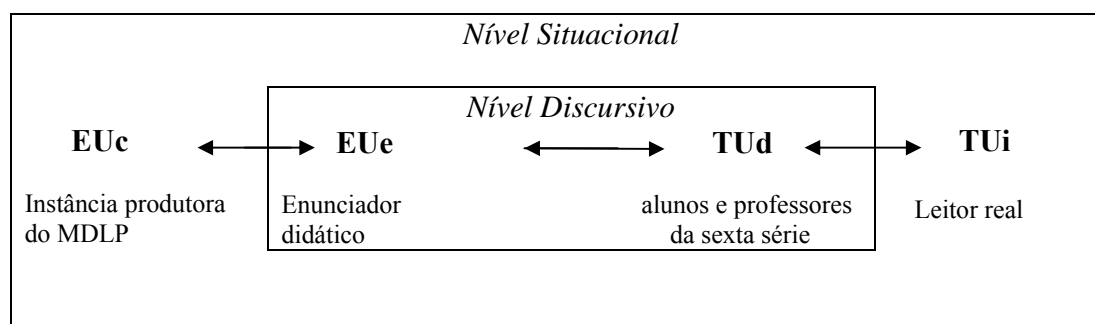
No nível discursivo, o sujeito enunciador (EUe) é o enunciador didático que através da sua voz propõe a leitura do texto jornalístico indicando a forma como o texto deve ser

lido. A voz do enunciador didático é a voz que perpassa todo o manual didático interagindo com os alunos e propondo atividades.

Os sujeitos destinatários (TUd) são compostos pelo público do manual didático: alunos e professores da sexta série. Pensamos que a notícia de jornal *on-line* apresenta como sujeitos idealizados alunos de qualquer classe social, pois o manual didático não faz explicitamente distinções de classe social para seus sujeitos interlocutores. Os alunos idealizados pelos autores do MDLP são sujeitos pertencentes a qualquer classe social desde que cumpram o seu papel social de aprender. Cabe ao aluno ler a notícia e seguir as instruções que possibilitarão a sua compreensão, pois os alunos são considerados sujeitos fora da instância cidadã, pessoas ainda não adultas e em processo de formação.

O professor também está incluído como sujeito destinatário idealizado, pois cabe ao professor utilizar o tipo textual notícia de acordo com seus objetivos pedagógicos e criar na sala um ambiente de interação acerca do debate suscitado pelo tipo textual. É previsto pela instância produtora do MDLP que os professores da sexta série lerão a notícia e acompanharão a realização de atividades dos alunos.

QUADRO 13 – Quadro enunciativo da notícia SRC intercalada ao manual didático



5.2.2.2 Finalidade

A finalidade da notícia de jornal *on-line* no manual didático evidencia-se como uma das atividades necessárias para a formação do educando e sua inserção na instância cidadã. A finalidade é caracterizada por uma “visada de instrução” em que a notícia é transformada em um conteúdo escolar. Esse momento de aprendizagem é marcado no título do capítulo (*Hora do texto*) que informa ao aluno, através do princípio de autoridade, que a atividade escolar daquele momento é o texto jornalístico, devendo haver dedicação e atenção à atividade. A autoridade empregada, característica do discurso didático, estende-se às atividades através de seqüências injuntivas (verbos no imperativo) que dão instruções da forma como a notícia deve ser lida e como realizar as atividades.

Embora a notícia de jornal *on-line* não tenha sido originada com o fim de instruir sujeitos, ela passa a servir de objeto para a formação do aluno (aquisição de competências e habilidades), sendo utilizada como pretexto para atividades gramaticais, técnicas de interpretação de texto, análises interpretativas, etc. A visada de instrução permite que voz jornalística fique em posição de “fazer saber-fazer” e o leitor idealizado como os alunos de sexta série fique em posição de “dever saber-fazer”, ou seja, o leitor deve transformar notícia em conteúdo escolar e realizar atividades que visam testar sua aprendizagem sobre o conteúdo.

Na situação S2 (situação escolar), ocorre uma visada de captação que ao mesmo tempo em que atrai os alunos para interessarem-se pela atividade, deseja seduzir alunos e professores para a utilização do manual didático, pois a notícia incorporada ao manual didático corrobora com os imaginários acerca de um bom MDLP: trabalha com gêneros diferenciados como o “gênero” notícia de jornal *on-line*.

5.2.2.3 Tematização / problematização

A temática da notícia de jornal *on-line* inserida no manual didático também é modificada. Na nova situação em que a notícia está inserida não há o objetivo de informar o leitor sobre um acontecimento recente e, por vezes, não é suscitado qualquer tipo de problematização acerca do espaço público³². Isso ocorre porque a situação de comunicação escolar não privilegia a tematização e a problematização em relação aos tipos textuais empregados, mas sim a aprendizagem e reprodução de conteúdos. O olhar do sujeito sobre a notícia de jornal *on-line* na situação S2 faz com que ele não utilize a tematização da notícia para problematizar sobre os acontecimentos sociais.

A mudança de propósito proporciona à notícia *on-line* na situação S2 uma direção interpretativa diferente da situação original. O sujeito que lê uma notícia *on-line* no manual didático não é um sujeito, que inserido num sistema de expectativas, esperará por algo inesperado, perturbador e que provoque a alteração da ordem social.

5.2.2.4 Dispositivo

A notícia de jornal *on-line* ao ser incorporada pelo MDLP altera o dispositivo em que é enunciada, alterando também as relações que mantém com os leitores. A alteração do dispositivo sugere outra forma de leitura da notícia e, portanto, uma nova situação de recepção. Fora de seu dispositivo original na internet, o leitor não mais interage com o texto da notícia utilizando as diversas combinações que a mídia eletrônica permite, como a

³² As atividades propostas pelo MDLP não privilegiam a reflexão e a problematização acerca da temática da notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo*.

iconicidade, profundidade de leitura, possíveis conexões hipertextuais, organização e disposição na página da Internet, etc. A notícia no MDLP pertence a um tipo diferente de discurso, pois a notícia está submetida a outros parâmetros contratuais e a mudança de dispositivo prevê outros tipos de condições para a recepção da notícia.

FIGURA 7 – Notícia de jornal *on-line* *Só a Roupa do corpo* inserida no manual didático

Hora do texto

Texto 1

Só a roupa do corpo

E. O., 13, C. F., 13, e M. C., 15, moram embaixo do elevado Costa e Silva, o famoso Minhocão, que fica na região central de São Paulo.

Os três têm família e casa para morar, mas preferem viver na rua. “Saí de casa por causa do meu padrasto”, conta C. Os amigos vivem juntos, só com alguns trapos. O que eles fazem para se distrair? “A gente brinca, zoa por aí e fica deitado”, diz E.

(Folha de S.Paulo, 27 out. 2001. Folhinha *on-line*)

Texto 2

Mudança significativa

Os Espaços de Passagem promoveram novas experiências na vida de muitas crianças e adolescentes

A cidade é São Paulo. O ano, 1997, ainda começando. Estamos no Vale do Anhangabaú, onde M., seus companheiros de rua e os educadores do Travessia, depois de recortarem de revistas fotografias que expressem seus sonhos para o futuro, conversam sobre os cartazes que confeccionaram. Falam de asas, barcos, lua, sol, mães, presentes e futuros. Bichos e gente. Dores e esperança. De casas, famílias, escolas. Que agora parecem bem-vindos.

M. percebe sonhos diferentes, que quase não existiam há pouco mais de seis meses. Ele já não é mais criança, vai completar 18 anos em breve. Se quiser, pode sobreviver na rua, pois está lá há tempo suficiente para andar sem medo, saber aonde ir, não morrer de fome ou frio, ficar esperto com os perigos. Mas não é o que quer para seu futuro. Talvez, se não tivesse conhecido as pessoas do Travessia em 1996, apareceriam outras alternativas. Ou não tivesse pensado em sair, mas se contentaria em ser um adulto de rua, fazer uns bicos e sobreviver. O fato é que conheceu aquelas pessoas, interessou-se pela proposta delas e vem seguindo em frente, até então com a idéia de construir presente e futuro diferentes. Sobreviver já não basta. Ele quer viver e sabe que pode, tem o direito e o dever de fazê-lo. M. é um dos garotos que integrarão, em breve, os Espaços de Passagem e, embora ainda não saiba, terminará o ano de 1997 com convicções, sonhos e possibilidades que lhe foram negados por muito tempo. M. começa, finalmente, a ser sujeito de sua história.

Esse foi o objetivo dos educadores do Travessia desde que foram para as ruas: inserir meninos como M. e seus companheiros no convívio familiar e social, torná-los cidadãos. Ao contrário de “tirá-lo” da rua, simplesmente afastando das vistas o problema social gritante representado pela infância e adolescência em situação de risco, o Travessia tem uma proposta mais ousada: ser um “catalisador” no processo de integração do garoto. [...]

(Revista *Travessia*, Fundação Projeto Travessia – relatório anual de 1997. p. 6 – São Paulo.)



5.2.2.5 Outros elementos característicos da notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo* configurados pela situação didática

As características (parâmetros contratuais e situacionais) da notícia *on-line* são modificadas tendo em vista a nova situação de comunicação.

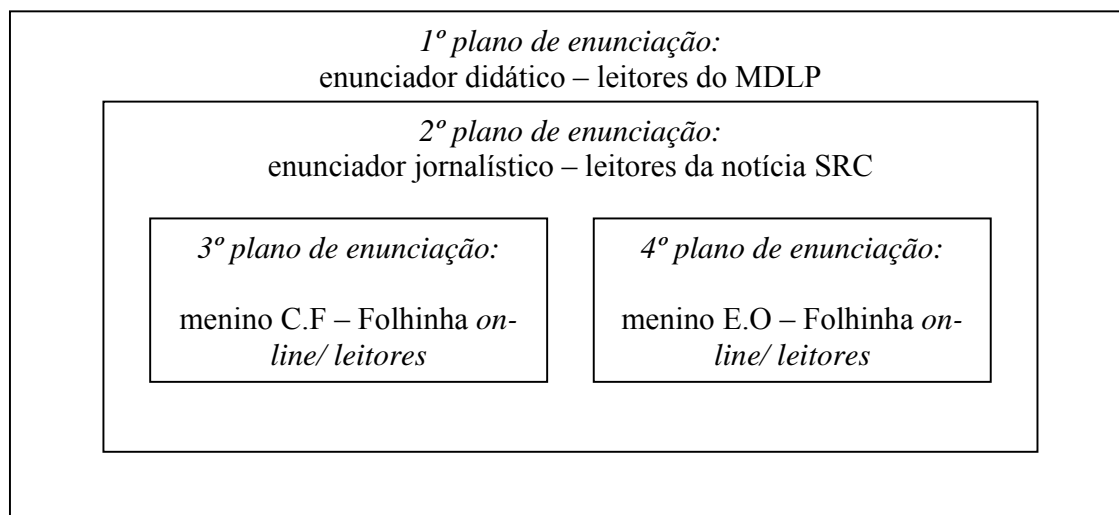
O perfil dos leitores do jornal *Folhinha on-line* corresponde a crianças e adolescentes das classes AB com acesso à Internet, a página do jornal estrutura-se para receber esse público através de estratégias que visam captar a atenção deles. Uma das estratégias é o uso de desenhos e figuras que acompanham as notícias (conforma anexos).

Quando a notícia *on-line* *Só a roupa do corpo* é incorporada ao MDLP, elementos como fotos e desenhos característicos da situação de comunicação original não fazem parte da notícia. A notícia *on-line* no manual didático sofre, assim, um recorte que a descaracteriza e desconstrói em relação à produção de sentido original.

5.2.2.5.1 Enunciação da notícia

Na situação S2, os enunciados do texto continuarão mantendo as mesmas estruturas sintáticas, as mesmas estratégias de objetividade e imparcialidade, não obstante, a configuração dos planos de enunciação será modificada pela inserção do plano de enunciação que englobará todos os outros planos presentes na notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo*. O primeiro plano de enunciação será aquele em que o enunciador didático se dirige aos leitores do manual didático, sendo que será o enunciador didático que trará a fala de outros locutores para o plano enunciativo.

QUADRO 14 – Planos de enunciação da notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo* na situação escolar



5.2.2.5.2 Título da notícia

A notícia de jornal *on-line* *Só a roupa do corpo* ao ser incorporada ao MDLP permite que o título perca a relação intrínseca com o contexto que descreve. O caráter informacional do título é perdido, porque na nova situação de comunicação o título não conduz a uma informação pertinente ao contexto social. O título que deveria provocar uma relação direta entre realidade/ acontecimento deixa de cumprir esse papel – o leitor não é capaz de fazer essa associação, porque na verdade o acontecimento é apagado devido ao distanciamento temporal entre o fato e a leitura da notícia.

Os elementos lingüísticos presentes no título ainda permitem que ele aponte a temática da notícia, mas as visadas que ele seleciona são modificadas: uma visada de instrução, pois o título da notícia é visto como um elemento escolarizado para ensinar ao

aluno a estrutura de uma notícia; uma visada de captação com a intencionalidade atrair os alunos para a aprendizagem do tipo textual.

5.2.2.5.3 A data

Quando a notícia de jornal *on-line Só a roupa do corpo* é incorporada ao MDLP a data deixa de ser um elemento importante na constituição do sentido do texto jornalístico, pois na perspectiva em que a data se encontra ela deixa de influir no sentido do texto noticioso.

A notícia de jornal *on-line Só a roupa do corpo*, incorporada ao manual didático, deixa de uma grande defasagem em relação às circunstâncias enunciativas da informação, pois o distanciamento entre o tempo de produção e de recepção (leitura) da notícia é bem superior aquele imaginado pela instância de produção. A periodicidade do jornal *Folhinha on-line* é semanal as notícias são produzidas para serem consumidas durante esse período. Entretanto, as notícias na situação S2 são consumidas dois, três, quatro ou até cinco anos após a sua veiculação.

FIGURA 8 – Atividades do manual didático

Atividades

Texto 1

1. Esse texto é uma pequena notícia. Apesar de curta, ela apresenta os elementos básicos da informação, que você já conhece: **quem** é notícia, **o que** aconteceu, **onde**, **quando**, **como** e **por quê**. Indique, no caderno, os elementos dessa notícia.

Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê?
2. O jornalista que escreveu a notícia certamente foi até o local onde os garotos vivem e conversou com eles. Além dos elementos básicos da notícia, podemos perceber que ele procurou saber outras coisas. Indique-as no caderno.
3. Muitas informações são dadas de forma direta, com a **transcrição literal** (exatamente daquilo que foi dito) das palavras dos meninos. Copie no caderno o que nos indica que a transcrição desse texto é literal.
Você diria que colocar as palavras dos garotos no texto atribui maior veracidade à notícia? Por quê?
4. “A gente brinca, zoa por aí e fica deitado.” Quem diz essa frase é E., um menino. Agora considere-a do ponto de vista gramatical: o sujeito de **brinca**, **zoa** e **fica** é “a gente”, uma expressão feminina.
 - a) Pensando nisso, como deveria ficar o adjetivo **deitado**? Escreva no caderno.
 - b) Por que o menino usou o adjetivo na forma masculina? Explique no caderno.

Texto 2

1. Você leu os primeiros parágrafos de uma matéria apresentada pela revista *Travessia*, da Fundação Projeto Travessia, que atende crianças e adolescentes que vivem nas ruas do centro de São Paulo. O objetivo da matéria é mostrar o trabalho realizado durante o ano de 1997 e seus resultados. Podemos perceber que a pessoa que redigiu o texto optou por iniciá-lo relatando uma atividade.
 - a) Que cena é retratada no primeiro parágrafo? Explique no caderno.
 - b) O que mostra a conversa entre os meninos e os educadores?
2. Em seguida, um personagem nos é apresentado. Quem é e o que está acontecendo com ele?
3. No fim do segundo parágrafo, diz-se que M. “começa, finalmente, a ser sujeito de sua história”. O que significa “ser sujeito de sua história”?
4. “Sobreviver já não basta. Ele quer viver e sabe que pode, tem o direito e o dever de fazê-lo.” Na sua opinião, qual a diferença entre **viver** e **sobreviver**?

62

Com as atividades propostas pelo MDLP espera-se dos alunos uma dupla ação: aprender e provar que aprendeu. O manual didático traz a concepção de que aprender é absorver saber e posteriormente reproduzi-lo conforme a solicitação do próprio manual didático. Essa característica faz com que o MDLP esteja encaixado dentro de uma linha tradicional de educação em que o aluno deve assimilar e repetir os conteúdos ensinados.

As atividades propostas pelo MDLP não levam em conta a problematização em que a notícia está envolvida. A notícia *on-line* *Só a roupa do corpo* apesar de tratar de temas pertinentes e interessantes ao universo adolescente (público alvo do manual didático) não é trabalhada seguindo o ponto de vista temático. Desta forma, a notícia *on-line*, e que na situação S1 convida os leitores a problematizar a realidade. Já na situação S2, essa problematização se esvazia em proveito do entendimento (aprendizagem) das características formais do tipo textual notícia de jornal *on-line*: estrutura informacional da narrativa (questões como o quê, por quê, como, onde, , etc.); linguagem empregada; aspectos gramaticais do texto.

CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa dissertação, ao refletir sobre a utilização de gêneros discursivos / tipos textuais, em sua situação de comunicação original e intercalados ao manual didático de língua portuguesa, identificou as características do discurso em movimento. Nesse sentido, detivemo-nos no estudo dos parâmetros situacionais que determinam as condições de produção, as características dos componentes e as condições de enunciação.

O objetivo principal dessa investigação foi verificar como o gênero discursivo de informação jornalística, representado pelo gênero discursivo notícia de jornal (seja impresso ou *on-line*) possui seus parâmetros e características situacionais modificados ao ser intercalado ao manual didático de língua portuguesa.

A modificação nos parâmetros determinantes do contrato de comunicação faz com que haja a *reconfiguração* do gênero discursivo, pois o gênero passa a ser caracterizado por outras configurações para atender aos parâmetros da nova situação de comunicação. Há, portanto, uma reflexão sobre as mudanças ocorridas na produção de sentido.

... os manuais didáticos de língua portuguesa se apropriam de textos jornalísticos, literários, entre outros, sob o pretexto de trabalhar / ensinar gêneros textuais (buscando conformidade com orientações dos PCN's de Língua Portuguesa), modificam e reconfiguram seus lugares de enunciação e de interpretação, enfim, alterando os parâmetros que, para nós, definem os gêneros como tipos situacionais (finalidade, identidade, tematização / problematização, dispositivo). (EMEDIATO, 2007, p. 245)

Para evidenciar os parâmetros situacionais modificados foram escolhidas duas notícias de jornal veiculadas em manuais didáticos, uma notícia impressa e uma notícia *on-line*. Tanto na análise da notícia de jornal *Toneladas de peixes mortos na lagoa* quanto da

notícia de jornal *Só a roupa do corpo* é possível observar o que denominamos de *reconfiguração* do gênero discursivo notícia de jornal: os parâmetros determinantes do contrato de comunicação são modificados quando o gênero notícia de jornal é incorporado às páginas do MDLP. Considerando-se a nova situação de comunicação e o novo dispositivo em que o gênero é empregado ocorrem modificações no processo de produção /interpretação que vão provocar inclusive mudanças no sentido do texto. “Como a estrutura de um jornal tem a propriedade de ser inscrita, (...) não se pode separar o enunciado do seu suporte sem modificá-lo.” (MOUILLAUD, 2002, p. 326)

Buscando entender os processos discursivos, iniciamos o trabalho com uma revisão da literatura no Capítulo 1. Com tal procedimento, conseguimos adquirir um posicionamento crítico em relação à linguagem e inscrever nosso trabalho no campo teórico proposto pela Análise do Discurso.

No Capítulo 2, iniciamos uma investigação sobre a problemática dos gêneros discursivos revendo um pouco da teoria existente acerca dos gêneros e dos tipos textuais. Após situar uma série de teorias envolvendo os gêneros, expusemos a concepção teórica na qual o trabalho se inscreve, propondo que os gêneros são elementos situacionais constituídos por parâmetros situacionais.

O Capítulo 3 foi destinado para compreensão do discurso informativo e do discurso didático. Fizemos uma investigação acerca do gênero notícia de jornal e do manual didático de língua portuguesa na tentativa de entendê-los e marcar suas características.

O capítulo 4, os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa foram explicados, assim como as etapas e estratégias que delinearão esta pesquisa.

A análise dos dados começou no capítulo 5 através da seguinte estratégia: analisar cada notícia de jornal em sua situação de comunicação original (S1) e após a transposição para o manual didático (S2).

Com a análise dos dados foi possível responder às questões referentes à utilização do gênero em outra situação comunicativa. A notícia de jornal intercalada ao MDLP perde a função social para a qual foi concebida, sofrendo alterações nas peculiaridades discursivas. Uma notícia de jornal propõe um lugar de interpretação que envolve uma ética cidadã e não se pode fugir desse lugar, pois a notícia de jornal já conta com a implicação desse tipo de leitor no processo. Tal processo, como vimos, não ocorre na situação de comunicação didática, pois no manual didático a notícia não implica a figura de um cidadão disposto a problematizar questões sociais, mas a figura de aluno à qual é atribuído o papel de aprender as características do tipo textual.

Os dois manuais, ao trabalharem com os gêneros textuais, preferem basear-se nos elementos formais ao invés de discutirem as peculiaridades discursivas e principalmente a função social do gênero. A presença do gênero notícia de jornal nos manuais didáticos poderia ser uma forma dos alunos aprimorarem a leitura e a escrita, mas ainda predomina a preocupação excessiva com o formato do texto, suas regras estruturais e as lições gramaticais.

Os MDLP demonstram, ainda, grande preocupação com a gramática, a variação lingüística e a adequação vocabular, imaginário da tradição escolar que recai agora sobre o ensino de gêneros discursivos. Isso é colocado em evidência pelo silenciamento, no tratamento da questão genérica, dos componentes situacionais de produção dos textos.

Acreditamos que, mais eficaz do que simular atividades envolvendo os gêneros discursivos, seria promover práticas em que os alunos efetivamente entrariam em contato com os gêneros discursivos de forma direta e não mediada pelo manual.

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. (...) As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. (BAKHTIN, 2003, p.283)

O sentido de um enunciado está relacionado aos pontos de referência pertinentes à sua enunciação. Uma notícia de jornal incorporada ao MDLP deixa de contar com essas referências fazendo com que o sentido admitido pela notícia seja construída de forma diferente ao esperado pela situação de comunicação original. “A interpretação de uma fala ou de um produto cultural deve assim levar em conta as relações de parte a conjunto, e produzir entre esses dois níveis um duplo movimento de explicação e compreensão.” (BRAGA, 2002, p. 329)

Convém dizer que o que chamamos de *reconfiguração* do gênero não pode ser visto como uma transgressão genérica. Na transgressão do gênero ocorre a ruptura com a regra preexistente do gênero, havendo a transformação de gêneros antigos em gêneros novos.

Os elementos que fazem parte da estrutura de uma notícia de jornal ao serem modificados fazem com que o gênero notícia de jornal, caracterizado por elementos situacionais, seja *reconfigurado* transformando-se em um texto didático. Ou seja, com a *reconfiguração* o gênero não há a transformação dele em outro gênero e sim a modificação da forma de ser ver, entender, ler e produzir sentido.

Em Mari (2002, p.35) encontramos a definição de Charaudeau para o contrato de comunicação definido-o como “um quadro de determinações necessárias à configuração do lugar de produção dos sentidos sociais, bem como do lugar de seu reconhecimento.” Se há mudanças no quadro de determinações necessárias à configuração do gênero notícia, haverá alterações no lugar da sua função e do seu reconhecimento.

As crianças nos dias de hoje, já tem contato ou informação sobre o que é um jornal e sobre uma notícia, de maneira que já chegam à sala de aula reconhecendo-a, pois o jornal e as notícias são gêneros amplamente difundidos e podem ser encontrados e vistos facilmente (no domicílio, na escola, nas bancas, nos bares, padarias, etc.). As notícias de jornal não são objetos totalmente desconhecidos de uma criança de 6º série. Do mesmo modo, essa mesma criança, por sua experiência escolar, reconhece o manual didático como um suporte de didatização e certamente se posicionará diante da notícia ali inscrita como um *aluno-aprendiz* de alguma coisa e não como leitor de jornal.

É necessário que o aluno entenda o processo de produção do texto, compreendendo que a situação comunicacional é responsável por instituir a configuração de um gênero. Entendemos que a leitura do texto “real” aquele que tem circulação social genuína, é primordial para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos.

Há vários benefícios da leitura de jornais na escola, mas dentre elas destacamos a quantidade de informações atuais em um mesmo suporte. A informação jornalística traz questões polêmicas que interpelam o cidadão, desta forma, poderiam ser trabalhados, de forma crítica, a finalidade da notícia de jornal, seus elementos subjetivos e objetivos, o mito da neutralidade da imprensa, fazendo, assim, com que os futuros leitores possam ser armados de espírito crítico durante a leitura de textos jornalísticos.

O professor de Língua Portuguesa deve proporcionar a leitura e a produção de diferentes gêneros discursivos estabelecidos socialmente. Mas nem todos os gêneros precisam ser produzidos na esfera escolar, alguns precisam somente de serem lidos e compreendidos. O que é necessário é que sejam eliminadas as situações artificiais em que o gênero se torna objeto didatizado para a aprendizagem de conteúdos, principalmente gramaticais, sob o pretexto de se estar ensinando a respeito dos gêneros.

Uma ocorrência fora do contexto não passa de uma ocorrência produzida em um contexto artificialmente simplificado, e não é absolutamente necessário que a significação constatada nessas condições possibilite compreender as significações registradas em contextos naturais. (DUCROT, 1987, p.14)

A notícia não tem “valor de notícia” ao ser inserida ao MDLP, pois após a sua didatização ela é vista como um objeto de estudo, havendo uma alteração significativa no seu modo de consumo. Estudar gêneros não significa estudar os elementos formais de composição de textos, mas sim as condições sociais, históricas e situacionais na qual um gênero é utilizado como forma de ação.

É a situação de comunicação que será responsável por instituir uma série de parâmetros do gênero notícia de jornal. Já destacamos o dispositivo, o título, a fotografia, os elementos formais, enunciadores, a assinatura, a data, e o quadro comunicacional (a identidade dos parceiros, a finalidade, o dispositivo e a tematização/ problematização).

Características discursivas são ressignificadas quando as notícias são incorporadas ao manual didático, pois no manual os textos jornalísticos são objetos que não concebem os parâmetros situacionais e contextuais necessários ao entendimento de determinadas

características discursivas como a problematização acerca do espaço público e o uso de implícitos subentendidos.

Distinguimos uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do leitor que se quer formar (...) (SOARES, 2006, p. 47)

Um fato isolado do seu contexto produz uma visão fragmentada da realidade não permitindo ao aluno que carrega consigo alguns gêneros de sua língua materna, a relação da aprendizagem com os gêneros e sua real utilização.

O conhecimento sobre a *reconfiguração* do gênero notícia de jornal nos manuais didáticos de língua portuguesa pode fazer com que o professor estabeleça estratégias mais apropriadas de ensino/aprendizagem, pois verificamos que o trabalho com os gêneros discursivos pode ser mais eficaz quando são levados em conta os componentes situacionais de produção do texto. Nesse sentido, mais do que promover o ensino de gêneros envolvendo categorias conceituais, é necessário inserir o aluno em práticas concretas em que o aluno terá de lidar com os gêneros do discurso presentes em seu dia-a-dia. Acreditamos ser mais coerente que o gênero notícia de jornal fosse utilizado na prática, fazendo com que os alunos pudessem lê-lo e até escrevê-lo em sala de aula, mas tendo em vista as problematizações reais trazidas por esse gênero. Mas para isso seria necessário que antes os alunos se constituíssem efetivamente como leitores de jornal na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 4º ed., 2003.

BARROS-MENDES, Adelma das Neves Nunes; PADILHA, Simone de Jesus. Metodologia de análise de livros didáticos de língua portuguesa: desafios e possibilidades. In: COSTA VAL, Maria da Graça, MARCUSCHI, Beth. (orgs.) *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte : Ceale, Autentica, 2005. p. 118-145.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: DAYRELL, Sérgio (Org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2º ed., 2002, p. 321-334.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

CASTILHO, Carlos. *Jornalismo de Grife*. Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/castil14.html>>. Acesso em 02/08/07 às 22:00.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: HUGO, Mari.; MACHADO, Ida Lúcia.; MELLO, Renato de. *Análise do Discurso: fundamento e práticas*. Belo Horizonte: NAD/ FALE/ UFMG, 2001, p. 23-37.

CHARAUDEAU, Patrick. “Le Contrat de communication dans la situation de classe.” In: *Inter-actions . L’interactions, actualités de la recherche et enjeux didactiques*. Metz. Univ. De Metz. 121-137, 1993.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (Org.) *Gêneros: reflexões em Análise do discurso*. Trad. Renato de Mello. Belo Horizonte: NAD/ FALE / UFMG, 2004. p. 13-41.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004. p. 249-255.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

COHEN, Suzana Amarante de Mendonça. *O discurso publicitário virtual x impresso: enunciação e contrato – uma análise comparativa*. 2007. 257 f. Dissertação (Mestrado em

Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

COSCARELLI, Carla Viana. Entre textos e hipertextos. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Atênica, 2002 p. 65-84.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura*. São Paulo: Geração editorial, 2004.

EMEDIATO, Wander. *Análise contrastiva da configuração lingüístico-discursiva de títulos*. 1996. 255 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

EMEDIATO, Wander. O problema dos gêneros nos manuais didáticos: apropriação e reconfiguração. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUISTICA, 5., 2007, Belo Horizonte, *Caderno de resumos*. Belo Horizonte: FALE, 2007. p. 244-245.

EMEDIATO, Wander. Os gêneros como tipos situacionais. In: HUGO, Mari.; MACHADO, Ida Lúcia.; MELLO, Renato de. *Análise do Discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: NAD/ FALE/ UFMG, 2003. p. 63-72.

EMEDIATO, Wander. Organização enunciativa e modalização no discurso didático. In: LARA, Gláucia Muniz Proença (Org.) *Língua(gem) texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2006.

EMEDIATO, Wander. O problema da informação jornalística entre as ciências da comunicação e a Análise do Discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia.; et al. (Org.) *Movimentos de um percurso em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2005.

FREITAG, Bárbara; COSTA, Wanderley F. da; MOTTA, Valéria R. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez, 1989.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular / Editora da UFSC, 3º ed., 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análises de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 4º ed., 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (Org.) *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2º ed., 2002.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Estudo da Língua Falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor / alunos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Os estudos do gênero do discurso: leituras e efeitos da abordagem bakhtiniana. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William. *Análise do Discurso: Gêneros comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2006, p. 215-226.

MARI, Hugo. Percepção do sentido: entre restrições e estratégias contratuais. In: HUGO, Mari.; MACHADO, Ida Lúcia.; MELLO, Renato de. *Ensaio em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/ FALE/ UFMG, 2002, p. 31-57.

MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

MELLO, Renato de. A relação professor/ aluno e o contrato de comunicação. In: MACHADO, Ida Lúcia; SANTOS, João Bosco Cabral dos; MENEZES, William Augusto. *Movimentos de um percurso em Análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/ FALE/ UFMG, 2005. p. 53-74.

MOUILLAUD, Maurice. O título e os títulos. DAYRELL, Sérgio (Org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2º ed., 2002, p. 99-116.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Prefácio*. In: ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 5-31.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 4º ed., 2002. (Debates, 193)

SAKALL, Sérgio. *Composição fotográfica*. Disponível em: <http://www.sergiosakall.com.br/montagem/fotografia-composi.htm>. Acesso em 01/10/2007 às 16:00.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 43-58.

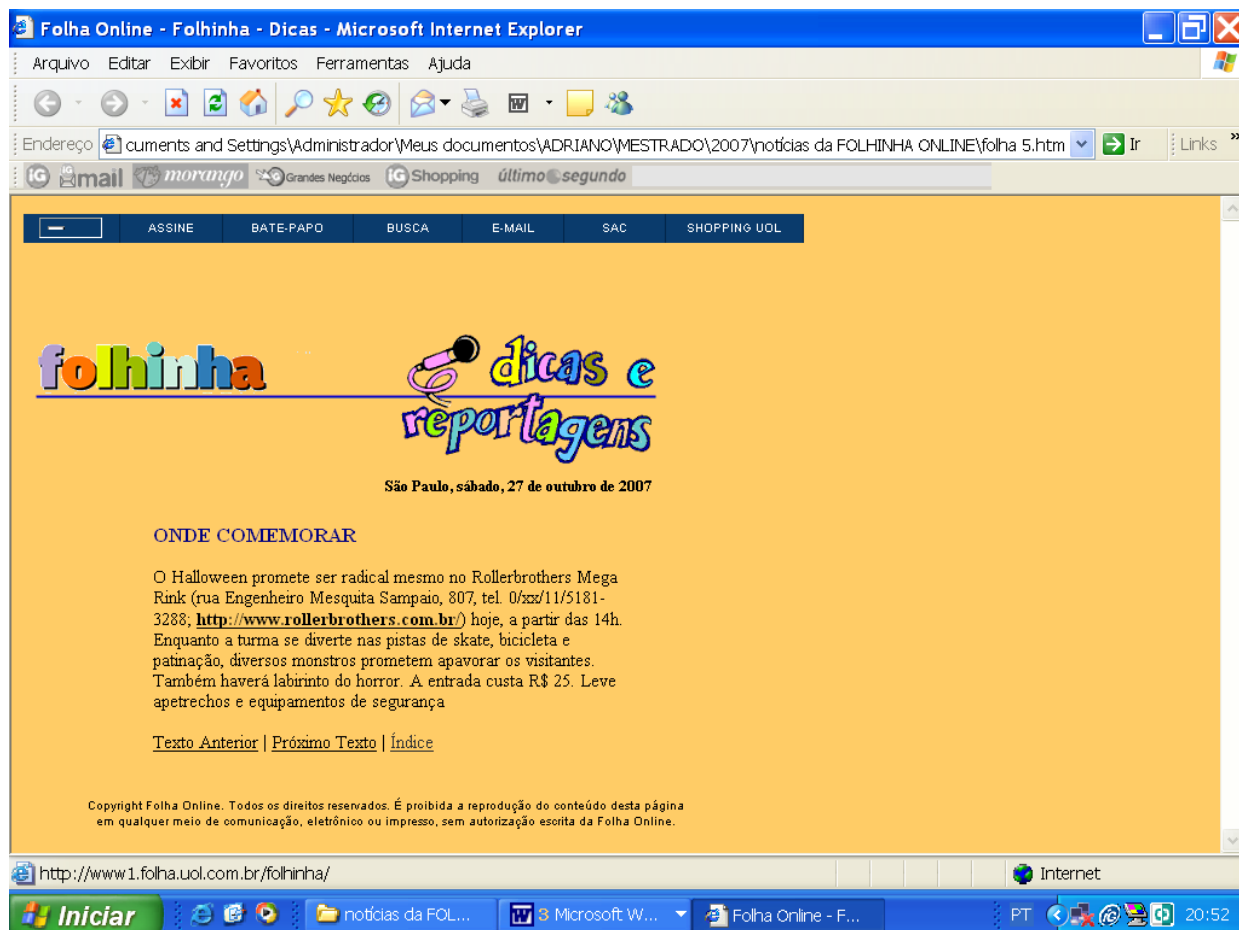
WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 5º ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZANCHETTA, Juvenal. *Imprensa escrita e telejornal*. São Paulo: UNESP, 2004.

SITES CONSULTADOS

WIKIPEDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal>>. Acesso em 02/08/2007 às 14h50.

ANEXO 1 - Versão de uma notícia da página do site *Folhinha On-line*



Página do site Folhinha on-line. Acessado em 24/10/2007 às 20h52.

ANEXO 2 - Versão de uma notícia da página do site *Folhinha On-line*

folhinha dicas e reportagens


São Paulo, sábado, 3 de janeiro de 2004

BALÉ

Prova na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil seleciona 86 crianças

Vestibular da dança

Jorge Araújo/Folha Imagem



Mariana Zschoerper, 13, durante aula no Bolshoi

KATIA CALSAVARA
ENVIADA ESPECIAL A JOINVILLE (SC)

Aprender a dançar é como aprender a andar. No começo a gente precisa da ajuda dos pais, até o momento em que dá para correr com segurança. Na dança clássica, também conhecida como balé, acontece a mesma coisa- é só trocar o braço dos pais por uma barra e um bom professor.

Uma das maiores escolas de balé do país, a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, fica em Joinville, Santa Catarina. Existe há quase quatro anos e é a única filial do mundo da mesma escola da Rússia, que existe há mais de 230 anos.

"Bolshoi", em russo, quer dizer "grande". A idéia é justamente essa: fabricar grandes bailarinos. Em quatro anos vai se formar a primeira turma da escola e, depois, cerca de cem bailarinos por ano. E como são os alunos que entram nessa escola? A Folhinha acompanhou o exame classificatório em que concorreram mais de 750 crianças, selecionadas entre outras 24 mil. Desse total, 86 vão estudar gratuitamente durante oito anos, com direito a transporte, lanche e uniforme.

Com números pregados no peito, as crianças aguardavam ansiosas pela hora do teste. Elas passaram pelo exame médico para depois serem submetidas a uma espécie de "vestibular da dança", em que foram analisadas as habilidades físicas e o potencial artístico de cada uma.

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha Online.

Página do site *Folhinha on-line*. Acessado em 24/10/2007 às 20h52.